



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**AS FEIRAS LIVRES DA PRAÇA DO BICALHO E DAS ENTREQUADRAS DA QND
DE TAGUATINGA (DF): ESPAÇOS DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E
REPRESENTAÇÕES NA OCUPAÇÃO DA CIDADE**

MAYARA FREIRE COSTA

BRASÍLIA

2023



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**AS FEIRAS LIVRES DA PRAÇA DO BICALHO E DAS ENTREQUADRAS DA QND
DE TAGUATINGA (DF): ESPAÇOS DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E
REPRESENTAÇÕES NA OCUPAÇÃO DA CIDADE**

Mayara Freire Costa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília, na linha de Pesquisa História Cultural, Memória e Identidades, como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Eloísa Pereira Barroso

BRASÍLIA

2023

Mayara Freire Costa

**AS FEIRAS LIVRES DA PRAÇA DO BICALHO E DAS ENTREQUADRAS DA QND
DE TAGUATINGA (DF): ESPAÇOS DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E
REPRESENTAÇÕES NA OCUPAÇÃO DA CIDADE**

Brasília, 30 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª Eloísa Pereira Barroso (Orientadora)
Universidade de Brasília

Prof^ª. Dr^ª Cristiane de Assis Portela (Examinadora Interna)
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro
Universidade Federal de Goiás

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar e compreender as representações culturais estabelecidas nas feiras livres de Taguatinga (DF) e como estas são responsáveis por construir identidades nas práticas cotidianas da cidade. Estas relações de memória e afetividade construídas no espaço das duas feiras, estão relacionadas também com o processo de ocupação de Taguatinga (DF). A reflexão deste tema terá como análise a narrativa dos que integram a Feira do Bicalho e QND (feirantes e fregueses) com o intuito de inscrevê-los dentro do processo de escrita historiográfica.

É neste sentido que a História Oral é imprescindível, onde a fala dos feirantes e dos frequentadores apresentam distintas representações sobre o mesmo espaço, o modo como se constituem e constroem as suas identidades, evidenciando aquilo lhes é significativo. Estes feirantes entrevistados e entrevistadas não são observados separados do seu ambiente, mas são agentes ativos e participantes de um roteiro de entrevistas que incorpora o vivido. Esta metodologia mais aberta permite, por meio da narrativa, a busca de pormenores na subjetividade da fala, que se desdobra em outras perguntas gerando massas de memórias que compõem a análise deste trabalho interpretando aquilo que foi evocado no momento.

E assim, os usos da memória por meio da História Oral permitem o acesso às dimensões mais sensíveis do saber fazer, viver e organizar os ofícios que constroem as representações e autorrepresentações dos feirantes. Partindo do entendimento de que as feiras são locais de densas formações históricas e sociais, englobando ampla diversidade de representações e identidades, estes processos configuram-se de forma diferenciada conforme suas particularidades locais e os elementos culturais ali presentes nas cidades onde são instaladas. Portanto, estas duas feiras em Taguatinga (DF) por serem formações a partir de processos distintos, que assim como as demais feiras do Distrito Federal também precisam ser estudadas e representadas sob a narrativa dos atores sociais que as constituem, abrem também a possibilidade de entender a formação de identidades destes ambientes e como estes indivíduos relacionam-se com a informalidade e ocupação do espaço público das cidades.

Palavras - Chaves (Em Português): História Oral, Memória, Identidade, Representações, Feira Livre, Taguatinga.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze and understand the cultural representations established in Taguatinga (DF) street markets and how they are responsible for building identities in the city's daily practices. These memory and affection relationships built in the space of the two fairs are also related to the process of occupation of Taguatinga (DF). The reflection on this theme will analyze the narrative of those who are part of Feira do Bicalho and QND (marketers and customers) with the aim of inscribing them within the process of historiographical writing.

It is in this sense that Oral History is essential, where the speech of stallholders and regulars present different representations of the same space, the way in which they constitute and build their identities, showing what is significant to them. These interviewed stallholders are not observed separately from their environment, but are active agents and participants in an interview script that incorporates the experience. This more open methodology allows, through narrative, the search for details in the subjectivity of speech, which unfolds in other questions generating masses of memories that make up the analysis of this work, interpreting what was evoked at the time.

And so, the uses of memory through Oral History allow access to the most sensitive dimensions of know-how, living and organizing the crafts that build the representations and self-representations of the stallholders. Based on the understanding that fairs are places of dense historical and social formations, encompassing a wide diversity of representations and identities, these processes are configured differently according to their local particularities and the cultural elements present there in the cities where they are installed. Therefore, since these two fairs in Taguatinga (DF) are formations based on different processes, which, like the other fairs in the Federal District, also need to be studied and represented under the narrative of the social actors that constitute them, they also open the possibility of understanding the formation of identities in these environments and how these individuals relate to the informality and occupation of public space in cities.

Palavras - Chaves (Em Inglês): Oral History, Memory, Identity, Representations, Open Market, Taguatinga.

AGRADECIMENTOS

Poder escrever sobre feiras no Distrito Federal, é antes de mais nada poder também contar a minha história e de muitas pessoas que partilham neste lugar memórias, afetos, conversas nos corredores, a cerveja gelada, o mocotó, o sarapatel e a buchada. O tempero moído na hora, os queijos, os doces, o frescor das hortaliças e os “gracejos” dos donos das bancas.

Nas minhas mais doces memórias da infância, lembro-me de ser levada pela minha mãe à Feira da Ceilândia para comprar as roupas de Natal e Ano Novo, aquilo era para mim um ritual de coroamento do final de ano. Tenho o privilégio de residir próximo às duas feiras estudadas, Praça do Bicalho e entrequadras da QND, sair da escola ao meio dia e poder comprar frutas, verduras, temperos e plantas para decorar a minha casa tornou-se um dos meus prazeres da vida adulta.

Agradeço primeiramente ao senhor dos mercados, das trocas, da comunicação, aquele que abriu meus caminhos de possibilidades e manteve-me firme no meu propósito de realizar as entrevistas de forma proveitosa e prazerosa. Laroyê, Exu!

Agora no plano material, os agradecimentos mais importantes direcionam-se às minhas entrevistadas e meus entrevistados, Maria das Dores, Divino, João, Carlos, Antonio Querino, Francineide, Manoel, Vanessa e Sheila. Foram estas pessoas que tornaram este trabalho possível de ser realizado. Agradeço cada conversa e a gentileza com a qual fui recepcionada.

Um caloroso agradecimento a minha orientadora, professora Eloísa Pereira Barroso, que com suas contribuições, leituras e correções minuciosas acompanhou-me nesta empreitada acadêmica.

Afetuosamente agradeço ao professor Robson Laverdi que com suas aulas ensinou-me que História Oral só acontece a partir de uma escuta sensível onde a subjetividade seja o âmago do que se pretende estudar.

Um profundo agradecimento à professora Cristiane Portela e ao curso Outras Brasília por toda acolhida, companhia em Congressos e Seminários, apontando as possibilidades acadêmicas da minha pesquisa.

À minha mãe agradeço por me repassar o apreço pelas feiras, todo apoio dado de forma ilimitada, independente do projeto que tenho em vista, é ela a principal entusiasta de qualquer vitória alcançada em minha vida.

Ao meu filho Victor que compreendeu as minhas ausências e oscilações de humor durante o processo da escrita.

As amigas Anna Lorena, Luísa e Thalita Dantes que me mostraram que o caminho acadêmico não precisa ser solitário, com elas pude compartilhar os dissabores e prazeres da pesquisa. Agradeço também a minha amiga Laís que tornou possível a minha visita ao CEDOC, apresentando-me Chico Lima e Mauro Roberto que gentilmente me auxiliaram com os cadernos de pesquisa.

Sobre afeto, conexão e companheirismo, agradeço a Sandra Maria que foi muitas vezes bombardeada com trechos de textos nos mais diversos horários, e que com toda gentileza e conhecimento me acolheu e fez importantes pontuações.

Por fim, a todas amigas e amigos que indiretamente contribuíram com apoio emocional, confiança e entusiasmo, vocês também são parte significativa dessa trajetória.

LISTA DE SIGLAS

ARPDF - Arquivo Público do Distrito Federal

CEDOC/Arquivo do Correio Braziliense - Centro de Documentação do Correio Braziliense

CEI - Campanha de Erradicação de Invasões

CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

NOVACAP - Companhia Urbanizadora da Nova Capital

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1 - “É dia de feira”: Formação de Taguatinga e o surgimento das feiras livres da Praça do Bicalho e entrequadras da QND.....	22
1.1 Origem e historicidade das feiras.....	22
1.2 Feira da Praça do Bicalho.....	33
1.3 Feira das Entrequadras da QND.....	40
Capítulo 2 - A História da Feira é também História da cidade.....	48
2.1 - “A feira é meu ganha pão”: Diálogos com Milton Santos sobre circuito inferior da economia.....	52
2.2 “ Tenho 49 anos de feira e estou aqui até hoje”: As feiras como espaços de resistência.....	54
2.3 O espaço vivido: Relações das feiras do Bicalho e QND com a formação de Taguatinga.....	57
2.4 “ Aqui tudo eu vivenciei”: A subjetividade como âmago da memória.....	69
Capítulo 3 - Sociabilidade, Identidade e Representações.....	78
3.1 “Aqui é a minha terapia”: Sobre os laços de sociabilidade nas feiras.....	80
3.2 A identidades e os tensionamentos.....	92
Considerações Finais.....	112
Fontes.....	116
Referências Bibliográficas.....	117

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo sobre as Feiras da Praça do Bicalho e das entrequadras na QND de Taguatinga e que tem como base entrevistas feitas com feirantes e frequentadores das duas feiras em diálogo com autoras e autores que fundamentaram teoricamente esta pesquisa. As memórias coletivas das Feiras do Bicalho e QND foram analisadas neste trabalho por meio da História Oral. Segundo Silveira (2007), as narrativas orais são narrativas de identidade no sentido de que o entrevistado mostra como se reconhece dentro de um espaço, e como é visto também por outros sujeitos. Diante das leituras feitas sobre as Feiras do Distrito Federal, encontrei muitos trabalhos sobre a Feira da Ceilândia, do Guará e da Torre de TV, porém poucos trabalhos sobre a Feira Permanente de Taguatinga e nenhum sobre as Feiras do Bicalho e da QND. Partindo do entendimento de que as feiras são locais de densas formações históricas e sociais, englobando ampla diversidade de representações e identidades, estes processos configuram-se de forma diferenciada conforme suas particularidades locais e os elementos culturais ali presentes. Portanto, escolhi estas duas feiras em Taguatinga “esquecidas” até o presente momento, por serem formações que configuram processos distintos de ocupação do espaço urbano, que assim como as demais feiras do Distrito Federal também precisam ser estudadas e representadas sob a narrativa dos atores que as constituem, abrindo também a possibilidade de entender a formação de identidades destes ambientes e como estes indivíduos relacionam-se com a informalidade e ocupação do espaço público.

Conhecer a Feira da Praça do Bicalho e das entrequadras da QND é entendê-las como fruto do processo urbano e de ocupação dos espaços da cidade, e que possuem uma fecunda historicidade dotada de memórias e afetividades. Mediante a análise das fontes aqui elencadas o problema de pesquisa que norteia esta dissertação consiste em: como as feiras da Praça do Bicalho e das entrequadras da QND são representadas e vivenciadas pelos atores sociais na dinâmica de ocupação do espaço público de Taguatinga?

Diante dessa problemática de pesquisa, escolhi estas duas feiras em Taguatinga por serem formações a partir de processos distintos, que assim como as demais feiras do Distrito Federal também precisam ser estudadas e representadas sob a narrativa dos atores sociais que as constituem, abrindo também a possibilidade de entender a formação de identidades destes

ambientes e como estes indivíduos relacionam-se com a informalidade e ocupação do espaço público.

Outra fonte utilizada neste trabalho são entrevistas do Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal, que trazem também uma diversidade de olhares por serem fontes de temporalidades distantes das fontes produzidas para este trabalho. Neste caso, as feiras livres de Taguatinga são mencionadas como “ponto de partida” para a formação da Feira Permanente de Taguatinga.

Este conjunto documental de depoimentos do ARPDF, também são passíveis de críticas, segundo Voldman (2006) toda fonte oral, seja produzida ou utilizada por outro historiador que irá servir-se dela, tem status de fonte e por isso não dispensa um tratamento crítico (contexto geral e particular, data, forma, natureza etc.) do testemunho solicitado (VOLDMAN, 2006, p. 249). É neste sentido que a História Oral é imprescindível, onde a fala dos feirantes e dos frequentadores apresentariam distintas representações sobre o mesmo espaço, o modo como se constituem e constroem as suas identidades, evidenciando aquilo lhes é significativo.

Portanto, a História Oral é uma força ativa da cultura e não só um modo de contar o passado ou uma metodologia complementar, mas dá compreensão histórica da interação social e captura as estruturas de sentimentos daquele indivíduo em tempos e espaços. Neste trabalho as entrevistas não são uma recuperação do processo “puro e pleno”, não há intenção de compreender de modo linear, mas de buscar a totalidade presente em cada uma delas. É imprescindível considerar as subjetividades das entrevistas como âmago da memória, pois as experiências dos indivíduos indicam horizontes diversos e também coletivos, que revelam várias leituras do mundo das representações. O objetivo da produção destas entrevistas é ouvir e dialogar com as vozes dos atores sociais, compreendendo o modo de como se veem e se inscrevem dentro deste espaço feirante. Portanto, para compreender as representações culturais de um lugar é necessário ouvir os sujeitos e envolvê-los no processo de escrita. No debate sobre aquilo que se tem como cultura relaciono o pensamento de Raymond Williams (1958) em sua obra “*cultura é algo comum!*”

Esses são os processos ordinários das sociedades humanas e das mentes humanas, e observamos através deles a natureza de uma cultura: que é sempre tanto tradicional quanto criativa; que é tanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais. Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns quanto os mais refinados significados individuais. Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns e para designar as

artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo.
(WILLIAMS, 1985, p.5)

Este conceito de cultura colocado por Raymond Williams está ligado às experiências pessoais correspondentes ao local, o regional, sendo um modo de vida que se reproduz constantemente, onde os sujeitos vivem seus tempos e o social histórico multifacetados. Portanto, a História Oral é uma força ativa da cultura e não só um modo de contar o passado ou uma metodologia complementar, mas dá compreensão histórica da interação social e captura as estruturas de sentimentos daquele indivíduo em tempos e espaços.

Com relação a metodologia utilizada para a produção de entrevistas que compõem este trabalho, a utilização da História Oral como procedimento ativo de investigação não ocorre somente como algo complementar às fontes bibliográficas, ou para comprovar aquilo o que estas dizem, mas sim linguagens ativas de sujeitos que vivem estruturas de sentimentos de uma luta de pertença a processos.

Esta luta verbalizada pelos atores sociais que a vivenciam, permite conhecer sentimentos, ações, representações e experiências ainda não contadas, o que permite inserir a memórias destes indivíduos no processo de escrita historiográfica, conforme Alistair Thomson (2000):

A história oral, definida por Ronald J. Grele como "entrevistas com participantes, testemunhas oculares dos eventos do passado, visando a reconstrução histórica" é um valioso método de pesquisa, imprescindível para a história do século XX.⁷ Ela permite acesso à experiência não documentada - inclusive as vidas de líderes que ainda não escreveram suas autobiografias - e, mais importante, às "histórias ocultas" dos marginalizados: trabalhadores, mulheres, indígenas, minorias étnicas e membros de outros grupos oprimidos, ou excluídos. As entrevistas de história oral também permitem explorar aspectos da experiência histórica que raramente são registrados, tais como relações pessoais, vida doméstica e a natureza de organizações clandestinas. (ALISTAIR, 2000, p.51)

Os estudos em torno da História Oral surgem nos anos 70 e 80 numa virada historiográfica que apontava novos caminhos investigativos, ampliando o campo de visão analítico para além dos domínios de uma história tradicional e predominantemente escrita. A guinada que houve trouxe as discussões da História Cultural que se abria como um novo campo historiográfico, segundo Chartier (1998), “havia uma emergência de novos objetos, novos territórios que o historiador poderia direcionar o seu processo investigativo.” Neste sentido a História Oral tornou-se um caminho viável para investigar, no trabalho em tela,

processos históricos que envolviam os feirantes que reverberam seus próprios tempos, subjetividades e sentidos emergentes num processo ativo da cultura ao relatarem suas experiências ao longo do tempo nas suas atividades nas feiras livres de Taguatinga.

A História Oral como orientadora de prática investigativa abre espaço para emergir maior entendimento das formas pelas quais as pessoas produzem sentidos para os lugares que habitam, como se percebem e atribuem valores ao seu espaço, segundo Janaína Amado (1995), as dimensões mais sensíveis de uma narrativa, alcançadas pela História Oral, “permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm” (AMADO, 1995, p. 11).

Estes mesmo sujeitos vivem tempos sociais e históricos multifacetados, assim as narrativas que os feirantes oferecem são fontes com tempos residuais que se forjam no mesmo instante da entrevista. Sarlo (2007) indica que todo relato se constitui em meio a dada realidade e contextualização. Por meio do contexto destas duas feiras nas dimensões espaciais e temporais podemos perceber a posição do feirante em meio à trama dos processos históricos atualizados no tempo e no espaço do relato, relato este que expõe, os lugares de inserção do sujeito, bem como os diversos círculos em que está inserido, mas para além disso: como as experiências individuais vividas dialogam com o mundo social e vice-versa. De acordo com Alessandro Portelli (2000) as memórias dos indivíduos são reconstituídas a partir de suas lutas, que dão movimento a sua narrativa, de processos que são muitas vezes conflituosos

Acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você "recorda" a história, mas memória "como" história. (PORTELLI, 2000. p.25)

Certamente, as memórias individuais evocam estruturas de sentimentos como referências para a construção de uma narrativa de um indivíduo, além de ser fruto das demandas do presente a partir de vivências do passado. A memória não traz a tona o processo “puro e pleno”, e nem deve o historiador partir destas considerações por ser a História Oral uma metodologia de perspectiva mais ampla e diversa. “Falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real,

emitida pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor.” (MATOS; SENA, 2011, p. 98).

Cada indivíduo singulariza o mundo ao seu redor, portanto, não é somente a história das pessoas que cabe a História oral publicizar, mas como o modo de interação com o ambiente modela as narrativas e a subjetividade desta. Cabe ao historiador considerar como campo fecundo as experiências humanas no cotidiano, como o próprio ato de narrar, que são sentidos dados a este mundo.

O cotidiano emerge como espaço social prenhe de historicidade, uma vez que é nessa dimensão do viver que se cruzam vários eixos temporais, referidos às experiências concretas dos indivíduos e à percepção que tem delas. A narração como interpretação que se dá no plano lógico, como construção de um enredo, apreende as multiplicidades temporais das vivências (inclusive aquelas explicitadas como manifestações do plano perceptivo e do sentimento) relativas às circunstâncias em que as situações são experimentadas, possibilitando, assim o resgate de vozes diferenciadas. (BARBOSA, 1997, p. 297)

As fontes orais provocam reflexões de matéria viva, que é a emergência da experiência social, aquilo que é vivido pelos atores sociais e elementos que estes agenciam em suas narrativas, pois ao registrá-las o historiador deve situar-se também nesta experiência. O desafio não é entender somente a entrevista, mas sim o seu lugar, onde cada campo de saber é uma via de possibilidade e circunscrição. Neste trabalho a subjetividade da memória não representa um obstáculo para a composição desta pesquisa, pois é um elemento presente e vivo das experiências dos feirantes e frequentadores das feiras do Bicalho e QND, indicam horizontes analíticos, diversos e coletivos que revelam um dinamismo na leitura de mundo. Portanto, deixá-las de lado seria uma forma de simplificar objetivamente esta pesquisa histórica.

Conforme Ivone Cordeiro (1997) o historiador não interpreta as narrativas que são produzidas pelos sujeitos sociais somente com os elementos dados por sua própria percepção, mas é necessário pensar o tempo de sua produção, bem como os tempos que reverberam as ações e estruturas de sentimentos do entrevistado. É um exercício sensível de escuta e de desvendar as camadas daquilo que deseja ser visto e revelado pelo entrevistado, e o segundo é o ausente, o silêncio e as memórias subterrâneas daqueles que foram marginalizados e

excluídos de processos históricos (POLLACK, 1989, p2), pois aquela memória se relaciona com outras camadas e também se conflita.

A História Oral opera com memórias sociais e coletivas como pontos de alargamento de perspectivas necessárias para a compreensão de representações e autorrepresentações culturais construídas na feira enquanto lugar de memória (NORA, 1985). Esta é a forma de como estes lugares de memória são pensados por Pierre Nora:

São lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. (NORA, 1985, p.21)

Sobre as fontes do Arquivo Público, são entrevistas em formato de áudio, produzidas pelo programa de História Oral, que estão nas pastas relacionadas a “Feiras Livres” nos arquivos digitais desta instituição. Sobre estas fontes, as entrevistas foram produzidas pela iniciativa do próprio Arquivo Público para fornecer subsídios de pesquisa para os usuários do órgão, facilitando a pesquisa histórica e divulgando o acervo que está disponível para o público externo. Sobre o Programa de História Oral do ArPDF, Isabel Escobar Crescêncio (2013) coloca que:

Dessa maneira, o Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal caracteriza-se por prever a constituição de um acervo de depoimentos com a finalidade de proporcionar maior acesso ao público pesquisador que frequenta o ArPDF, ressaltando a necessidade de resguardar os direitos do entrevistado. O Programa de História Oral, junto ao trabalho desenvolvido pelos historiadores, objetiva a produção de documentos sonoros a partir da utilização da técnica e dos recursos apropriados, transcrição, edição, publicação e, principalmente, proporcionar o acesso público aos documentos. (CRESCÊNCIO, 2013, p. 5)

Diante do exposto foi utilizado para pesquisa entrevistas do Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal, matérias do Jornal Correio Braziliense que tratam das feiras analisadas, bem como entrevistas semiestruturadas por mim produzidas. Quanto a documentação do ARPDF é importante ressaltar que objetivo do Programa de História Oral

do Arquivo Público do Distrito Federal em produzir estas entrevistas é ampliar as perspectivas do que se tem como documentos oficiais relativos à construção de Brasília, ouvindo atores sociais que conectam suas práticas comerciais com as histórias de suas Regiões Administrativas, contribuindo significativamente para a compreensão do passado devido as múltiplas representações que constroem da narrativa de si.

Os áudios das entrevistas estão disponibilizados em computadores da sala principal de pesquisa do Arquivo Público, organizados em uma pasta de conteúdo geral por nome de Feiras Livres e subpastas conforme as cidades satélites que abrigam suas feiras. A transcrição destas entrevistas segue a mesma metodologia de organização dos áudios, através de pastas e subpastas. No intuito de orientar e apresentar ao público externo as entrevistas, o Arquivo Público confeccionou cadernos de pesquisa, conhecidos como “Catálogos de Depoimentos Oraís”.

Neste catálogo são pontuados previamente os temas abordados na entrevista: síntese dos dados biográficos; origem familiar dos feirantes; atividades desenvolvidas em outras localidades em torno de Brasília; os vários locais pelos quais a feira passou; como foi recebida a mudança da feira livre para a feira permanente; relatos sobre a distribuição ou venda de bancas e as atividades desenvolvidas pelos feirantes. O Catálogo de Depoimentos Oraís II mapeou e organizou 45 entrevistas produzidas com feirantes de diversas localidades do Distrito Federal para compreender as várias especificidades e identidades que possuem em cada cidade satélite.

O critério de busca desses depoimentos, que é também uma das etapas da metodologia utilizada, consistiu em selecionar feirantes que tivessem uma chegada na feira ainda nos anos 60, de modo que por meio de suas histórias de vida e formas de representar o espaço vivido e experienciado, também se compreendesse a formação de Taguatinga bem como as relações sociais estabelecidas com essa Região Administrativa.

A utilização, inicialmente, das fontes do Arquivo Público do Distrito Federal, permite uma compreensão da perspectiva da oficialidade sobre as práticas culturais cotidianas das feiras livres de Taguatinga. Os entrevistados comentam sobre o surgimento da feira, condições de trabalho, o movimento das vendas juntamente com situações pessoais vivenciadas naquele ambiente. Nas fichas das entrevistas transcritas, constam as referências que indicam o nome do entrevistado, os entrevistadores e responsáveis pelos levantamentos de dados, roteiro, conferência e leitura final. Compreendo a importância das entrevistas do Arquivo Público como documentação que corresponde a historicidade destas feiras, porém

possui um caráter demasiadamente técnico no intuito de catalogar as feiras como referências culturais para fins da instituição.

Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo “nível de evocabilidade” ou de memorabilidade. Eles são representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação. A lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de “seleção mnemônica e simbólica” de certos fatos reais e imaginários - qualificados de acontecimentos- que presidem a organização cognitiva da experiência temporal. São como átomos que compõem a identidade narrativa do sujeito e asseguram a estrutura dessa identidade (CANDAU, 2021, p.98)

No que se refere às matérias de jornais utilizadas nesta pesquisa, o intuito de elencá-las na composição da narrativa, diz respeito a promover um diálogo entre as noções de representações que se tem sobre a feira, de modo a estabelecer uma intertextualidade que daria sentido ao debate suscitado pelos próprios feirantes quando colocam a feira como um local fecundo de sociabilidade e visibilidade em Taguatinga. As matérias foram retiradas do jornal *Correio Braziliense* escolhido por ser o primeiro jornal da capital do país que há 63 anos retrata o cotidiano do Distrito Federal. Foram utilizadas duas reportagens com os respectivos títulos “*Entre cantorias, galinhas e caranguejos*” e “*Feira de Taguatinga virou mercado Persa*”, ambas estão localizadas nos cadernos de pesquisa do CEDOC/Arquivo do Correio Braziliense.

A primeira matéria foi publicada no dia 5 de junho de 1995, na página 10 no caderno “*Taguatinga*”, já a segunda foi publicada no dia 22 de julho de 1971. As duas matérias possuem temporalidade distantes, mas dialogam com os tempos narrados pelos próprios feirantes. A pesquisa pelas matérias de jornais se deu no próprio CEDOC do Correio Braziliense mediadas pelo arquivista que era plantonista no dia. O caminho metodológico para chegar até essas reportagens deu-se, inicialmente, através do recorte temporal escolhido entre os anos 70 a 2000, que eram os tempos mencionados pelos próprios feirantes, que seriam as tentativas de ordenamento do espaço das feiras, retirando-as do local de origem para estabelecimento de uma Feira Permanente. Após a delimitação dos anos, procurei por meio da palavra chave “feira” nas fichas catalográficas que traziam um breve resumo sobre a matéria. Em seguida, ao localizar com precisão a data, consultei o caderno de publicações, fiz a leitura da reportagem e o arquivista efetuou a cópia autorizada pelo Arquivo.

A narrativa que compõe os capítulos dessa dissertação são aqui utilizadas no sentido de compreender as diferentes representações, memórias e identidades sobre as Feiras do Bicalho e das entrequadras da QND. Portanto, para este intento, foram produzidas 11 entrevistas, sendo 8 de feirantes (todos trabalham na Feira do Bicalho e também na QND), 1 frequentadora das duas feiras e 2 entrevistas do ARPDF.

A caminhada ao longo das duas feiras, da Praça do Bicalho e da QND, nos dias de domingo e quinta-feira, foram fundamentais para perceber o campo de pesquisa, identificar a dinâmica do ambiente feirante e verificar as possibilidades de convidar os feirantes e frequentadores para a participarem da entrevista. Segundo Magnani (1996) reconhecer o campo a ser pesquisado e identificar a dinâmica dos entrevistados enquanto atores sociais da pesquisa, é fundamental para pensar a escolha dos interlocutores. A princípio, senti certa dificuldade em realizar o procedimento das entrevistas, visto que é necessário, além da minha apresentação enquanto pesquisadora, explicar os objetivos da entrevista de modo simplificado para me fazer entender e realizar uma leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido enquanto o feirante continua com as vendas e comunicação com os passantes.

Sendo assim, respeitando o fluxo do trabalho dos colaboradores, decidi optar por começar as entrevistas com uma feirante já conhecida por mim para deste modo me situar neste processo, entendendo o tempo de cada um dos colaboradores e a melhor maneira de realizá-las. Neste caso, D. Maria das Dores e Divino foram dois grandes facilitadores do processo de entrevistas, que compartilharam suas vivências dentro das feiras, a relação com os colegas do trabalho, além de demonstrar a satisfação em contribuir e tornarem-se parte da produção da pesquisa. É importante ressaltar que mantive uma maior proximidade com estes dois entrevistados, acompanhando de maneira mais próxima o trabalho e cotidiano nas feiras, porém não significa que desprezei a vivência e experiências dos outros interlocutores, mas foi uma questão de respeito ao tempo e ao espaço de trabalho dos demais atores sociais.

Ao iniciar o processo das entrevistas, refleti sobre a minha postura de pesquisadora neste ambiente, de modo que não utilizasse uma linguagem carregada de academicismo, ao mesmo tempo em que não confundisse o papel de pesquisadora com o que ser freguesa nestas feiras. Tentei equilibrar os papéis sociais em minhas observações e experiências como pesquisadora, ao passo que enquanto freguesa de algumas bancas eu pudesse utilizar alguns elementos para me integrar a este espaço e que propiciasse uma escuta sensível. Enquanto freguesa estava sempre atenta as estratégias utilizadas pelo feirante no ato de vender a

mercadoria, o atendimento aos outros fregueses, as interações e relações sociais estabelecidas naquele lugar. Deste modo, construi uma pequena biografia de cada um dos entrevistados

Maria das Dores, 65 anos, mulher negra, natural de Unaí em Minas Gerais. Veio para Brasília ainda criança. Estudou na Escola Normal, atuou em sala de aula aos 18 anos no 4 de Ceilândia. No entanto, não se identificou com a rotina de sala de aula, preferindo o trabalho na feira juntamente com seu falecido marido que era chacareiro. Maria tem uma filha e um filho chamado João (entrevistado também para este trabalho) que cresceram nas feiras. Em sua banca Maria vende verduras e folhagens, atuando nas feiras do Bicalho, Vila Matias e Vila Dimas.

Divino, homem branco, idade não informada, natural de Anápolis em Goiás. chegou em Taguatinga no ano de 1967 ainda criança. Morou numa invasão, num lugar conhecido como Ferragens Pinheiro. Foi ajudante de carroceiro juntamente com seu pai, atuou na Feira do Bicalho e da QND como feirante. Tornou-se líder da Associação dos feirantes livres e no ano de 1999 foi nomeado Diretor Regional de Serviços Públicos de Taguatinga. É advogado e professor de Educação Física. Em 2022 candidatou-se como Deputado Distrital.

Carlos, homem negro, idade não informada, natural de Brasília. Trabalhava com o pai empurrando carrinho de compras e armando bancas. Relata sobre as dificuldades que enfrentou no início das feiras livres em Taguatinga. Atua na feira do Bicalho e na QND. Em sua banca vende frutas e gueroba.

Antônio Querino, homem branco, 77 anos, natural da cidade de Bananeiras na Paraíba. Foi criado na cidade de Ituiutaba durante 16 anos. Veio para Brasília juntamente com seus pais em 1967. Trabalhou 7 anos na construção civil e depois nas feiras do Bicalho, QND, Vila Dimas e Vila Matias durante 49 anos. Em sua banca vende verduras.

Francineide, mulher branca, 42 anos, natural de Brasília. Iniciou os trabalhos na feira aos 7 anos juntamente com seus pais. cursou Enfermagem, mas preferiu não atuar na área. Com auxílio de suas economias guardadas montou sua banca e há 32 anos atua nas feiras do Bicalho, QND, Vila Matias e Vila Dimas. Em alguns dias da semana, no período da tarde, leva a sua filha para atender seus clientes. Em sua banca vende carne, linguiça e frango.

Manoel, homem branco, 75 anos, natural do Piauí. Veio para Taguatinga onde relata sobre as dificuldades que enfrentou com seus 7 filhos. Iniciou seus trabalhos na feira em 1984, sua rotina de trabalho começava das 4 da manhã até as 18 horas. Há 2 anos entregou a banca para um de seus filhos trabalhar devido ao avanço da idade e cansaço. Atualmente gosta de coordenar as compras de mercadorias para a sua banca e faz da feira seu lugar de lazer e socialização. Em sua banca vende doces, queijo e tempero.

Vanessa, idade não informada, mulher branca, natural do Maranhão. Veio para Taguatinga em 2010. Juntamente com seu marido e o filho mais velho trabalha há 12 anos na Feira do Bicalho, QND, Vila Matias e Vila Dimas. Vanessa conta sobre a importância de manter os filhos em contato com a feira para que possam aprender não somente este trabalho, mas para adquirirem educação financeira. Em sua banca vende alho e temperos.

João, homem negro, idade não informada, natural de Brasília. Filho da feirante Maria das Dores, iniciou seus trabalhos na feira aos 7 anos de idade colhendo hortaliças nas chácaras para vender na feira. Durante a adolescência desempenhou trabalhos braçais na montagem da banca de sua mãe. Ao terminar o Ensino Médio saiu das feiras, preferindo trabalhar com Tecnologia da Informação. Atualmente é casado, mora no Guará 2, tem uma filha de 7 anos.

Sheila, mulher branca, 34 anos, natural de Brasília. É frequentadora da feira da Praça do Bicalho e da QND. Costumava ir a feira aos domingos com os pais e conservou este hábito mesmo com a vida adulta, que segundo ela é uma terapia. Atualmente é professora de Artes na SEDF.

ENTREVISTAS PRODUZIDAS PELO ARQUIVO PÚBLICO

Armenes Nerces Abikian, na época da gravação com 65 anos, natural do Líbano. A entrevista foi gravada por Deuzíria de Carvalho Soares e transcrita por Lydia Fernandes Borges. Com duração de 2h e 35 minutos, onde a transcrição possui 52 páginas. Realizada em Brasília (DF) na residência do entrevistado no dia 25 de junho de 2001 com início às 14 horas e 25 minutos. A entrevista traz os seus dados biográficos, considerações sobre as atividades desenvolvidas no Líbano e sua chegada no Brasil. Relata sobre o surgimento das feiras ainda no Núcleo Bandeirante, sua atuação em Taguatinga e a forma como recebeu a mudança de feira livre para permanente.

Elmiro da Cunha Pinto, na época da gravação com 58 anos, natural de Monte Carmelo em Minas Gerais. A entrevista foi gravada por Helcy de Fátiam Bonifácio Perez Nunes e transcrita por Márcia Meneleu Brandão Gracindo. Com duração de 43 minutos, onde a transcrição possui 23 páginas. Realizada em Brasília (DF) na residência do entrevistado no dia 13 de outubro de 2003, com início às 13 horas e 52 minutos. A entrevista traz os dados biográficos, sua chegada em Brasília bem como a adaptação em Taguatinga. Considerações sobre como conseguiu um box na feira permanente e sua passagem pela feira livre de Taguatinga.

A partir da pequena biografia apresentada, os entrevistados possuem diferentes perfis sociais e formas diversas de vivenciar as feiras. E assim, entendendo as vivências e experiências destes indivíduos como compreendem, representam, formam suas identidades a partir dos elementos e sentidos conferidos ao ambiente feirante, toma-se esses depoimentos como base para esta pesquisa.

Diante do exposto a dissertação será organizada em três capítulos, que visam responder às questões propostas neste trabalho. No primeiro capítulo, juntamente com as referências bibliográficas e demais trabalhos acadêmicos, pretendo abordar a historicidade das duas feiras, bem como as suas dinâmicas de surgimento, funcionamento, relacionadas ao próprio processo de construção de Brasília e de suas Regiões Administrativas. Um importante aspecto deste capítulo será uma descrição com maior densidade sobre cada uma das duas feiras, os seus frequentadores, suas estruturas, os tipos de atividades comerciais e produtos que são oferecidos, bem como a relação que os frequentadores possuem com os produtos e a preferência por adquirí-los nas feiras.

Já no segundo capítulo, propõe-se a pensar sobre as relações destes indivíduos com a cidade, as suas artes de fazer (Certeau, 1994), bem como as memórias vividas nesses espaços e como são percebidas em suas narrativas. O feirante enquanto participante ativo das dinâmicas urbanas, é elaborador das práticas de vendas, sociabilidades que são parte da vida nas cidades. O relato desses indivíduos vem a concordar com as reflexões que levam a compor o debate sobre economia urbana, no que diz respeito ao que seria o circuito inferior da economia pensado por Milton Santos (1979) e Oliveira (2011). E assim refletem aquilo o que viveram bem como suas lembranças de fatos que presenciaram, interagiram e conferiram sentido a suas percepções sobre o espaço que ocupam. É neste sentido onde este capítulo traz

as discussões sobre memória e História Oral, onde a subjetividade destes relatos são parte significativa da narrativa deste trabalho

O terceiro capítulo, toma como referência uma discussão já inserida no capítulo anterior, para apontar como estes atores sociais forjam as suas identidades nestes lugares de memória. As duas feiras não estão geograficamente distantes uma da outra, possuem pontos de semelhanças, mas também vários pontos que as diferenciam. Por isso, as representações construídas por estes atores sociais também seguem estas dinâmicas que se dão conforme se veem e entendem-se nestes dois locais. Neste capítulo, as discussões em torno da categoria de representações dialogam com as entrevistas de modo a atribuir sentido à própria investigação histórica proposta nesta dissertação. As memórias dos indivíduos relacionadas à estrutura da feira, o espaço físico, os laços de sociabilidade e afetividade, bem como o modo como se projetam em suas próprias narrativas, apontam para a construção de uma escrita histórica que alcança as representações que se constroem na diversidade destes ambientes. Neste sentido, este capítulo tem como intuito compreender como estas identidades se formam, se moldam, se afirmam e inserem-se no ambiente feirante. Assim, a análise de entrevistas produzidas com indivíduos de diferentes idades, compreenderá as variações geracionais e como este aspecto pode moldar as narrativas que são produzidas pelos feirantes e frequentadores.

O aspecto geracional será discutido neste trabalho como uma demanda para compreender as dinâmicas do ambiente das duas feiras, uma vez que muitas bancas são administradas por mães, pais e filhos e também existem diferentes gerações que também frequentam a feira. Desta maneira é possível perceber, de modo ampliado, como as identidades e representações são ressignificadas a cada geração e experiências vividas. Recriadas a partir das experiências vividas, as memórias sobre o passado são construídas conforme as demandas do presente, é neste processo em que as identidades são criadas e evocadas. E assim, os usos da memória por meio da História Oral permite o acesso as dimensões mais sensíveis do saber fazer, viver e organizar os ofícios que constroem as representações e autorrepresentações dos feirantes. É através das memórias dos feirantes e também dos frequentadores que se constrói a narrativa histórica, entendendo-os como sujeitos ativos.

CAPÍTULO 1

“É dia de feira”: Formação de Taguatinga e o surgimento das feiras livres da Praça do Bicalho e entrequadras da QND

1.1 ORIGEM E HISTORICIDADE DAS FEIRAS

As feiras livres são locais de intensas formações de redes de sociabilidade, dinâmicas de ocupação do espaço público, vendas e trocas de produtos, práticas de saberes e fazeres. São os indivíduos, feirantes e frequentadores das feiras, que ocupam, dinamizam e constroem estes espaços e suas representações, tornando a feira livre parte da história das cidades. Neste sentido, podemos analisar as mudanças e permanências temporais que constituem o papel das feiras, uma vez que sua representação está além dos limites comerciais sendo um ambiente de trocas culturais, reunindo significados e valores que são compartilhados e consolidados numa ocupação do espaço público. De acordo com as reflexões de Matos (2012):

A feira não é um simplesmente local de comercialização de mercadorias, mas é também um espaço público no qual relações de trocas não comerciais acontecem, sendo um lugar de importância fundamental para a produção e reprodução de práticas sociais. Analisando as feiras livres compreende-se que eles fazem parte do cotidiano de populações locais de forma mais complexa do que unicamente através das relações de produção, compra e venda. (MATOS, 2012, p. 4)

As feiras não são espaços que encerram em si somente práticas comerciais de uma região, mas são também ricas em atores sociais e comunidades que compartilham entre si seus valores culturais, sendo assim espaços políticos que também promovem encontros e lazer. As feiras livres fazem parte das dinâmicas cotidianas. De acordo Busso (2011) “as feiras variam entre si quantitativamente e qualitativamente de acordo com os lugares que se realizam e as combinações de infraestrutura, produtos, comerciantes, fregueses, organização do espaço e do tempo” (BUSSO, 2011, p.52).

A feira como lugar de práticas sociais, possibilita laços de sociabilidade, instituição de identidades, além de ser um espaço para instituição de relações e comunicações entre os grupos que as formam. Enquanto forma comercial popular, é parte do espaço urbano e adquire diferentes configurações conforme a localidade em que está inserida. Neste conjunto de práticas sociais, as relações são estreitas em torno do sentimento de coletividade e pertencimento, produzidas pela prática de trabalho cotidiana que se configura em torno da

transmissibilidade de saberes, experiências e afetos próprios de um ambiente coletivizado (Miranda, 2009, p.45).

Algumas particularidades fazem das feiras livres um espaço de comércio singular, onde circulam milhares de consumidores, que buscam por produtos mais frescos, o encontro de amigos e a conversa informal, a relação de confiança estabelecida entre o feirante e o freguês no dia de feira. Compreender a complexidade dinâmica da feira é uma das formas de refletir sobre essa prática de comércio na sociedade contemporânea e pensar também sobre as práticas dos feirantes nesse contexto no desenvolvimento de suas atividades comerciais e sociais, que resistem ao crescimento dos supermercados, sendo o lugar que promove encontros de tradições engendradas pelos feirantes e frequentadores das feiras.

Segundo Viviane Vedana (2004) as feiras são elementos fundamentais na estrutura do meio urbano com suas formas particulares de tornar-se parte da dinâmica da ocupação do espaço público, estabelecendo uma relação direta entre o produtor e consumidor, que torna-se cliente (VEDANA, 2004, p. 11). No sentido teórico e metodológico a feira livre é também definida por Mascarenhas (1997) como ambientes de caráter intra urbano com traçados aparentemente irregulares, passagens estreitas, poucos espaços amplos, repleto de congestionamentos e ruídos, num território assinalado pela luta cotidiana pela sobrevivência. A feira livre ocorre em local aberto, amplo e que viabiliza a ocupação de diversos tipos de atividades comerciais, desde vendedores de hortifruti, comidas, artesanato, eletrônicos, entre outros.

Outra colocação teórica importante, diz respeito ao pensamento de Sato (2007) onde a feira deve ser compreendida como “um contínuo organizar, baseado em acordos e negociações, em cooperação e competição e na execução de regras tácitas” (SATO, 2007, p.99). Portanto, toda essa singularidade da feira livre a torna um espaço de consumo de bens, circulação de pessoas e efervescências culturais. Mobilizando todos esses significados, a feira é um espaço vivido e apropriado pelos seus atores sociais que manifestam sua linguagem, modos de organização de seus produtos e interação com o espaço e relações humanas estabelecidas neste local. Sobre este “espaço vivido” que são as feiras livre, Almeida (2009) aponta:

Nela enfatizam-se atos de compra e venda de alimentos, roupas, aves, doces e peças artesanais, contudo, as relações de sociabilidade que nelas se estabelecem, os saberes que se constroem e se firmam como característica social desses sujeitos, a sua estética particular e a sua ambiência – visual e sonora – são elementos que

configuram este “espaço vivido” e tecem uma vivência particular, inscrevendo-se na história das pessoas que constituem os espaços urbanos. Nessa perspectiva, as feiras são ocasiões vitais para o movimento não só de bens, mas de laços de toda a natureza, como a cognitiva, a afetiva, a social e a cultural. (ALMEIDA, 2009, p. 27)

Diante desses significados sociais e culturais que explicam a feira enquanto espaço que extrapola o comércio de produtos e serviços, onde se estabelecem redes de sociabilidades e afetos, Almeida (2009) citando Forman (1979) aponta podem ser classificadas em quatro tipos:

- 1) feiras de consumo: mercados periódicos para a população rural de baixa renda, possuindo vendedores – que compram e vendem para si, que compram produtos de outrem e vendem os seus e que compram e vendem em todo lugar;
- 2) feiras de distribuição: são as grandes feiras nas quais os intermediários compram suas mercadorias e, depois, as comercializam em outras feiras;
- 3) feiras urbanas de consumo ou de abastecimento: tipo de feiras que consorciavam um mercado diário e um semanal, ou dia de feira;
- 4) feiras de usina: são realizadas dentro da propriedade da usina e atendem às regiões vizinhas. (ALMEIDA apud FORMAN, 2009, p.45)

As tipologias das feiras, colocadas por Almeida (2009), variam conforme condições de espaço e tempo, dias de funcionamento, infraestrutura, comerciantes e seus produtos oferecidos, formas de organização e apropriação do espaço, frequentadores e as necessidades de consumo próprias de sua localidade. Pensando sobre estas variações, as Feiras da Praça do Bicalho e da QND pertencem a tipologia das feiras urbanas, visto que atendem ao consumo semanal, respectivamente domingo e quinta-feira, das quadras de Taguatinga Norte em também das localidades ao redor desta região.

Sobre a origem das feiras livres, referenciadas como importantes organizações no que diz respeito a estrutura social das cidades, estabeleço um diálogo com Braudel para compreender este processo de origem relacionado a própria historicidade das feiras e as necessidades de abastecimento e trocas de produtos no meio urbano. Segundo Braudel (1998) a origem das feiras emerge da necessidade de trocas de mercadorias resultantes da formação do excedente de produção, o que acompanhou a criação de ambientes que fornecessem a disposição de produtos que pudessem ser vendidos ou trocados por outros produtos conforme as demandas de procura e consumo de um determinado grupo e sua localidade.

Ainda Braudel (1998) aponta que nos dias estabelecidos para o funcionamento da feira este ambiente é “[...] um centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam de ameaças às vias de fato; é nela também que nascem alguns incidentes [...]”. Neste diálogo com Braudel enfatiza-se o que esta pesquisa sustenta que a feira é resultante das relações dos sujeitos sociais que a compõem por meio de práticas cotidianas que variam conforme seus feirantes, frequentadores e sua localidade, e por isso, refletem seus valores, costumes e símbolos. As feiras, possuem não somente o valor econômico de uma região pautado em trocas e vendas de mercadorias, mas são também ricas em atores sociais e comunidades que compartilham entre si suas práticas sociais, sendo assim espaços que também promovem encontros e lazer. As feiras livres fazem parte das dinâmicas cotidianas.

Historicamente, não há um consenso sobre o período de surgimento das feiras, tendo em vistas os diferentes tempos e espaços em que o comércio informal se estabeleceu. Como aponta Braudel (1998), não há uma história linear do estabelecimento das feiras como mercados urbanos, pois esses espaços são resultados de práticas e produções cotidianas que variam conforme usos e ocupações do meio urbano.

Segundo Almeida (2009), na Idade Média as feiras livres ocorriam em estruturas montadas ao longo das ruas aliadas as festividades populares. Conforme Guimarães (2010) a palavra feira origina-se do latim *feria*, significando dia santo, relativo a feriado, que seriam eventos de movimentação nas cidades propício as trocas e comércios de produtos, bem como intensas relações sociais.

No Brasil, as feiras surgem através de ações do poder público como tentativa de minimizar irregularidades com relação ao fornecimento de gêneros alimentícios, colocando em contato a população consumidora das cidades com os feirantes/produtores locais (ALMEIDA, 2009, p.29). Neste sentido de sanar as demandas de abastecimento, as feiras são estabelecidas no Brasil conforme estruturas de comércio colonial, de acordo com Guimarães (2010):

Existia a presença das populares quitandas ou feiras africanas, que eram mercados em locais preestabelecidos que funcionavam ao ar livre. Vendedoras negras negociavam produtos da lavoura, da pesca e mercadorias feitas em casa. Do mesmo modo, uma grande variedade de produtos que chegavam de navio era comercializada informalmente na Praça XV, no Rio de Janeiro. Até que em 1711, o Marquês do Lavradio, vice-rei do Brasil, oficializou-a (GUIMARÃES, 2010, p. 6)

O papel da feira é central no surgimento das cidades, uma vez que estas práticas comerciais surgem conforme as necessidades de troca e abastecimento urbano, é o que pode-se observar nas colocações de Madeira e Veloso (2007):

No Brasil, algumas cidades surgiram de feiras como Caruaru, em Pernambuco, Campina Grande, na Paraíba ou Feira de Sant'Anna, na Bahia. Desde o período colonial, nas Ordenanças que definem as diretrizes para fundação das cidades, já está mencionado a necessidade de se estipular um dia para a feira, para que se pudesse suprir de gêneros a população. Assim, as feiras livres cedo se constituíram como as principais responsáveis pelo abastecimento de alimentos das cidades brasileiras (MADEIRA; VELOSO, 2007, p.19)

Neste contexto inicial, as feiras se espalharam pelo território brasileiro atendendo as demandas de abastecimento de bens de consumo básico seguindo parâmetros de organização dos dias de funcionamento. No Rio de Janeiro, foram estimuladas pelo próprio governo por meio da ferramenta do Fomento Agrícola que tinha como dispositivo de comunicação um jornal chamado “Feirante” (ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL, 2004, p.11)

De acordo com Boechat e Santos (2011) estas feiras surgem em pequenas cidades e vilas localizadas no litoral brasileiro e progressivamente avançam para o interior do país condicionadas ao aumento populacional e as demandas de abastecimento das comunidades que se estabeleciam. Nesta discussão sobre a representatividade das feiras livres, Carolina Rezende de Souza (2015) aponta que “ainda apresentam no universo contemporâneo papel fundamental na geração de renda, promoção da segurança alimentar, da agricultura familiar, sociabilidade, identidade cultural e de construção de territorialidades (SOUZA, 2015, p. 140).

Sobre a historicidade das feiras, no contexto brasileiro, há uma antiga tradição que adquire diferentes características conforme as localidades regionais, de acordo com os estudos de Breitner Tavares (2005)

Elas se materializam como espaços de circulação de mercadorias e uma extensão que envolve o ambiente rural e o urbano, como será visto ao longo da história. Essa modalidade comercial é vista de maneira incisiva constituindo até aspectos da memória de algumas cidades históricas. Na região Nordeste, onde essa tradição de mercados populares se estabeleceu de forma mais profunda, as feiras constituem todo um sistema de representações da vida social da comunidade. Dentre várias feiras, a de Caruaru, localizada no estado de Pernambuco, talvez possa ser citada

como um referencial da história das feiras no Brasil, devido ao tipo de origem e trajetória de conflitos frente a instituições do Estado. A criação da feira de Caruaru foi o fator determinante para organização de um espaço urbano que passou a funcionar a partir do referencial do patrimônio que a feira passou a representar para a comunidade. (TAVARES, 2005, p. 20)

A feira de Caruaru, conforme a citação de Breitner Tavares (2005) não é apontada como a primeira no espaço urbano brasileiro, mas é exemplificada como um dos espaços que representava não somente a circulação de mercadoria nas cidades, mas como um lugar de encontro de culturas e de interações públicas enfim representativa de práticas sociais cotidianas de uma comunidade. De acordo com dados coletados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) a partir da construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Caruaru, houve um notável crescimento da convivência social, fortalecendo as vendas de “produtos de couro, brinquedos reciclados, figuras de barro, redes de tear, utensílios de flandres, cordel, gomas, farinhas de mandioca, ervas e raízes medicinais” (PORTAL IPHAN, 2014)

A feira de Caruaru tornava-se referência de patrimônio para os habitantes da cidade, crescendo conforme as especificidades da região sendo também fruto das experiências de conflitos com as instituições do Estado. Já as feiras do Distrito Federal, conforme Madeira e Veloso (2007) surgem como ocupação do espaço urbano em contraposição ao poder público, tornando-se parte da paisagem das Regiões Administrativas. No plano moderno e disciplinador das cidades as feiras livres “são territórios do desconforto, do informal, do transtorno, do atraso, do barulho e sujeira das ruas” (DOLZANI e MASCARENHAS, 2008, p.79). Diante do grande fluxo de trabalhadores, as atividades comerciais tinham como núcleo efervescente a Cidade Livre, através do Mercado Diamantina que era o pioneiro abastecedor (ARQUIVO PUBLICO DO DISTRITO FEDERAL, 2004, p. 12). Assim, as feiras seguiam um modelo adaptado para solucionar as necessidades de abastecimento. O Núcleo Bandeirante, inicialmente conhecido como Cidade Livre, surgiu em 1956 como área de comercial e de apoio a construção de Brasília, passando de assentamento provisório a definitiva regularização (DERNTL, 2019). Segundo Vasconcelos (1988) havia no Núcleo Bandeirante cerca de 15 mil barracos e com uma população superior a 85 mil habitantes.

A formação urbanística de Brasília é setorizada e rodeada pelas Regiões Administrativas isolando a população marginalizada do centro de decisões. O Plano Piloto acomodaria o funcionalismo público, enquanto as Regiões Administrativas, anteriormente denominadas cidades satélites, receberiam a leva de migrantes e trabalhadores da construção

que foram perifерizados. Desta maneira “o núcleo administrativo seria desafogado e preservado dos problemas comuns às metrópoles brasileiras” (PAVIANI, 1985, p. 93).

No Distrito Federal as feiras livres surgem, por iniciativa popular de comércio informal, da necessidade de abastecimento de produtos e alimentos para a população, mas tornam-se ao longo das dinâmicas do tempo e do espaço e marcada por particularidades, representantes culturais específicas de cada satélites em que se estabeleceram. Para compreender estas dinâmicas culturais é necessário um diálogo com a construção de Brasília e a formação das Regiões Administrativas do Distrito Federal, que resultaram do processo de segregação sócio espacial.

Brasília foi inaugurada em 1960, seguindo uma rígida e acelerada organização de trabalho, conforme os planos de Lúcio Costa e do arquiteto Oscar Niemeyer (SILVA, 2006, p.50) atendendo a uma proposta desenvolvimentista de mudança da capital federal. De acordo com Costa e Peluso (2013), Juscelino Kubistschek investiu maciçamente numa campanha de divulgação da construção convocando imigrantes para os canteiros de obras. Estes trabalhadores que aqui chegaram foram atraídos pelas propostas de emprego, tendo em vista que suas cidades de origem não atendiam estas demandas básicas, porém a realidade encontrada apresentou-se bem diferente.

De acordo com Holston (1993) parte dos operários, finda a construção, seriam encaminhados de volta as suas cidades de origem, e o outra parte seriam acomodados em áreas de desenvolvimento agrícola, no intuito de criar um “cinturão verde” enquanto alguns seriam inseridos na própria cidade em setores de prestação de serviços. Porém este plano foi revogado em 1958, dando início ao processo de segregação espacial que permeia todo o processo de ocupação do Distrito Federal.

A formação das Regiões Administrativas de Brasília traz a segregação socio espacial, por representarem a exclusão de populações marginalizadas da paisagem do Plano Piloto. Paviani (2003) aponta que houve a falta de planejamento das cidades fora do Plano Piloto, desprovidas de infraestrutura e plantas urbanas que pudessem estabelecer os espaços de serviços, comércios e indústrias. Estes espaços segregados são representados por Tavares (2005) como “cidade dormitório”, devido a precariedade das estruturas relacionadas a oferta de empregos e serviços, estabelecendo assim uma relação de dependência com o Plano Piloto

A periferação planejada de Brasília estabeleceu o sentido de “cidade dormitório”. Trata-se de espaços segregados, com precários equipamentos urbanos insuficientes para o suprimento das necessidades locais. Isso reforçou a secundarização da vida

dessas cidades que dependem da oferta de empregos e serviços, do núcleo central, representado pelo Plano Piloto. Nessa condição, há um adensamento multifamiliar em moradias divididas até por dez famílias, como nas “cabeças de porcos”, cortiços insalubres no Brasil do século XIX. Segundo essa perspectiva de dinâmica urbana, centrada na especulação do solo urbano e na segregação de grandes contingentes de pobres, os quais têm diminuído seu direito à cidade ao serem lançados a grandes distâncias dos centros irradiadores do capital financeiro e do trabalho, Brasília não transcendeu o ritmo das 35 demais cidades brasileiras. (TAVARES, 2005, p. 34)

As regiões Administrativas, dentro do processo de exclusão espacial, tiveram distintos processos de ocupação, desde a tentativa de remanejamento de acampamentos, no caso de Taguatinga, criada em 1958, até o processo violento de exclusão e erradicação de favelas, como foi o caso de Ceilândia. Conforme os estudos de Silva (2016) “em 1969, foi criada a Comissão de Erradicação de Invasões (CEI), por meio do Dec.nº1473, de 14.10.70, que normatizou a remoção por intermédio do grupo executivo de Remoção, apoiado pela CEI, tendo como slogan ‘A cidade é uma só’” (SILVA, 2016, p.36). O início violento da intenção de remover estas invasões ocorreu na formação populacional de Ceilândia, pois estava distante cerca de 30 km do Plano Piloto. Para Tavares (2005) ao serem transferidos para Ceilândia os trabalhadores enfrentaram entraves para chegarem ao seu local de trabalho, em percursos que demandavam mais de uma hora de deslocamento feitos de bicicleta ou a pé.

O caso de Taguatinga, criada em 1958, é resultado da remoção do acampamento Vila Sara Kubistchek com o objetivo de solucionar o problema habitacional e abreviar os problemas enfrentados pelo Plano Piloto (VASCONCELOS, 1988, p. 34). Ernesto Silva, no cargo de executivo da NOVACAP, organizou a distribuição de lotes, “alojando cerca de 4000 (quatro mil) trabalhadores que receberam seus lotes com direito a ocupação. Cerca de 1000 (mil) fossas foram construídas, rede provisória de água e transporte viário” (SANTOS, 2016, p.33). Segundo dados da CODEPLAN (2018), foram removidos para Taguatinga os ocupantes da Vila Amauri, IAPI, Vila Mercedes, Vila Esperança, Vila Tenório, Urubu e Querosene (CODEPLAN, 2018, p.9). A intenção da autorização desta Região Administrativa antes mesmo da inauguração de Brasília, era atender as demandas de moradia, abastecimento e acomodação dos trabalhadores, problemas caros a continuidade da própria construção de Brasília (BRITO, 2009, p.94).

Taguatinga teve sua formação seguindo o propósito urbanístico de abrigar os moradores da Vila Sara Kubitschek, por meio da distribuição de lotes que ocorreriam seguindo critérios pré estabelecidos pelas políticas habitacionais vigentes da época. Porém,

estes critérios seguiam parâmetros sócio excludentes pelo fato de que, segundo Nair Heloisa Bicalho et al (1996), atendia somente trabalhadores e servidores de baixa renda excluindo os desempregados e recém chegados, surgindo assim ocupações irregulares por meio de invasões, como é o caso da Vila Dimas e Vila Matias. Sobre a distribuição de lotes, ao ler a entrevista do senhor José Cosmos, entrevistado pelo Programa de História Oral do Arquivo Público, percebi as dificuldades enfrentadas no direito e acesso a moradia:

(JC) – Valto, parece que era Valto, já tem esse tempo todo, me deu um protocolo para nós esperarmos um lote sair, nunca saiu esse lote, eu tive que comprar o meu lá nas QNG, em 65.

(DS) – É onde o senhor mora até hoje?

(JC) – Até hoje.

(DS) – É, então o senhor mudou para Taguatinga. Qual foi o motivo que trouxe o senhor a vir para Taguatinga, foi porque estava procurando um local para morar?

(JC) – Não, porque eu estava morando...

(DS) – Essa promessa desse protocolo que esse senhor deu para o senhor?

(JC) – Exatamente que estava eu e meus cunhados e outro cunhado meu que tinha família, nós estávamos morando em um barraco só. Com seis dias que cheguei de Santos, aí mudaram nós aqui para Taguatinga.

(DS) – Essa pessoa que o senhor fala, ele costumava aparecer lá na invasão do Núcleo Bandeirante.

(JC) – Isso.

(DS) – Prometendo lote?

(JC) – Esse Dr. Valto, que eu estou falando?

(DS) – Isso.

(JC) – Não, eu recebi aqui onde era antigamente a prefeitura, encostado ali no relógio, daquele lado onde hoje é o Banco do Brasil, ali era a prefeitura.

(DS) – C12 ali.

(JC) – Exato, ali foi quando eles fizeram, chegaram com as barracas já de tarde, queria jogar todo mundo, duas famílias, jogar...

(DS) – Taguatinga quando iniciou começou ali naquele centro?

(JC) – Exatamente.

[José Cosmo de Paula, ver Programa de História Oral-Feiras, 2001, p. 7]

O senhor José Cosmos relata o sofrimento e desilusão causada por uma política habitacional excludente, nesse excerto de entrevista concedida ao Arquivo Público, é perceptível a necessidade habitacional dos recém-chegados ao Distrito Federal, bem como a remoção compulsória dessas pessoas para Taguatinga sob a promessa de um lote, é o que pode-se notar no trecho “*mudaram nós para Taguatinga*”. Por não adequarem-se a legalidade

instituída, originava-se um processo de desigualdade social que marcou o início da formação urbana de Taguatinga.

Taguatinga situa-se a 24 km de distância do Plano Piloto, segundo dados de 2018 da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), possui 222.598 habitantes. O seu planejamento não seguiu a orientação de um estudo antecipado, mesmo sendo autorizada a funcionar pela própria NOVACAP, antecedendo a inauguração de Brasília, sua criação correspondeu ao papel estratégico de ser um ponto de contenção dos trabalhadores que chegavam na região que seria daqui encaminhados para as futuras obras. De acordo com Jusselma Brito (2009)

A história de Taguatinga está fortemente articulada à política urbana dos anos inaugurais e a questões da logística de construção, que merecem análise. A locação desta primeira cidade-satélite não foi fortuita. Além de ocorrer balizada pela EPCT (estrada que cingiu o sítio da cidade central) e de atender à modelagem de expansão em núcleos isolados do centro, foi estrategicamente posicionada em terreno avizinado à sede local do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC)” (Brito, 2009, p.92)

A referida autora provoca essa discussão acerca do distanciamento de Taguatinga dos centros de decisão do Plano Piloto no sentido de eliminar as ocupações para preservar o conceito urbanístico e modernista de Brasília, tendo em vista que boa parte dos imigrantes não voltaram para os seus lugares de origem. Sendo uma Região Administrativa que foi autorizada a funcionar antes mesmo da inauguração de Brasília, Taguatinga é assim colocada como um “espaço social de lutas” por representar a contraposição de uma cidade planejada e controlada (PAVIANI, 1985, p. 74). Portanto, desde o início das Regiões Administrativas, estas localidades receberam pessoas das mais diversas localidades, que traziam consigo os seus costumes e tradições, que eram desenvolvidos nas práticas de trabalho informal realizadas nas feiras livres. Tavares (2005) afirma que essas tradições estão associadas a formação das feiras livres como espaço de sociabilidade e sentido de pertencimento

Desde os primeiros tempos Brasília atraiu brasileiros de diversas localidades, fluxo que ainda hoje é contínuo. A tradição do mercado como espaço que cria um sentido de pertencimento, acrescida à informalidade no trabalho é uma das hipóteses levantadas para explicação do surgimento das feiras no Distrito Federal. Isso teria motivado o surgimento de pequenas “feirinhas” que teriam surgido de modo ‘natural’ e espontâneo nas entradas das superquadras e outras localidades. (TAVARES, 2005, p.30)

Segundo informações do Governo do Distrito Federal (2011), existem em Brasília 70 feiras livres e permanentes. “As livres são as que funcionam apenas nos sábados ou domingos. Já as permanentes são as que possuem estrutura fixa, como a Feira Central de Ceilândia, que tem 463 boxes” (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2011). No sentido de regularizar o funcionamento destas feiras livres e permanentes o Distrito Federal sancionou a Lei. 4748/2012 que trata da organização e funcionamento das feiras livres e permanentes no Distrito Federal especificando o funcionamento e tratamento de cada tipo específico de feira presente no Distrito Federal.

Art. 2º Considera-se feira livre a atividade mercantil de caráter cíclico, realizada em via, logradouro público ou pavilhão previamente autorizado para esse fim, com instalações individuais, provisórias e removíveis. § 1º A feira livre destina-se à venda, exclusivamente a varejo, de produtos hortifrutigranjeiros, cereais, doces, laticínios, pescados, flores, plantas ornamentais, produtos de artesanato, lanches, caldo de cana, temperos, raízes, carnes e aves abatidas, resfriadas ou congeladas, confecções, tecidos, armarinhos, calçados e bolsas, bijuterias, artigos religiosos, ferramentas e utensílios domésticos, produtos da lavoura e indústria rural, e outros que possam vir a ser aprovados pelo órgão competente. Art. 3º Considera-se feira permanente a atividade mercantil de caráter constante realizada em logradouro público destinado para esse fim, com instalações comerciais fixas e edificadas para comercialização dos produtos referidos no art. 2º, § 1º, e de produtos de bazar e agropecuários, refeições típicas regionais, jornais, revistas, além de prestação de pequenos serviços, na forma do regulamento. [...] Art. 6º Para os efeitos desta Lei, considera-se feira de abastecimento e de produtores rurais o local destinado à atividade mercantil de caráter constante, exercida em área previamente designada pelo órgão competente do Poder Executivo para a comercialização de produtos hortifrutigranjeiros. § 1º Nas feiras de abastecimento e de produtores rurais, devem ser destinados espaços para implantação de balanças para pesagem de veículo com carga. § 2º Para efeitos desta Lei, o shopping popular e a feira de abastecimento e de produtores rurais equiparam-se a feira permanente. (DISTRITO FEDERAL, 2012)

Taguatinga possui uma Feira Permanente inaugurada em 1977, no intuito de reunir comerciantes informais que vendiam verduras, aves abatidas e vivas, colchas, cestos, vassoura, alho e linguiça, sendo estruturada em formato circular com uma praça no meio (MADEIRA; VELOSO, 2007, p.17) destacam-se nesta feira, tradicionalmente, as bancas de verduras (Banca da Japonesa), queijos e doces (Abikian). As feiras livres da Praça do Bicalho e das entrequadradas da QND, ocorrem respectivamente aos domingos e quintas feiras, seus feirantes são praticamente os mesmos devido ao caráter itinerante de suas formas de

comercializar os seus produtos. Estes mesmos indivíduos são os que também armam suas bancas nas feiras da Vila Dimas, na quarta feira, e Vila Matias, aos sábados, em Taguatinga Sul.

1.2 FEIRA DA PRAÇA DO BICALHO

A Feira da Praça do Bicalho surge nos anos 60, com estruturas precárias de instalação, em torno da praça que leva o mesmo nome, devido a necessidade de abastecimento de alimentos e produtos. A feirante Maria das Dores, 65 anos, vendedora de hortaliças, natural de Unaí, conta sobre a sua chegada na feira, onde preferiu a vida de comerciante do que as salas de aula nas escolas de Ceilândia

Nessa época eu tinha o quê...23 anos eu tava fazendo 2º ano normal lá em Taguatinga Sul no colégio normal que tinha lá, acabei vendo a dificuldade que ele tinha sozinho e aprendi a plantar, aprendi a colher, aprendi a irrigar. A história que eu sei é que essa feira começou em vários lugares.

(MARIA DAS DORES, 2022)

Em sua fala, Maria das Dores rememora a época em que era normalista em uma escola em Taguatinga Sul, enquanto seu marido lidava com a labuta do plantio das hortaliças para vender na feira. O excesso de trabalho de seu companheiro, demandou que Maria das Dores também aprendesse sobre a lida na horta acumulando para si a dupla jornada, além dos estudos agora a de trabalho. Maria das Dores também relata sobre a origem da feira, que não se deu inicialmente na Praça do Bicalho, mas na área conhecida como Taguacenter, devido ao maior fluxo de pessoas numa área comercial.

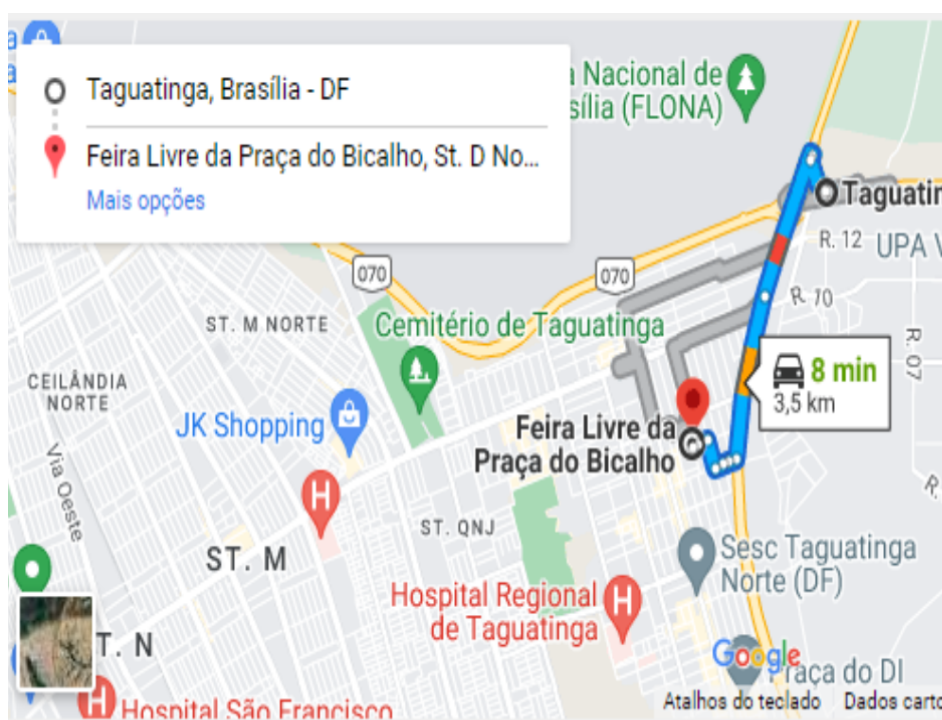
Ela começou em Taguatinga Norte, lá abaixo do Taguacenter, aí depois ela foi passando, passaram ela pro pistão, mas ela aqui tá até boa aqui, quer dizer aqui foi o lugar que ela mais se encaixou e que tá levando de boa aqui até hoje. (MARIA DAS DORES, 2022)

Outro importante colaborador com as entrevistas, Divino, 60 anos, ex feirante e ex líder da Associação das Feiras Livres, relata que, apesar do fluxo comercial no Taguacenter, a Feira do Bicalho iniciou-se na Avenida Sandu. Essas diferentes referências de início da feira são importantes serem elencadas neste trabalho, uma vez que confere riqueza às narrativas produzidas por diferentes pessoas que ocuparam diversos espaços de atuação dentro do ambiente feirante

A origem dela vem da década de 60, ela era situada onde hoje fica o Projecção na avenida Sandu aonde meu pai era carroceiro e nós na madrugada fazíamos o transporte das bancas porque a maioria dos feirantes não tinha carro naquela época ainda. (DIVINO, 2022)

Os feirantes atuam em sistema de rotatividade nesta feira, juntamente com as do Mercado Norte, Vila Dimas, Vila Matias, Praça do D.I. A circulação destes comerciantes nas diferentes feiras da região, ocorria devido ao controle do Estado em manter estes ambientes disciplinados e organizados. Esta feira conta com famílias em busca de constituírem suas rendas no mercado informal vendendo seus queijos, doces, verduras e temperos, articulando-se em torno de movimentar a feira e transformá-la em ponto comercial da cidade.

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DA FEIRA



Fonte: Google Maps, agosto 2022.

Atualmente, a Feira da Praça do Bicalho possui mais de 250 bancas, dos mais variados produtos e serviços tem frutas, comidas típicas do Nordeste, verduras, hortaliças, queijos, açougues, peixarias, plantas, flores, raízes e temperos com nomes de celebridades, Edu Guedes e Ana Maria. Utilizar nomes de apresentadores de programas de culinária em temperos é uma das estratégias de vendas, pois a cultura de entretenimento gera uma proximidade entre feirante e freguês.

Ali são servidas várias comidas de diferentes regiões do país, uma das principais e mais requisitadas são as barracas de pasteis. A maioria dos feirantes chega às 4:00 da manhã em suas kombis brancas, sendo a característica marcante do dia de domingo. Um dos entrevistados, chama-se Antônio, 78 anos, e trabalha na feira há mais de 20 anos com uma banca de queijos e doces. Segundo este feirante, “o diferencial da feira é o capricho em organizar as mercadorias e o capricho em atender os clientes”

A Feira da Praça do Bicalho se estende por toda a rua da CND 6, onde há uma forma de ocupação do espaço público que foi assimilada pelos frequentadores da feira e pelos moradores ao redor da quadra. Nesta feira os veículos são impedidos de passar, deixando a pista para montagem das barraquinhas e livre trânsito dos pedestres para realizarem as suas compras. Este espaço de comércio livre é frequentado não somente pelos moradores das quadras próximas, mas também por moradores de outras localidades de Taguatinga que preferem verduras, frutas frescas e temperos com preços acessíveis aos domingos. A particularidade observada, por ser um local que sobressai a venda de verduras, é que essas bancas permeiam toda a extensão da feira, de modo que visualmente o frequentador, indo a primeira vez, já compreende qual é a tradição de venda da Feira da Praça do Bicalho.

FIGURA 2 – ENTRADA DA FEIRA DO BICALHO



Fonte: pesquisa de campo. Taguatinga – DF, agosto 2022

Ao caminhar pela feira, num domingo de manhã em busca dos colaboradores, cheguei pela rua da imagem acima, que é tida como a “entrada da feira do Bicalho”, mas há também uma forma de acessar que se dá pela “parte de trás da feira”. De longe já observei as bacias de verduras e frutas vendidas a 5,00 reais ou pacotes com preços de 1,00 a 2,00 reais e os feirantes gritando os preços de suas mercadorias.

Seguindo pela rua vejo pequenos mercados abertos na parte de trás das bancas com alguns de seus vendedores comunicando os preços através de microfones, o que dá opção do freguês complementar as suas compras das feiras com os produtos oferecidos por estes mercados, que apesar de também venderem frutas e verduras, não possuem o mesmo frescor, tamanho e aparência do que é oferecido nas bancas. Existem barracas com somente um feirante e, em alguns casos, somente um produto, como por exemplo os vendedores de sacos de laranja, ao mesmo tempo possuem barracas maiores que se assemelham a pequenas mercearias com funcionários identificados por uniformes.

Quando ocupada pela feira aos domingos, a rua torna-se estreita devido a ocupação das bancas e a circulação de pessoas, por isso é praticamente impossível transitar sem ter contato físico com as outras pessoas e neste dia, as ruas ao redor da feira adquirem maior vivacidade e diversidade de cores e sons. Por ser também um lugar de encontros, muitos fregueses param no meio da feira para conversar, experimentar os produtos e pechinchar. E

nesse movimento entre feirantes e frequentadores, e o modos como estes interagem com o espaço, levou-me a perceber que caminhar pela feira dispensa a pressa habitual, é necessário caminhar em estado receptivo para sentir o lugar e estar atenta ao que ele nos mostra, os sentidos que são evocados. A estética da feira conta com elementos também relacionados as cores das lonas, azul, vermelha e amarela.

Outro fato de importante observação diz respeito a sonoridade da feira, de longe escuta-se a oralidade dos feirantes e frequentadores, tão caras a este trabalho, seja vendendo, anunciando suas promoções e a qualidade das suas mercadorias ou conversando entre os pares. A musicalidade é também presente ecoando vários ritmos musicais, como piseiro, sertanejo, forró e brega, tornando-se uma mescla de sons reproduzidos em carros, kombis, bancas de CD's e pens drives com músicas já gravadas. Por ser uma localidade que tem como ponto de referência uma praça (a do Bicalho), há uma diversidade de frequentadores nos mais diferentes horários, que são os feiis que saem da Paróquia São José. Em meio a essa mescla de sons, ouve-se o sino da igreja que comunica o início da missa, que ocorre às 8:00 da manhã do domingo. Ao final da missa muitos feiis dirigem-se a feira para comprar pasteis, frutas e verduras para o preparo do almoço de domingo.

Ao continuar a caminhada, vejo as bancas de queijos, doces, cachaça, fumo de rolo, biscoitos, tapiocas e frutas cristalizadas. Esses produtos seguem uma forma de acomodação de modo que valorizam a composição das cores, os formatos e os cheiros, que alcançam as memórias afetivas dos passantes que experimentam, escolhem os sabores, quantidades e negociam os valores. Muitas dessas barracas ficam ao lado uma da outra, destacando aquilo que mais sobressai, por exemplo, algumas vendem queijos, mas predomina a venda da massa pronta de tapioca, onde o polvilho é molhado, peneirado e posto em pequenos pacotes, outras vendem doces, mas predomina a venda de queijos, que muitas vezes são produzidos nas fazendas dos feirantes ou adquiridos em fornecedores locais.

Algumas bancas oferecem produtos que são originários de Minas Gerais e Goiás, já outras mesclam o que é produzido em várias regiões para que assim ampliem a diversidade e capacidade de venda atendendo as preferências de seus fregueses. De acordo com Guimarães (2010) “as cores, o despertar do olfato, a simpatia, o entretenimento e a possibilidade de poder provar os produtos são itens que facilitam e estimulam a compra (GUIMARÃES, 2010, p.17)

FIGURA 3 – AS FAMOSAS “KOMBIS” BRANCAS



Fonte: Jornal de Brasília. “*O povo da Feira*”. Taguatinga – DF, junho 2022

A Feira possui uma organização própria, quase setorizada, no que diz respeito a localização das barracas, as que servem comidas ficam numa localização mais afastada do centro da pista, justamente para que possam estender as suas mesas e receber os clientes que descansam após as compras guardando as suas sacolas embaixo das cadeiras. A forma de acomodação dos fregueses lembra a informalidade e aconchego dos botecos, as grandes panelas de mocotó e sarapatel exalam o cheiro forte dos temperos e do cheiro verde, tornando a banca convidativa para o almoço acompanhado da cerveja gelada, onde a conversa ecoa e o riso é solto. O cardápio oferecido por estas bancas são os de comidas típicas da região Nordeste e Centro Oeste, como mocotó, buchada, dobradinha, carne assada, arroz carreteiro, arroz com pequi e outros alimentos. Conforme as observações que fiz, com relação à alimentação, as barracas mais procuradas e em maior quantidade são as que vendem pasteis com caldo de cana, atendendo clientes que saem da missa, os que vão a feira para tomar café da manhã e aqueles que compram os pasteis para levar para casa.

FIGURA 4 – BANCA DE CARNES DE SEU JOSÉ



Fonte: Jornal de Brasília. “O povo da feira”. Taguatinga – DF, junho 2022

Assim como essas bancas, as de carnes também ficam mais afastadas, nos fundos da feira, porém ficam próximas umas das outras que também vendem os mesmos produtos. É importante ressaltar a configuração de venda dessas carnes, onde não há refrigeradores, mas estruturas de madeira e ferro onde são expostas em ganchos e escolhidas pelos fregueses. Nessas bancas encontra-se, além de carnes bovinas, pé salgado, torresmo, porco caipira, bucho de bode, cordeiro, carneiro, linguiça, entre outras variedades. Um outro ponto observado diz respeito a origem das carnes, que muitas vezes são das granjas particulares ou de atravessadores.

O fato é que essas bancas de carnes vendem produtos que se relacionam a tradições específicas, atendendo aqueles que procuram carnes suínas para feijoada, os ingredientes para fazer buchada e dobradinha ou para o consumo individual. Ao lado há também as peixarias onde a corvina, tilápia, tainha, merluza, e outros peixes são expostos nas caixas de isopor com gelo, ali ouve-se os barulhos das facas nos amoladores para descamar e limpar aquilo que o freguês escolher, jogando as vísceras e escamas em baldes que ficam nas laterais das bancas.

Continuando a caminhada pela feira, no mesmo sentido da rua, atravesso as bancas de frutas e verduras por um espaço mais estreito devido ao fluxo maior de passantes, e adentro a parte final da feira onde ficam as bancas de roupas. Neste espaço percebe-se uma divisão

simbólica de categorias de vendas, notadas a partir da configuração espacial, onde o espaço de circulação é amplo, devido ao menor fluxo de fregueses, tendo em vista que estes concentram-se nas bancas de frutas e verduras. As peças são expostas em cabides pendurados na própria estrutura de ferro das bancas, calças jeans, bermudas, blusas e shorts, já as peças íntimas são colocadas em estruturas de madeira que formam bancadas forradas com lonas, de modo que facilite a escolha dos fregueses que sentem-se à vontade para testar a elasticidades das peças e sentir a textura do material da confecção.

Nesta área da feira ouve-se com menos intensidade os gritos dos feirantes anunciando seus produtos, que preferem fazer abordagens mais discretas quando os frequentadores passam por perto demonstrando interesse na compra da mercadoria. A estratégia de abordagem mais utilizada direciona-se ao público feminino. Em algumas bancas podem ocorrer a prova da roupa em pequenos biombos em formato circular ou dentro das kombis, porém quando não é possível a utilização dessas estruturas, a prova da peça ocorre por cima da roupa com ajuda e ajuste do próprio feirante.

1.3 FEIRA DAS ENTREQUADRAS DA QND

A Feira da QND, ocorre às quintas feiras, diferentemente do Bicalho, esta feira é montada entre as quadras 05/07 e 09. Sua formação é semelhante as demais feiras livres de Taguatinga, a maioria dos feirantes também montam suas barracas em outras localidades e dias da semana. O público desta feira é atraído pela possibilidade de poder comprar frutas e verduras a preços baixos em dia de semana. A característica marcante desta feira é a forma de como ocupa as ruas residenciais em seus cruzamentos e como sua estrutura foi assimilada pelos próprios moradores daquelas quadras. Sobre o aspecto da apropriação do espaço público e a pluralidade de práticas sociais desenvolvidas nestes locais, as discussões serão pormenorizadas no capítulo a seguir.

De maneira diferente da Feira da Praça do Bicalho, esta feira possui uma extensão menor, que é condicionada pela própria localização entrequadras, mas que possui praticamente os mesmos vendedores e produtos, porém certas diferenças com relação ao público por ser uma feira em meio de semana. Minhas visitas a esta feira ocorriam sempre no período matutino devido a logística do meu trabalho no turno vespertino, o que viabilizava a observação do espaço, a chegada dos produtos e dos fregueses. Devido ao fato de não possuir vínculos com os trabalhadores desta feira, alonguei-me mais na observação, até sentir-me a vontade para iniciar o processo das entrevistas. Meu acesso a esta feira não se deu de forma similar a da Praça do Bicalho, visto que, devido a questões de acessibilidade do transporte

que eu utilizava, minha chegada se dava “aos fundos” da feira, no espaço onde os feirantes entendem como “expansão da feira”.

FIGURA 5 - EXPANSÃO DA FEIRA



Fonte: Pesquisa de campo. Taguatinga - DF, agosto de 2022.

Neste local conhecido como expansão da feira, são montadas barracas que destoam um pouco da estética feirante, são tendas com barras de ferro, e não as barracas com estrutura de lona, sobre essa extensão da feira, Roseli conta sobre a sua chegada e a forma como os demais feirantes reagiram a sua presença

Cheguei nessa feira tem mais ou menos 1 ano, né. Mas já fizemos feira em Padre Bernardo, como lá estava bem difícil então mudamos pra tentar. Hoje em dia fazemos 6, 7 feiras. [...] Primeiramente viemos pra ver se tinha algum lugar que pudéssemos ficar, né? Tinha bastante tempo que a pessoa que ficava aqui não ficava mais e depois fomos a Administração pra não ter problema, né? Tenho a autorização escrita, né? Mas não é certa ainda porque devido a pandemia não tava passando a liberação, mas nós temos essa autorização escrita e mesmo assim tive problema com alguns feirantes, que eram pra ser unidos, mas não são infelizmente, é cada um por si, mesmo não sendo o mesmo produto que você venda eles não querem, né? Eu creio que o sol nasceu pra todos, mas nem todos veem dessa forma. (ROSELI, 2022)

Na fala de Roseli sobre a recepção dos outros feirantes, que a perceberam como alguém que lhes tiraria o espaço de vendas, uma concorrente, ainda que vendesse um produto diferente do que é comercializado pela maioria. Este posicionamento corresponde ao que

Bourdieu(1989) coloca como a existência de espaço de conflitos e relações que envolvem também as disputas territoriais sendo assim um espaço de conflito informal e pessoal, onde o posicionamento é setorizado e hierarquizado (BOURDIEU, 1989, p. 42) cada feirante possui seu espaço delimitado conforme estruturas estabelecidas em comum acordo.

Seguindo a caminhada, após a barraca de Roseli, além dela existem outras que também vendem plantas, vasos e xaxim, mas que não possuem a mesma receptividade e disposição para explicar seu produto, por isso são mais vazias. Adentrando a feira, não vejo os mercados assim como na Praça do Bicalho, mas chama atenção o fato da feira localizar-se entrequadras, num espaço ainda mais estreito do que na feira anteriormente citada. Percebo que o espaço limitado de circulação, confere a este espaço uma possibilidade ainda maior de observar os produtos, conversar com os feirantes e passantes, o que também acaba modificando as relações de proximidade entre os atores sociais deste ambiente. Devido a proximidade com as casas, não presenciei som de bancas de cd's, dvd's e pen drives, logo a sonoridade desta feira é composta pelos termos de pechincha e técnicas de vendas dos feirantes.

Dono de uma das bancas de tempero, tanto na Feira do Bicalho quanto na Feira da QND, o feirante Gilvan, 40 anos, explica a origem dos nomes temperos “Edu Guedes” e “Ana Maria”

Eu não sei quem foi que deu a origem desse nome, não fui eu, mas a pessoa bota esse nome, porque fica famoso o produto, porque passa na TV o nome desses chefes da culinária, aí o freguês vem na feira e vê o nome do produto aí diz...’eita, esse é bom’...então ele leva e volta mais vezes pra comprar. (GILVAN, 2023)

FIGURA 6 - TEMPERO EDU GUEDES E E ANA MARIA - Barraca de Gil do Alho



Fonte: Pesquisa de campo. Taguatinga - DF, dezembro de 2022.

Essa aproximação entre aquilo que é vendido pelo feirante e o que seu freguês tem contato através dos programas de TV é resultado da utilização de elementos do cotidiano do consumidor que conferem sentido aquilo que é vendido pelo feirante. Para compreender e analisar como são essas estratégias e táticas de vendas utilizadas pelos feirantes, que partem do real vivido, cabe entender como estas práticas são realizadas no cotidiano que é assim definido Certeau como (1996)

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilhar), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, p. 31, 1996).

Segundo Certeau, é na cena cotidiana que os indivíduos forjam as suas identidades e histórias agindo como autores e inventores do seu próprio cotidiano, por isso torna-se parte do interior destes personagens sendo dinâmico e em constante mudança. Cabe ao historiador o desenvolvimento de sua sensibilidade em compreender este processo e seus movimentos para identificar e analisar as suas práticas. E assim Certeau faz alusão a um indivíduo que não é meramente um coadjuvante nas ações do cotidiano, mas sim de um produtor que transforma o que está ao seu redor da forma que melhor pode atender.

Gil do alho tem 46 anos, maranhense, um homem negro de estatura mediana, vestido com um jaleco azul com bolsos na lateral e faz uso de uma chapéu de couro típico do nordeste. Em sua banca vende alho em cabeça, descascado, pasta de alho e outros temperos, aos domingos trabalha na feira da Praça do Bicalho e nas quintas na Feira da QND. Gil do alho utiliza de uma performance corporal mais agitada, gestos rápidos, que aliada com sua voz alta torna-se uma forma de comunicação atraindo a atenção dos fregueses. Com esta performance dirige sua fala com os fregueses do seguinte modo:

“Alho barato e bom é aqui que você encontra, é aqui comigo que tem.”.

Um freguês que estava passando pelo corredor ouviu a voz de Gil e pediu que separasse o tempero “de sempre”, que conforme observei era alho moído e outro saquinho de páprica defumada. Em seguida o freguês questiona:

“ E cadê o chorinho, Gil”

E Gil responde:

“ Rapaz, já coloquei o chorinho aí junto...tá vendo não?!Você é sempre muito esperto, viu!”

O ambiente feirante é composto deste tipo de performance oral composta por falas, gestos e risos, indo de encontro às colocações de Certeau (1996) onde a relação de interlocução entre os indivíduos é composta por estas táticas, sendo assim a arte de dizer e fazer na oralidade (CERTEAU, 1996, p. 100). Nestas falas de Gil e do freguês refletem o tipo de relação estabelecida entre os dois, onde é perceptível o nível de proximidade entre os dois indivíduos.

Na segunda visita que fiz à Feira da QND, no período matutino, andando pelo corredor estreito pude ouvir uma agitação vinda do final deste corredor na banca de Ovos do Baiano. Ao me aproximar e me inteirar do que estava acontecendo, a sua esposa me informou que estavam fazendo um sorteio, por meio de rede social, (Instagram) de uma leitoa. Bastava o freguês comprar uma bandeja que ovos, recebia um cupom para preencher seus dados e colocá-lo numa urna de papelão. Neste dia o sorteio foi transmitido por meio de live na rede social em questão.

FIGURA 7 - BANCA DE OVOS DO BAIANO



Fonte: Pesquisa de campo. Taguatinga - DF, dezembro de 2022.

Em sua obra “A invenção do cotidiano” na primeira parte *Uma cultura muito ordinária* uma das discussões de Certeau é sobre táticas e estratégias que se realizam a partir da prática cotidiana. Assim, define estratégia como

Um cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar a ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações como uma exterioridade de alvos e ameaças (os clientes ou concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc) (CERTEAU, 1998, p. 99).

Sendo assim, a estratégia é organizada em torno de uma base de poder onde os indivíduos operam de maneira calculada e num lugar próprio o que lhe fornece uma visão privilegiada sobre determinadas situações cotidianas. Neste mesmo capítulo Certeau também define o que seriam táticas:

A tática não tem por lugar senão o do outro. [...]. Assim sendo, a tática é uma prática do fraco, ou seja, aquele que não possui poder - mas que nem por isso deixa de exercer sua arte e (re)produz diante daquilo que lhe é imposto. Além disso, a tática ocorre de maneira a aproveitar cada brecha: “Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar

benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas.[...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1996, p.100-101)

Assim definida por Certeau a tática é a arte do fraco, seu modo de operar sem ter com o base o poder, mas sua própria maneira de reproduzir suas ações diante do que se tem como situação imediata, é habilidade com o tempo e o espaço. Sendo assim, são formas de subverter o espaço institucionalizado, reconfigurar e recriar o próprio cotidiano. Partindo destas distinções colocadas por Certeau entre estratégias e táticas, entende-se os feirantes como operantes de táticas que configuram a sua forma de vivenciar o cotidiano enquanto trabalhadores através de uma sistematização de saberes e experiências que foram adquiridas no dia a dia da feira.

No caso das práticas cotidianas dos feirantes que anunciam os seus produtos, observei uma dinâmica de criação e invenção dentro que estava ao alcance de ser realizado. A descrição de alguma dessas práticas, que foram por mim observadas, em algumas situações eu fiz parte, em outras ocorreram no interior das barracas com outros fregueses ou nos corredores da feira. Essas práticas cotidianas são chamadas por Certeau (1996) como “artes de dizer” e que na feira se dão por meio de piadas e brincadeiras como formas de comunicação estabelecidas entre feirantes e fregueses. Para fins de exemplificação, tomei como referência as barracas de Gil do alho e Ovos do Baiano.

O ambiente feirante é composto deste tipo de performance oral composta por falas, gestos e risos, indo de encontro às colocações de Certeau (1996) onde a relação de interlocução entre os indivíduos é composta por estas táticas, sendo assim a arte de dizer e fazer na oralidade (CERTEAU, 1996, p. 100). Nestas falas de Gil e do freguês refletem o tipo de relação estabelecida entre os dois, onde é perceptível o nível de proximidade entre os dois indivíduos.

Ao longo da feira também encontrei bancas de queijos e doces com a mesma disposição e organização como a da Praça do Bicalho, porém em tamanho menor devido ao espaço que se tem disponível para montar as estruturas. Observando a população que frequentava a feira da QND, nota-se um maior número de idosos isso se dá pelo fato de que a feira ocorre às quintas, e esse dia é escolhido por muitos idosos como o dia de “fazer a feira”, o que corresponde a uma temporalidade própria desta faixa etária. Cabe aqui o entendimento do que é “fazer feira” tido por Nascimento (2018) como uma categoria nativa que se refere às

compras feitas no meio da própria feira ou em outros estabelecimentos e assim muitas pessoas veem nesse dia uma momento de necessidade, entretenimento, reencontrar e rever os amigos. Ao descrever esta linha de caminhada não tenho como objetivo pormenorizar com plenitude toda a dinâmica da feira, pois isso está condicionado ao meu próprio olhar de pesquisadora, e dinâmica do dia escolhido, bem como suas especificidades, portanto, o que trago aqui são vivências e olhares compartilhados ao longo desta pesquisa.

A forma como as feiras do Bicalho e da QND são representadas e vivenciadas pelos atores sociais que conferem sentido a sua própria dinâmica de existência em Taguatinga, está relacionada à própria cultura e os valores praticados nesta Região Administrativa do Distrito Federal. São estes elementos que dão a ver e entender as práticas cotidianas realizadas neste ambiente feirante e como se modificam ao longo do tempo. Portanto, as próprias transformações no modo de conceber este lugar e apropriar-se dele influenciam diretamente nos modos de compreender as relações estabelecidas dentro da própria feira.

CAPÍTULO 2

A HISTÓRIA DA FEIRA É TAMBÉM HISTÓRIA DA CIDADE

As práticas cotidianas dos trabalhadores das feiras livres da Praça do Bicalho e das entrequadradas da QND são parte significativa dos estudos que orientam as relações de ocupação da Região Administrativa de Taguatinga. Nesta pesquisa, o foco temático não diz respeito somente ao trabalho dos feirantes, mas os laços de sociabilidade que estes também tecem juntamente com seus fregueses no cotidiano das cidades. Parte considerável dos feirantes e frequentadores que colaboraram com as entrevistas são moradores e moradoras de Taguatinga, possuindo memórias e intensas relações com esta Região Administrativa.

A faixa etária escolhida para compor esse grupo de entrevistados varia dos 34 aos 74 anos, o que confere riqueza e dinamicidade nas narrativas que são produzidas e no que diz respeito às representações construídas sobre a cidade. Não somente as entrevistas produzidas através de roteiro semi-estruturado, mas trago também as entrevistas que compõem o Arquivo Público do DF como um dos motes de discussão sobre como a cidade é apresentada e representada. E assim, este capítulo propõe-se a pensar sobre as relações destes indivíduos com a cidade, as suas artes de fazer (Certeau, 1994), bem como as memórias vividas nesses espaços e como são percebidas em suas narrativas.

Para tecer essa discussão as entrevistas são linguagens ativas de sujeitos que vivem esta estrutura e que dão compreensão histórica da interação social, neste caso feirantes e frequentadores são os indivíduos que vivem e interagem com estes espaços. A atenção que dou a estas entrevistas, parte de um processo dinâmico de visitas e revisitas aos depoimentos, no intuito de compreender como se dão essas práticas do cotidiano enquanto resultado da interação entre sujeitos, experiências e espaços. Há uma tentativa de pensar as atividades desenvolvidas pelos feirantes, suas relações de sociabilidade e afetividade enquanto trabalhadores urbanos (DUARTE, 1996) tendo em vista que alguns são donos de seus negócios, outros trabalham em bancas que já pertencem a um feirante mais antigo ou de familiares. Ao citar a definição de Duarte (1996) sobre trabalhador urbano, não tenho aqui a intenção de problematizar esta categoria, mas sim de situar quem seriam esses indivíduos dentro da discussão referente a cidades.

Tendo como ponto de partida as entrevistas concedidas, é importante considerar o feirante enquanto participante ativo das dinâmicas urbanas, seja enquanto elaborador das práticas de vendas, sociabilidades que são parte da vida nas cidades, que conforme Vedana

(2008) suas táticas e formas de reelaborar o seu trabalho são influenciadas pelas mudanças e o crescimento das cidades. Sobre o trabalho feirante no espaço urbano, considera que:

Esse trabalhador do mercado, da mesma forma, usa suas habilidades de conversação, ao longo dos dias de feira, para se especializar e construir sua clientela, intensificando sua experiência urbana de trabalho na rua. Podemos argumentar que esses mesmos produtos podem ser vistos e adquiridos em supermercados, que prescindem da atuação desse trabalhador. Refiro-me, todavia, mais às representações simbólicas que a feira livre enseja, devido à forma como esses produtos são apresentados e comercializados, do que à dimensão de uma razão prática, relacionada à aquisição de alimentos hortifrutigranjeiros. Se feiras livres e mercados de rua ainda fazem parte da paisagem urbana é porque essa forma de comercializar alimentos permanece plena de sentido para seus habitués, trabalhadores ou fregueses. (VEDANA, 1993, p. 46)

Nessa colocação de Vedana (2013) sobre a importância das feiras livres como mercados de rua, percebe-se a relação intensa entre feirantes e fregueses como fatores da construção de sociabilidade da cidade, pois essa forma de comercializar, ainda que ocorram mudanças ao longo do tempo, ainda fazem sentido e compõem o meio urbano. A importância desse comércio para as cidades alcança também as necessidades de abastecimento de seus habitantes, ainda que coexistam com grandes supermercados, que muitas vezes possuem preços e promoções em dias específicos, porém a feira comercializa produtos que atendem necessidades do que os fregueses que buscam principalmente pelas verduras e folhagens frescas. Na fala abaixo, a feirante Maria das Dores traz uma reflexão sobre as razões pelas quais os moradores das quadras ao redor da feira preferem os produtos oferecidos ali do que os do mercado:

[...] A mercadoria é mais durável, ela tem mais...é mais tempo de durabilidade, tanto faz na geladeira ou fora..a mercadoria da gente é totalmente fresca, ela é fresca de fato, não tem aproveita...você não aproveita nada daqui o que sobrar aqui hoje você ou doa ou vende bem barato, porque a gente não aproveita uma mercadoria de uma feira pra outra. Agora o sacolão e o mercado não ele aproveita ali no dia a dia, a gente não você não vai pegar uma mercadoria que sobrou pra tentar revender no outro que a mercadoria já...só ela você pode até aproveitar, mas se você botar na banca o calor do dia e as pessoas pegando a gente já acha que ela não tá boa, ela tem que tá perfeita pra gente vender e a gente tem essa mania de perfeição pra

agradar o cliente e pra ter mais durabilidade e o cliente sempre volta. A mercadoria dura 7 dias, 8 dias a do mercado do sacolão, mas não é fresco, aqui foi tirado ontem e é vendido hoje e se souber lavar dura muito tempo...né? A gente não fala isso pra querer ser melhor que os sacolões e supermercado, mas é porque a gente realmente lida direto com a mercadoria e com o produtor, você não tem aquele atravessador...você vai no produtor e olha o produto na horta pra depois. E o produtor já chama a gente de safo, feirante é bicho safo..ele entra na horta pra ver qual que ele quer e o que tiver errado ele deixa a mercadoria lá mas ele não leva. (MARIA DAS DORES, 2022)¹

A fala acima foi motivada, não somente pela pergunta feita a D. Maria das Dores, mas também pela própria visão que a feirante tem sobre a importância e predileção dos produtos oferecidos na sua banca e nas dos outros colegas feirantes. Ainda relata que é necessário ter um certo cuidado no manuseio das verduras e folhagens para que se conserve a qualidade, o que não é realizado em supermercados com o mesmo cuidado que o feirante possui. Na sequência de sua fala, ainda relata que “ a gente vai direto no produtor,, tem gente aqui que meia noite tá nas hortas, a pessoa tirou 6 ou 7 horas da tarde, meia noite quando termina de montar a parte grossa, é que eles vão lá e busca”.² Observa-se que há uma preocupação em buscar o produto o mais tarde possível na horta para conservar o frescor que agrada o cliente, fazendo com que retorne na semana seguinte. Sobre o que é vendido em sua banca, a feirante afirma “frutas e verduras em geral aqui sai tudo, o mais procurado mesmo é o cheiro verde e alface. É bem procurado, você pode trazer 5, 10 caixas que vai baixando o preço, vai baixando ou subindo e ele vai vender, a época de vender melhor é agora.”³

Enquanto fazia a entrevista com Maria das Dores estávamos sentadas em caixotes de madeira utilizados para carregar as folhagens, que ofereciam segurança e resistência para nos acomodar enquanto nossa conversa acontecia. E assim, vários clientes e amigos da feirante passavam e a cumprimentavam calorosamente, um deles chama-se Divino que é seu amigo de longa data, considerado por ela como um “patrimônio da feira”, aquele que “sabe tudo e todas as coisas”. Maria das Dores convidou Divino para participar da conversa, e assim ele

¹ Pergunta: **Porque a senhora acha que as pessoas preferem comprar na feira do que nos mercados?** Resposta a partir do minuto 32:13 do áudio registrado dia 21 de agosto de 2022.

² Extensão da pergunta anterior. Resposta a partir do minuto 34:03 do áudio registrado dia 21 de agosto de 2022

³ Pergunta: **O que é vendido na banca da senhora e o que é mais vendido nessa feira?** Qual é a referência de vendas aqui? Resposta a partir do minuto 12:48 do áudio registrado dia 21 de agosto de 2022

logo se aproximou de nós numa demonstração de interesse sobre o que estávamos conversando. Quando é perguntado a ele sobre a preferência das pessoas em fazer compras nas feiras, tive a seguinte resposta:

A característica principal da feira hoje é a variedade de produtos encontrados pelos moradores, né? Porque a maioria das feiras permanentes hoje que nós temos no Distrito Federal nenhuma tem mais essa questão de variedade encontrada na Feira do Bicalho, né? E a Feira do Bicalho é uma feira tradicional porque é onde se encontra também vários amigos, né? Quando a gente vem pra cá a gente encontra amigos, bate papo, quer dizer, é um encontro de gerações da cidade de Taguatinga e até de Brasília, né? Porque muitas pessoas saem daqui, mas vem fazer compras aqui. Eu tenho amigos de Aguas Claras do Plano Piloto que fazem compra na praça do Bicalho por causa da variedade e dos preços que elas encontram (DIVINO, 2022)⁴

A fala de Divino reafirma o que Maria das Dores havia dito sobre o diferencial das compras realizadas nas feiras, o deslocamento das pessoas que moram em outras localidades para consumir o que é oferecido na Feira do Bicalho. Após responder a pergunta, notei em Divino curiosidade e interesse em participar da pesquisa, Maria das Dores me disse que ele seria uma pessoa ideal para ser entrevistado, fiz o convite e este de prontidão aceitou. No dia em que esta entrevista foi gravada, a feirante Maria das Dores estava na Feira da Praça do Bicalho, por volta do meio dia e devido ao avanço do horário via a necessidade de vender todas as suas folhagens para não perder o produto. Neste caso, todo esforço para, nas palavras de Maria das Dores, “fazer dinheiro” é válido, inclusive vender as folhagens pela metade do preço e assim finalizar o trabalho com saldo positivo de vendas. Sentindo que o meu tempo disponibilizado já estava se esgotando, comuniquei que já estava nas últimas perguntas e o roteiro já se encaminhava para as considerações finais, então a indaguei sobre a forma como avaliava suas vendas em sua banca e se houveram mudança ao longo dos anos no modo em conduzi-las, tive a seguinte a seguinte resposta

Tem dois tipos de avaliação da venda na feira, a época da falta e a época da cheia, quando tá chovendo a mercadoria dobra de preço, quando tá na seca a mercadoria fica metade menos da outra metade ainda que fica tudo barato. Então pra avaliar pra mim tá bom, porque eu consigo vender quando tá ruim e quando tá bom, é meu meio de me manter a minha casa, as minhas coisas é exatamente a feira, tiro ali o

⁴ Pergunta: **Divino, você tem uma ideia porque as pessoas preferem fazer compra nas feiras do que nos mercados? E qual é a marca registrada da feira, a característica principal dela.** Resposta a partir do minuto 15:18 do áudio registrado dia 21 de agosto de 2022.

meu ganha pão, não tenho outra palavra pra falar...é meu ganha pão a feira. Pra mim a avaliação dela é sempre boa, mesmo quando alguém diz que não vendeu nada, ela sempre dá pra você pagar uma coisa, pagar uma mercadoria, ter crédito pra pagar de novo e continuar trabalhando, circulando...não dá pra ficar parado, mas você não para com ela é um círculo você vai comprando e vendendo, o que sobra você doa ou vende mais barato, mas você vai levando. Assim eu vejo a feira. MARIA DAS DORES, 2022)⁵

No processo de transcrever uma entrevista, reler e revisitar estes depoimentos faço algumas reflexões sobre o que foi apontado, expressado como representação da vivência do “ser feirante” (VEDANA,2004)⁶ numa Região Administrativa como Taguatinga. Nesta resposta a entrevistada coloca como estabeleceu a sua dinâmica de vendas, que segundo ela segue “circulando, não dá pra ficar parado” (MARIA DAS DORES, 2022), onde a dinâmica do saber fazer (CERTEAU, 1994), amplia as possibilidades da circulação da mercadoria o que gera a manutenção de seu trabalho e também seu sustento conforme mencionado pela própria Maria das Dores. Esse relato vem a concordar com as reflexões que levam a compor o debate sobre economia urbana, especificamente o que seria o circuito inferior da economia pensado por Milton Santos (1979) e Oliveira (2011).

2.1 - “A feira é meu ganha pão”: Diálogos com Milton Santos sobre circuito inferior da economia

O ambiente citadino é composto por diferentes formas de produção e circulação de mercadorias que atendem aos mais variados fins de abastecimento da população que nela reside. Neste caso, conforme aponta Milton Santos (1979) o circuito inferior seria “um circuito não moderno, que compreende a pequena produção manufatureira, frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma multiplicidade de serviços de toda espécie” (SANTOS, 1979, p. 155). Segundo o autor, a desigualdade de renda e acesso ao consumo, bens e serviços acarretou na existência de dois circuitos econômicos, o superior e o inferior. Em termos de

⁵ **Pergunta: Como a senhora avalia as suas vendas na sua banca? Houve alguma mudança no seu jeito de vender ao longo desses anos?** Resposta a partir do minuto 44:19 do áudio registrado dia 21 de agosto de 2022.

⁶ A discussão será sequencialmente abordada no capítulo 3 tendo em vista que forma o debate acerca de identidades e representações.

discussão neste trabalho, atendo-me ao circuito inferior como forma de situar as feiras nesta categoria.

É a partir da análise de Milton Santos (1979) que compreende-se aqui a relevância das feiras do Bicalho e das entrequadras da QND como manutenção e sobrevivência das famílias que são parte desta atividade comercial. E neste contexto, este circuito observado a partir das feiras corresponde a “uma variedade infinita de ofícios, uma multiplicidade de combinações em movimento permanente, dotadas de grande capacidade de adaptação, e sustentadas no seu próprio meio geográfico (SANTOS, 2006, p.260)

Quando Maria das Dores afirma que “a feira é meu meio de me manter a minha casa, as minhas coisas é exatamente a feira, tiro ali o meu ganha pão, não tenho outra palavra pra falar...é meu ganha pão a feira.”⁷ ela reitera a importância que a atividade econômica exercida tem na manutenção de sua subsistência e de sua família, indo de encontro as reflexões de Milton Santos que aponta o circuito inferior, no sentido de sobrevivência, como:

No circuito inferior, a acumulação de capital não constitui a primeira preocupação. Trata-se, antes de tudo, de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família, bem como tomar parte, na medida do possível, de certas formas de consumo particulares à vida moderna (SANTOS, 1979, p. 35-36)

Situando as feiras no circuito inferior da economia, onde as práticas de vendas e consumo dos seus produtos dizem respeito a suas condições de consumo acordadas com o seu nível de renda. De acordo com as colocações de Matos (2012):

Já o circuito inferior atende a população e a economia local, é representado pelo trabalho intensivo que utiliza tecnologias superadas; os vínculos de trabalho são precários em termos de proteção social; a atividade comercial dirige-se, prioritariamente, para as camadas médias e desprovidas e visa, principalmente, garantir a sobrevivência. Diz ainda que a seletividade espacial tem raiz nas modernizações tecnológicas e a diferenciação entre possuidores e despossuídos é provocada pela divisão territorial do trabalho e pelo processo de acumulação capitalista. (MATOS, 2012, p. 10)

Com essas colocações de Milton Santos sobre o circuito inferior da economia, é possível pensar as feiras a partir de sua importância para a manutenção da renda de famílias

⁷ Retomada de trecho da entrevista referente a pergunta: **Como a senhora avalia as suas vendas na sua banca?** Houve alguma mudança no seu jeito de vender ao longo desses anos?

de baixo poder aquisitivo, uma vez que estas famílias estão vinculadas a esta profissão feirante. Logo, apontar a teoria do circuito inferior da economia é uma das formas de compreender a feira no seu sentido de possibilidade do feirante, enquanto trabalhador urbano, de sustentar suas necessidades sociais e materiais. Santos ainda coloca que esse mesmo circuito inferior, formado por atividades de menor dimensão, é vinculado às especificidades locais (SANTOS, 1979, p. 16) e assim são estabelecidas relações em escala local.

As cidades contemplam de maneiras diversas atividades de produção e sobrevivência que seguem uma lógica particular vinculada a realidade local. E assim, grupos de pessoas necessitam inserir-se em atividades que lhes assegurem seus meios de sobrevivência na cidade, conforme Santana (2017) “ainda que desigual, a cidade abriga distintas formas de (re) produção e de sobrevivência. É a necessidade do uso do território, contraponto existencial à rigidez normativa” (SANTANA, 2017, p. 69). Portanto, diante dessas colocações juntamente com as reflexões das narrativas das entrevistas, pode-se pensar as feiras do Bicalho e das entrequadradas da QND como espaços de apropriação do meio urbano, que tem seu próprio processo de formação dada as especificidades locais.

2.2 “ Tenho 49 anos de feira e estou aqui até hoje”: As feiras como espaços de resistência

Neste sentido, sendo as feiras espaços de apropriação das cidades, cabe aqui também uma reflexão sobre esses locais enquanto espaços de resistência, uma vez que há uma vinculação destes lugares com o circuito inferior da economia, sendo assim o lugar vivenciado por indivíduos que expressam suas experiências e vivências. Matos (2005) coloca que mesmo com o crescimento dos supermercados e shoppings, as feiras persistem não somente como meios de sustentação de empregos e rendas, mas representam também espaços de sociabilidade.

Sendo as feiras do Bicalho e das entrequadradas da QND resultantes de uma atividade econômica, algumas compostas e gerenciadas por famílias, individuais ou em grupos, são pontos de vendas que não se deslocam, mas que ocorrem numa periodicidade semanal, respectivamente domingo e quinta-feira. E são nesses espaços que se reproduzem enquanto resistência a este modo de produção e de vendas, concorrendo com o crescimento do comércio varejista dos supermercados. Sobre as feiras enquanto espaços de resistência, Bernardino (2017) demonstra que

Portanto, os lugares de re (ex)istência, são formados por lutas das classes menos favorecidas que se recusam à dominação desta alienante espacialidade que

transforma as condições sociais. Embora as feiras se insiram no modo de produção capitalista e dependam deste sistema, contrariam os interesses do capitalismo global, pois absorvem parte da mão de obra desempregada (principalmente o trabalho familiar), abastecem a cidade com alimentos da pequena propriedade periurbana e rural, e contribuem para o desenvolvimento local. (BERNARDINO, 2017, p.

Conforme mencionado em capítulo anterior, as feiras do Bicalho e QND possuem uma historicidade que corresponde a formação urbana de Taguatinga, sendo um comércio que atravessou geração de consumidores que buscam produtos motivados não somente pela necessidade de abastecimento, mas também por aquilo que consideram próprio de seu cotidiano, que seria o café moído na hora (um modo de fazer que agrada o freguês, que vai semanalmente em busca desse produto oferecido conforme seu pedido), a massa de tapioca já molhada, o tempero moído na hora, a galinha caipira, a carne de carneiro e de bode, a linguiça artesanal, as bacias de verduras, entre outros produtos procurados pelo modos como são produzidos e oferecidos. São estes os atrativos que fazem das feiras esses espaços de resistência e também de convivência e sociabilidades entre os indivíduos que nelas trabalham e consomem, tendo em vista as suas bagagens culturais plurais.

As feiras contemplam diversos processos da produção, circulação, distribuição e consumo, além do que a sua importância humana é de grande relevância, o que gerou manutenção de existência no espaço urbano, sofrendo algumas adaptações ao longo do tempo para atender as necessidades dos mais diversos clientes, são dinâmicas, inovadoras e prestativas. É nesse espaço de resistência representados aqui pelas feiras que ações e experiências se realizam, tendo em vista as bagagens culturais plurais que os feirantes possuem.

Seu Antônio Querino é um dos feirantes mais antigos de Taguatinga, refiro-me esta Região Administrativa no sentido geral, haja vista que monta bancas em 4 feiras espalhadas pela cidade e em dias diferentes. Natural da cidade paraibana de Bananeiras, em 1944, foi criado na triângulo mineiro na cidade de Ituiutaba onde morou por 16 anos, migrou para Brasília no ano de 1967, trabalhou em empresas de construção civil antes de iniciar a sua trajetória nas feiras de Taguatinga. Em suas recordações diz “ tenho 49 anos de feira e estou aqui até hoje (ANTÔNIO QUERINO, 2022)”⁸ No trecho logo abaixo, pode-se verificar a importância das geração de vendas na feiras Praça do Bicalho e QND para composição de sua renda

⁸ **Pergunta: E quando o senhor chegou aqui em Brasília, Taguatinga?** Resposta a partir do minuto 19:22 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

Oh..muito! É minha...minha fonte de trabalho, como lhe disse há 49 anos que eu trabalho, é aqui que eu tiro o meu sustento e não tenho nada a reclamar, só a agradecer não só aos que estão aqui, como aos administradores e os meus cliente que são meu porto seguro, certo? (QUERINO, Antônio. 2022)⁹

Falar sobre sua chegada em Taguatinga deixa-o emocionado, principalmente ao afirmar veementemente os seus 49 anos de feira, onde reconhece a importância dos administradores da feira livre, uma vez que alcançaram benfeitorias graças a atuação dessas lideranças, e não menos obstatante os clientes com o qual estabelece uma relação não somente comercial, mas também de afetividade o que é próprio das feiras enquanto lugares de resistência e sobrevivência (BERNARDINO, 2017, p. 85). Pensando as feiras do Bicalho e QND a partir deste lugar de resistência tão evidenciado nas falas daqueles que ocupam e compõem suas rendas nestes ambientes, deparei-me com um cenário conflituoso no que diz respeito às tentativas de retirar as duas feiras. Sobre essa tentativa sugerida por alguns moradores, Seu Antônio Querino coloca que

Veja bem, hoje Taguatinga é uma cidade comprimida e não tem mais espaço para uma praça de feira, por exemplo, essa feira tá aqui nesse setor aqui aproximadamente 40 anos. Ela começou aqui hoje onde está o posto de saúde já foi praça de feira. Então pra construir já foi retirada daquela rua lá, aí não tinha espaço pra estacionamento era muito restrito, né? E ela foi...ela veio pra cá porque é muito amplo e ela ficou muito tempo aqui e os moradores, me parecem que fizeram um baixa-assinado pra que ela fosse transferida. A feira tinha que permanecer no setor, aí ela veio para esse local aqui onde está até hoje. Na época esse muro aqui (aponta para a escola) era recuado aproximadamente 5 metros...e essa parte ali não funcionava. Mas resolveram avançar o muro para cá, então ela foi e chegou pra lá...então ela está aqui desde essa época. Durante essa época esse cidadão aqui (aponta para Divino¹⁰) foi ele quem organizou essa rua aí, ó para que houvesse uma possível emergência que desse para entrar uma viatura de salvamento, da segurança

⁹ **Pergunta: Bastante tempo, hein? Viu muita coisas o senhor é o patrimônio daqui. E então Seu Antônio o que essa feira representa na vida do senhor?** Resposta a partir do minuto 17:24 do áudio registrado dia 21 de agosto de 2022.

¹⁰ No momento da entrevista, Divino estava presente e Antônio Querino aponta para indicá-lo como uma das lideranças que exerceu trabalho significativo nas feiras do Bicalho e da QND. Outro entrevistado que será sequencialmente apresentado neste trabalho.

ou do Corpo de Bombeiros. Então hoje os ambulantes chega e coloca no meio, mas não fica aí. (ANTÔNIO QUERINO, 2022)¹¹

Conforme o exposto por Seu Antônio Querino, a feira do Bicalho gerou incômodos desde o início da ocupação das ruas da CND 6, uma vez que os moradores relataram que o estreitamento das vias gerava uma situação caótica que comprometia a mobilidade dos automóveis e passantes. Mas afirma no início de sua fala, que isso se deve ao fato do crescimento urbano de Taguatinga e não à ocupação desordenada da qual são apontados de promover. Ainda sobre esses espaços de resistências e os conflitos neles gerados, Bernardino (2017) coloca que

Neste caso, a resistência é uma força que pressupõem a desigualdade de desenvolvimento dos espaços geográficos. A resistência para a existência é predicado das classes menos favorecidas. É uma luta coletiva contra a hegemonia dos espaços do capital, para garantir a sobrevivência de classes menos favorecidas. Este processo de resistência, ao contrário de ser o fim, serve como início de reflexão e aprendizado para os oprimidos. (BERNARDINO, 2017, p. 100)

Há um apontamento muito interessante feito na fala de Antônio Querino ao mencionar a atuação de um importante personagem nas duas feiras, o Divino que foi líder de Associação das feiras livres e considerado por boa parte dos feirantes uma importante peça na articulação comunitária entre feirantes e o poder público. Conforme as suas lembranças foi o Divino quem fez uma alteração na disposição da rua, de modo que as bancas tivessem um certo distanciamento que permitisse a entrada de ambulâncias do Corpo de Bombeiros, caso necessário uma ação de socorro de vítimas. É na luta pela sobrevivência no meio das feiras que essas lideranças despontam como atuantes em favor dos que estão reivindicando seus espaços de trabalho, “esses espaços de resistência envolvem (re) ação política e defesa dos espaços de sobrevivência” (BERNARDINO, 2017, p.100).

2.3 O espaço vivido: Relações das feiras do Bicalho e QND com a formação de Taguatinga

¹¹ Pergunta: **Seu Antônio, o senhor sabe se alguma vez já tentaram tirar essa feira daqui se ela incomoda os moradores ao redor e da QND também o senhor acha que tem algo assim?** Resposta a partir do minuto 18:12 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

Divino Rosa de Souza é natural de Anápolis e chegou em Taguatinga em 1967, onde inicialmente trabalhou como ajudante de seu pai que era carroceiro. Juntamente com seus pais e irmãos moraram, inicialmente, numa invasão onde localiza-se hoje as Ferragens Pinheiro.¹² Divino é entendido pelos feirantes e também frequentadores das duas feiras como um grande articulador comunitário, devido a sua atuação contundente em manter diálogo entre comunidade e o Poder Público. Com relação a sua atuação como líder de associação dos feirantes, comentou que

[...] eu fui agraciado desde o ano de 1999 eu fui nomeado diretor Regional de Serviços Públicos de Taguatinga, onde eu fui diretor de feiras, bancas, quiosques, banca de jornal, ambulante. Então o que marcou com questão foi essa, né? Eu fui premiado com a minha história com os feirantes com essa nomeação pra diretor. (DIVINO, 2022)¹³

Enquanto respondia as perguntas feitas através do roteiro, noto que Divino extrapola, por sua vontade, o que é perguntado como forma de registrar aquilo que considera importante. Noto em sua fala e mesmo em sua postura um certo tom heróico e um profundo envolvimento em tudo aquilo que afirma sobre as feiras em Taguatinga, que considera parte significativa da formação que teve em sua vida. É nítido também a gratidão que deve aos feirantes quando o escolheram para representá-los. São nesses espaços de resistência que se forjam identidades dos sujeitos, seja como trabalhadores ou como lideranças, que segundo Gupta e Ferguson “constroem e reconstruem a identidade dos sujeitos. Os efeitos da resistência sobre a identidade dos sujeitos pode ser profundamente transformadora” (GUPTA;FERGUSON, 1997, p.19) Ainda sobre a feira enquanto espaço de resistência, Divino nos conta como ocorreram as tentativas de retirá-las das ruas de Taguatinga

Olha isso aí vai e volta tem sim várias tentativas já foram, inclusive na minha época quando eu ainda era diretor, alguns moradores aqui alegando falta de...como é que

¹² Informações retiradas da resposta a pergunta: **Divino, você poderia me falar seu nome completo, cidade de onde veio, a sua história com o Distrito Federal e também com Taguatinga?** Resposta a partir do minuto 44:14 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

¹³ Pergunta: **Divino, me diga o que a feira representa na sua vida e qual foi o fato marcante, algo que ficou registrado na sua memória ocorrido aqui na feira?** Resposta a partir do minuto 55:21 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

eu posso falar...iniciativa de atendimento para as pessoas, né? Eles fizeram abaixo-assinado foram atrás de vários órgãos do governo porque eles disseram que a mãe de um deles passou mal e não teve acesso ao bombeiro pra poder prestar socorro. Nessa época, foi uma época quando eu estreitei mais ainda a amizade com os feirantes, foi quando na época de 2005...final de 2005...é reorganizar a feira e deixar um corredor de 6 metros no meio da feira. Corredor esse que assim, eu fico feliz hoje em ver que no primeiro dia os clientes da feira, os frequentadores da feira felizes porque tem espaço pra caminhar na feira. O que não acontece hoje infelizmente, a feira foi abandonada e largada e com isso os moradores estão voltando de novo a reclamar. Nós temos a feira da QND que tem reclamação, a feira da QND que começa lá na 3, da QSB 3 em Taguatinga Sul, vários e várias vezes tiveram pedidos sim de retirada das feiras. (DIVINO, 2022)¹⁴

Tanto na fala de Divino quanto em Antônio Querino é marcante essa abertura de espaço na via de ocupação da feira para que pudesse viabilizar a entrada de ambulância do Corpo de Bombeiros. Esse episódio gerou um estreitamento e proximidade na relação de Divino e os feirantes, no entanto as tentativas e situações conflituosas entre os moradores ao redor ainda continuam, pois se tratam de apropriações do espaço público. Segundo Bernardino (2017) são as formas coletivas de uso desses espaços, que se contrapõem aos espaços de consumo das grandes lojas de comércio varejista, que tornam a cidade mais viva (BERNARDINO, 2017, p. 11)

Através das lembranças e memórias desses feirantes, bem como as suas trajetórias e vivências nas feiras, onde a cada dia reelaboram seus saberes para prosseguirem em suas atividades, é preciso pensar a cidade a partir dos indivíduos que a compõe. É o feirante que traz para o espaço urbano o seu modo de uso e apropriação, onde (re) cria suas táticas e estratégias, elaborando suas representações autorrepresentações a partir de seu próprio entendimento e relação com o espaço citadino. Se as feiras livres da Praça do Bicalho e das entrequadradas da QND ainda fazem parte e compõem a paisagem urbana de Taguatinga é que essa forma de comercializar, que foi descrita na narrativa de seus personagens, permanece ainda repleta de importância para seus habitantes, feirantes e clientes das duas feiras.

Divino quando conta sobre a sua chegada em Taguatinga é perceptível sua estrutura de emoções em torno desse assunto, no trecho em que diz “ Aqui eu fui ajudante eu e meu pai sendo carroceiro, porque ele era carroceiro. Taguatinga me deu a vida de luta eu sou formado

¹⁴ Pergunta: **Já houve alguma tentativa de retirar essa feira daqui, tanto a daqui quanto a da QND das entrequadradas?** Resposta a partir do minuto 56:01 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022

em Educação Física, sou advogado e devo isso a nossa cidade Taguatinga” (DIVINO, 2022)¹⁵. Ao indagá-lo sobre a importância da feira pra história de Taguatinga, de modo a ouvir como estabelece a ligação de importância da feira com a cidade, assim responde

Olha a importância é gigante como eu falei nós temos uma média de 5 mil pessoas em dia de domingo, né? É uma feira aonde a maioria das pessoas faz suas compras semanais. Agora quanto a ligação não tem nenhuma ligação com nada que possa ter vindo não...Ela começou com a necessidade de pessoas que queriam trabalhar na época. (DIVINO, 2022)¹⁶

Essa percepção de Divino sobre a circulação de massas de pessoas na busca pelos produtos da feira, é a forma como representa a importância deste comércio informal para cidade, devido a dinâmica do fluxo de pessoas nesta Região Administrativa, o que a torna ainda mais atrativa para esse comércio de feiras livres, sendo assim importantes lugares de geração de renda.

Aqui menciono outro entrevistado, Seu Manoel, que possui uma banca de queijos e doces na Feira do Bicalho e também na Feira da QND. Sua chegada em Taguatinga se deu em 1984, período em que as feiras já estavam estabelecidas, e assim conta a sua experiência de chegada

Rapaz eu cheguei aqui em 84 e já existia essas feira tudo, mas de 84 pra cá eu tô trabaiano nos mermo lugar...nunca mudou. Mas antes d’eu chegar era noutros lugar...eu fui criado nos sítio, né? Trabaiano assim eu criei sete filho e graças a Deus meu ganho de vida tenho aposentadoria, minhas rendazinha, né e tá dando pra viver. Graças a Deus meus filho tudo trabaia, é tudo comerciante de feira...tudo comerciante. Graças a Deus eu não tenho do que me queixar não, vim mimbora da minha terra do Piauí... é com essas criança aqui, tive muita dificuldade na vida, não achava quem me alugasse casa pra eu morar mas eu venci tudo, Graças a Deus! E hoje eu tenho minha própria casa, né? E hoje meus filho tá tudo bem. Eu tenho lote, minha moradia (MANOEL, 2022)¹⁷

¹⁵ Pergunta: **Divino, você poderia me falar seu nome completo, cidade de onde veio, a sua história com o Distrito Federal e também com Taguatinga?** Resposta a partir do minuto 35:12 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022

¹⁶ Pergunta: **Divino, qual seria a importância da feira pra história de Taguatinga e a feira tá ligada a alguma festividade popular daqui da cidade?** Resposta a partir do minuto 59:41 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

¹⁷ Pergunta: **Seu Manoel, o senhor poderia me contar sobre a sua chegada aqui na feira, em Taguatinga e como ela surgiu?** Resposta a partir do minuto 24:39 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

Seu Manoel fala sobre a conquista de sua moradia como uma vitória alcançada resultado do seu trabalho em Taguatinga, por ter passado dificuldades em alugar uma moradia enquanto ainda tinha crianças pequenas que dependiam exclusivamente de sua renda. As falas acima demonstram que existem relações afetivas com Taguatinga e não somente o material resultante do trabalho nas feiras, haja vista que boa parte dos feirantes constituiu família, estabeleceram moradias nesta Região Administrativa, por isso não se pode desconsiderar essas experiências de chegada, suas trajetórias e a instituição dos modos de vida próprios de cada indivíduo, pois são fatores que moldam as relações com a cidade.

Deste modo, entende-se que as cidades não são somente definidas pelo seu crescimento quantitativo, mas podem ser pensadas a partir de suas dinâmicas, e como um espaço que está em processo contínuo de práticas cotidianas, interações entre indivíduos e espaço ocupado, são os indivíduos que nela habita e a definem. Em sua obra *Antropologia da Cidade: lugares, situações e movimentos*, o autor Michel Agier (2011), considera que

Cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo... Trata-se de uma interrogação que diz respeito aos cidadãos e à sua experiência de cidades. A cidade já não é considerada “uma coisa” que eu possa ver nem “um objeto” que eu possa apreender como totalidade. Ela transforma-se num todo descomposto, um holograma perceptível, “apreensível” e vivido em situação (AGIER, 2011, p. 38)

Sendo assim, uma cidade é definida também pelos indivíduos que a compõem, seus grupos sociais com suas atividades desenvolvidas, aqui no caso em estudo, refiro-me aos feirantes e frequentadores desses espaços. Observando as falas e as experiências destes sujeitos, entende-se a interligação entre Taguatinga e as feiras do Bicalho e das entrequadradas da QND não somente nos surgimentos entre feira e cidade, mas também um enlace que permanece ainda nos dias atuais. A conexão entre esses indivíduos, feira e cidade é notória nas respostas dos interlocutores, uma vez que a maioria dos feirantes fixaram moradia em Taguatinga e possuem como renda aquilo o que é resultante das suas vendas. Siman (2010) aponta para a importância da cidade como objeto possível de problematização a partir de seu cotidiano

O cotidiano da cidade é mais do que uma história do banal, do corriqueiro, é mais do que trânsito intenso e apressado de mercadorias, dos seus transportes, dos homens sendo transportados individual ou coletivamente sobre o traçado físico da

cidade. A história que se vive no cotidiano da cidade é efeito material e simbólico desses movimentos reveladores de sentidos do pensar e agir dos homens em suas múltiplas relações sociais, tecidas em diferentes lugares. (Siman, 2010, p.583).

Partindo da ideia de compreender a cidade de forma mais ampliada entendendo seu cotidiano, dinâmicas e atividades econômicas, Weber (1979) aponta que não é somente um elemento que dá a forma de uma cidade, mas são conjuntos de fatores, culturais, políticos e econômicos que delineam seus formatos. Aponta também que o surgimento das cidades está ligada as interações que seus comerciantes faziam com relação à negociação das mercadorias. Porém, não me atenho aqui à formação de Taguatinga puramente como necessidade de estabelecimento de trocas comerciais, mas sim a uma perspectiva mais ampla que é desvelada no decorrer deste capítulo e presente na narrativa produzida pelos entrevistados.

A cidade é entendida sob um ponto vista que considera elementos heterogêneos, onde as relações sociais são complexas, segundo Weber (1999) geram estruturas como família, Estado e economia de mercado, sendo assim configurações que ocorrem somente no mundo Ocidental. Quando Weber faz suas reflexões sobre as feiras aponta que as atividades comerciais não são ocasionais, mas possuem certa regularidade na região, por isso são elementos fundamentais para atender as demandas dos moradores

Assim, trago novamente as proposições de Certeau (1996) colocando que as cidades são delineadas pelas trajetórias de seus moradores, que desdobram nesses espaços seus usos e práticas cotidianas. Essas “práticas cotidianas” a que se refere seriam as formas de viver, organizar, os saberes e fazeres expressos nas maneiras desses sujeitos, suas negociações nesse espaço de comércio (CERTEAU, 1996). Poder realizar as entrevistas, em sua maioria, no próprio ambiente das duas feiras atentou-me para perceber a realidade de uma forma própria de comércio (táticas e estratégias já citadas no primeiro capítulo) e como a interação destes grupos formata o espaço da Região Administrativa de Taguatinga. Sobre essas formas de viver e organizar o trabalho nas feiras, Seu Manoel aponta que

Tudo fruto do trabalho da feira, viu! Nunca fiz outra coisa a não ser trabalhar na feira...é mas a feira é dura, você trabalhá de 4 hora da manhã às 6 da noite...é direto sem parar. Mas eu era jovem e guentei, hoje tô com 75 ano e entreguei a feira pro

filho, mas eu ainda tenho parte, né? Mas Graças a Deus eu não tenho nada de que me queixar... Brasília é uma mãe, né? (MANOEL, 2022)¹⁸

Seu Manoel conta sobre as dificuldades que enfrentou em sua rotina em dias de feira, acordando ainda muito cedo para montar a estrutura de sua banca de queijos, doces e temperos na feira da Praça do Bicalho. A rotina de Seu Manoel acaba por ser a rotina de muitos feirantes, que movimentam aquele espaço de domingo no caso da Feira do Bicalho. Cabe considerar que essa localidade da feira é caracterizado por uma grande circulação de pessoas de segunda a sábado, que interagem com as estruturas da cidade ao redor, refiro-me a escola Centro de Ensino Fundamental 11, a Unidade Básica de Saúde nº 2 de Taguatinga, as farmácias, lojas de móveis e eletrônicos, decoração, tecidos, buffet, posto de gasolina, bares e restaurantes que compõem a quadra comercial.

Em dias de domingo, com a montagem da feira, a dinâmica de ocupação da rua também se altera, uma vez que a maioria dos estabelecimentos citados acima encontram-se fechados, cedendo lugar ao espaço ocupado pelas inúmeras bancas, que começa movimentar a cidade logo as 4 da manhã, e assim percebe-se uma outra intensa forma de ocupar as ruas, constituindo assim no que Certeau (1994) considera como “espaço praticado” no cotidiano da cidade. Com relação às dinâmicas desse espaço praticado, Seu Elmiro da Cunha descreve a rotina de montagem e ocupação das feiras

Ainda hoje nas nossas feiras volantes ou feiras livres continuam esse mesmo processo, é por isso que disse pra você que é muito dispendioso para nós feirantes, que nós temos que chegar quatro e meia na feira para a gente descarregar o carro, montar as barracas, para até as seis horas já está com tudo pronto, faça chuva ou faça sol. (ELMIRO DA CUNHA, 2003)¹⁹

Conforme pode-se observar, a entrevista de Seu Elmiro, foi produzida pelo Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal, no ano de 2003. Estas entrevistas pensadas sob o viés institucional são aqui elencadas como parte constitutiva do trabalho, onde

¹⁸ Pergunta: **Tudo isso é fruto do trabalho da feira?** Resposta a partir do minuto 45:25 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

¹⁹ Pergunta: **Antigamente vocês armavam e desarmavam as barracas e as mercadorias como que é ficavam lá?** Entrevista realizada por Helcy de Fátima Bonifácio Perez Nunes e Marta Meneleu Brandão Gracindo aos 13 dias do mês de outubro de 2003 em sua residência, com início às 13 horas e 52 minutos. Produzida pelo Arquivo Público do Distrito Federal. Programa de História Oral. Linha Formação das Feiras Livres.

pode-se pensar as origens das feiras do Bicalho e das entrequadradas da QND, e posteriormente também serão colocadas como objetos de análise, enquanto fontes produzidas.

Seu Elmiro veio da cidade mineira de Monte Carmelo em 1968, ao chegar em Taguatinga morou em um barraco considerado por ele como “ desconfortável, que a gente não era acostumado com aquilo. Esse tipo de moradia, era tudo diferente, lá para e com o decorrer do tempo a gente foi adaptando, mas no início foi assim muito difícil” (ELMIRO DA CUNHA, 2003)²⁰. Trazer esta fala de Seu Elmiro tem por finalidade situar o momento de sua chegada em Taguatinga, tendo em vista que todos os entrevistados têm aqui neste trabalho uma breve exposição de suas trajetórias com a cidade aqui em questão.

Neste sentido, situo a fala de Seu Elmiro, que trabalhou há muitos anos na Feira Permanente de Taguatinga e em outras feiras, como Bicalho, feira da QND e feira da Ceilândia em bancas de queijos e doces, onde fragmentos da sua trajetória como feirante traz pontos de reflexão para se pensar as mudanças ocorridas em Taguatinga, no que diz respeito as dificuldades de moradia, e as formas de adaptação que estes indivíduos fizeram em suas vidas para se estabelecerem dentro dessas feiras

[...] as nossas barracas eram muito rústicas cobertas com uma lona, simplesmente. Barraca, feira de rua e simplesmente coberta com a lonazinha e os quatro esteios da barraca. Mas foi o início de todos, e dava esse tipo de vendaval e sujava tudo com a poeira (ELMIRO, 2004)²¹

Escolhi a fala de Seu Elmiro como contraposição à dos demais feirantes que descrevi desde o início deste capítulo, por ser resultante de um outro processo de entrevista sendo produto do Programa de História Oral do ArPDF, sua fala está numa outra temporalidade dos depoimentos (18 anos de diferença), além do que Seu Elmiro saiu das feiras livres e foi trabalhar na Feira Permanente de Taguatinga, o que suscita numa outra perspectiva que de certo modo se complementa com os demais feirantes conferindo pluralidade a narrativa que compõem este trabalho. As entrevistas foram produzidas pela iniciativa do próprio Arquivo Público para fornecer subsídios de pesquisa para os usuários do órgão, facilitando a pesquisa histórica e divulgando o acervo que está disponível para o público externo. Sobre o Programa de História Oral do ArPDF, Isabel Escobar Crescêncio (2013) coloca que:

Dessa maneira, o Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal caracteriza-se por prever a constituição de um acervo de depoimentos com a finalidade de

²⁰ Pergunta: **Quando chegou em Brasília o senhor foi morar aonde?**

²¹ Pergunta: **Como que eram as barracas?**

proporcionar maior acesso ao público pesquisador que frequenta o ArPDF, ressaltando a necessidade de resguardar os direitos do entrevistado. O Programa de História Oral, junto ao trabalho desenvolvido pelos historiadores, objetiva a produção de documentos sonoros a partir da utilização da técnica e dos recursos apropriados, transcrição, edição, publicação e, principalmente, proporcionar o acesso público aos documentos. (CRESCÊNCIO, 2013, p. 5)

O objetivo do Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal em produzir estas entrevistas é ampliar as perspectivas do que se tem como documentos oficiais relativos à construção de Brasília, ouvindo atores sociais que conectam suas práticas comerciais com as histórias de suas cidades satélites, contribuindo significativamente para a compreensão do passado devido as múltiplas representações que constroem da narrativa de si.

Os áudios das entrevistas estão disponibilizados em computadores da sala principal de pesquisa do Arquivo Público, organizados em uma pasta de conteúdo geral por nome de Feiras Livres e subpastas conforme as cidades satélites que abrigam suas feiras. A transcrição destas entrevistas segue a mesma metodologia de organização dos áudios, através de pastas e subpastas. No intuito de orientar e apresentar ao público externo as entrevistas, o Arquivo Público confeccionou cadernos de pesquisa, conhecidos como “Catálogos de Depoimentos Oraís”. Neste catálogo são pontuados previamente os temas abordados na entrevista: síntese dos dados biográficos; origem familiar dos feirantes; atividades desenvolvidas em outras localidades em torno de Brasília; os vários locais pelos quais a feira passou; como foi recebida a mudança da feira livre para a feira permanente; relatos sobre a distribuição ou venda de bancas e as atividades desenvolvidas pelos feirantes.

O Catálogo de Depoimentos Oraís II mapeou e organizou 45 entrevistas produzidas com feirantes de diversas localidades do Distrito Federal para compreender as várias especificidades e identidades que possuem em cada cidade satélite, porém direciono a minha análise a somente 5 entrevistas que correspondem às feiras de Taguatinga. A utilização, inicialmente, das fontes do Arquivo Público do Distrito Federal, permite uma compreensão da perspectiva da oficialidade sobre as práticas culturais cotidianas da Feira da Praça do Bicalho.

Importante também situar estas falas, ainda que numa temporalidade distante das outras entrevistas, inseridas no debate sobre usos e ocupação das cidades, tendo em vista que são estes feirantes que através de suas relações com a feira acabam por dar forma as cidades, pois segundo Barroso (2016)

Nessa perspectiva, a cidade deve ser entendida como um bem público, ou seja, o espaço socialmente construído torna-se um lugar no qual aqueles que ali irão habitar

precisam ter o direito de dispor daquilo que o espaço tem a oferecer. Para o cidadão, o direito à cidade deve ser mais do que um espectador passivo diante da magnitude oferecida pela modernidade. (BARROSO, 2016, p. 121)

As cidades são produzidas também pelas histórias desses indivíduos que realizam suas ações conforme ao que se propõem no anseio de ocupar o lugar para viver as suas experiências. E assim, feirantes não são apenas espectadores da dinâmica urbana, mas são aqueles que tornam-se parte da ação motivadora que se instala na formação destes espaços, conferindo-lhes movimento, pois não são seus elementos concretos ou planejados que dão sentido a cidade, mas sim as suas práticas cotidianas (BARROSO, 2016, p. 122)

A forma pela qual distintos grupos sociais interagem e participam do espaço urbano ocorre de maneiras distintas, conforme as particularidades locais onde indivíduos veem a cidade como um espaço de possibilidades (SANTOS, 2013, p. 45) que se transforma e significam as suas ações no espaço apropriado e desse modo também são as feiras, que não podem ser entendidas como espaços homogêneos. São pensados assim, uma vez que os feirantes constroem cotidianamente saberes produzidos em suas atividades desenvolvidas que devem ser legitimadas e valorizadas para além das comercializações de produtos, observando-se também as suas estratégias materiais de sobrevivência. Vedana (2004) pensa a feira livre como lugares de produção cotidiana

Desta forma, as feiras livres, sobretudo no universo de cidades brasileiras, devem ser pensadas como importantes lugares onde são produzidos, cotidianamente, saberes do trabalho, caracterizados por atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, formas de agir e se relacionar –fomentadas por feirantes e fregueses, onde se ergue uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos atores sociais no âmbito desses territórios construídos e reconstruídos cotidianamente (Vedana, 2004, p.72).

E nesses lugares de produção cotidiana onde as ações (vendas, conversas, interações entre feirantes e fregueses, brincadeiras, táticas e estratégias de vendas) são fomentadas e situadas. Vale ressaltar aqui a importância de cada um dos feirantes na participação das entrevistas assim como também instigaram-me a questionar o próprio roteiro de entrevistas, uma vez que estes também sentiam-se à vontade para indicar outros feirantes a também compor a narrativa deste trabalho. Através de Divino, pude conhecer outros personagens fundamentais para esta pesquisa, uma vez que este indicava e mapeava feirantes que

estabeleceram-se ali a mais tempo, e que teriam “histórias para contar”, ou seja, conectam suas histórias de vida as memórias da feira assim como também da cidade de Taguatinga.

De acordo com Benjamin (1994) a memória coloca-se como instrumento por meio do qual grupos e indivíduos marginalizados participam ativamente de modo a transformar o presente. Ao utilizar este procedimento, pretendo aqui não “dar voz” aos feirantes, mas sim dialogar com estas memórias e percebê-las como fecundo campo analítico de estudo de representações e identidades que são formadas no ambiente feirante.

A fala destes feirantes reflete aquilo o que viveram bem como suas lembranças de fatos que presenciaram, interagiram e conferiram sentido a suas percepções sobre o espaço que ocupam. Estes elementos são aqui elencados no sentido de que a memória é a experiência narrada por estes indivíduos. Porém existem algumas distinções entre vivências e memórias, Janaina Amado (1995) coloca que

Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade. O vivido remete à ação, a concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência. (AMADO, 1995, p.131)

Com estas reflexões de Janaina Amado é necessário entender o que difere aquilo que foi vivido do que foi recordado, entre o que se passou e a recordação que se tem que do que passou. A memória não pode ser colocada como pura e simples narrativa, mas ela atribui sentidos aquilo que foi vivido na tentativa de recuperar os acontecimentos pessoais, nos permite analisar as combinações de tempos. Sendo assim, a entrevista é uma dinâmica, uma força ativa da memória, uma vez que não apenas ouço o que me diz o entrevistado, mas também ouço os tempos que reverberam em sua fala, e assim são analisadas as várias camadas do relato. Pensando sobre esse processo dinâmico da entrevista, o roteiro que elaborei não segue um padrão sistêmico de perguntas padrões, mas sim perguntas abertas, onde fiquei atentas as massas de memória que se desdobravam diante de mim. Quando Divino conta sobre a sua relação com a feira enquanto líder de Associação, perguntei a ele sobre a sua relação com a Região Administrativa de Taguatinga.

Questão de Taguatinga é que foi aqui que a gente aprendeu a viver, né? Eu tomava banho córrego ali abaixo do hospital, né? Que tinha o japonês, né? Que a gente ia lá, pulava a cerca pegava o que era dele e ele dava tiro de chumbinho. A feira de

Taguatinga Sul na Nossa Senhora de Fátima, onde era...onde eu cheguei na época e era a missa era campal. Uma coisa que a gente fazia muito... era muita conversa. Perturbava os padres também, né? Aqui a gente aprendeu a conviver de forma assim bem harmoniosa desde pequeno a gente acompanhando as criações de invasões como Chaparral, em Taguatinga Sul que também tinha lá. Então a gente tem um histórico muito grande! Saburo Onoyama que era o parque florestal. Eu participei de tudo isso, né? A minha infância e a minha adolescência foi nesse meio, né? tomando banho lá no poço da ema, hoje nós temos o Parque do Cortado que tá começando a se estruturar, mas a nossa vida foi andando ali catando girino, né? Nos corguinhos que tinham. Nossa infância foi muito boa apesar de que a minha foi muito curta porque eu era carroceiro, né? Desde os 8 anos que eu ajudava meu pai, né? Trabalhava e tenho assim uma ligação muito grande com essa cidade, a gente participou de tudo fui piolho do clube Primavera, do CIT que é uma perda enorme que temos hoje, né? Não temos mais clube em Taguatinga, nós só temos o Portuguesa é o único que tá salvando ainda lá. A nossa vida foi essa, né? Acompanhar aqui a praça Taguatinga, né? Ali tinha um cinema, praça do Cine Rex onde a gente passou a nossa infância. Passamos escondido do porteiro pra poder ter uma diversão porque como sempre...hoje os jovens devem sentir essa carência de lazer e de cultura na nossa cidade que realmente tá muito precária. (DIVINO, 2022)²²

Quando nos conta sobre as suas memórias do que foi vivido em Taguatinga, Divino não nos conta somente a sua relação com o lugar, mas é perceptível também as várias camadas de tempos que reverberam em sua fala. E esses diferentes tempos são referenciados em personagens, como por exemplo, o “japonês” do Onoyama numa época em que Taguatinga recebeu Saburo Onoyama²³ que era agricultor e botânico responsável pela chegada de uma flora diversificada que compôs a paisagem da cidade. Juntamente as essas referências, associa-as a sua infância enquanto carroceiro no início de seu trabalho como feirante. Enquanto enumera os vários lugares frequentados em sua infância, Divino o faz de forma confortável e saudosista, uma vez que a temporalidade evocada por ele é referência para muitos moradores de Taguatinga da década de 70. A História Oral opera com memórias sociais e coletivas como pontos de alargamento de perspectivas necessárias para a compreensão de representações e autorrepresentações culturais construídas na feira enquanto

²² Pergunta: **Qual é a importância de Taguatinga em sua vida, Divino.** Resposta a partir do minuto 41:19 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

²³ Informações retiradas do portal Ibram/DF. Disponível em <https://www.ibram.df.gov.br/voce-conhece-a-historia-do-parque-saburo-onoyama/>

lugar de memória (NORA, 1985). Esta é a forma de como estes lugares de memória são pensados por Pierre Nora:

São lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. (NORA, 1985, p.21)

2.4 “ Aqui tudo eu vivenciei”: A subjetividade como âmago da memória

É essa sociabilidade entre o vivido e as referências de lugares que gera massa de memória desdobradas a partir de uma mesma pergunta. Esse caráter saudosista da fala de Divino aponta também para o distanciamento que a juventude de tempos atuais tem desses lugares, e que por isso Taguatinga perde os seus “clubes” por se tornarem obsoletos, e que por isso a cidade perde enquanto lazer e cultura, neste caso o tempo da produção desta entrevista reflete a indignação do entrevistado. Portanto, interpretar essas narrativas somente com os elementos pontuados, perderia a riqueza das possibilidades de reflexão, uma vez que também analiso e ouço os tempos que também reverberam em mim, onde ouvi por muitas vezes referências a estes lugares nas histórias que meus pais contavam, neste momento senti que também fui ao encontro da sociabilidade com o que foi contado por Divino, bem como a minha relação com Taguatinga, o que me gerou a necessidade de fazer perguntas neste sentido a outros entrevistados a partir daquilo que evoquei.

Ao conversar com Maria das Dores sobre suas experiências na feira livre e na feira permanente, a feirante trouxe a seguinte fala

Na feira permanente você trabalha nela de terça a domingo, você tem a obrigação de abrir o seu comércio e vender, começa de manhã e vai até as 6, 7 da noite, aqui você faz nos dias marcados, seu espaço marcado tudo documentado pela própria administração. Lá não, você precisa alugar um box ou comprar um box...e pra gente ficar presa ali naquele box acho que seria muito pior do que a gente tá ao ar livre, você lida com vendedor de carne, vendedor de tempero, vendedor de laranja, vendedor de fruta, você uma conectividade com todo feirante construída...bem melhor do que ficar presa num box, porque sinceramente num box eu acho que eu não ia...já fiquei lá algumas vezes pra mãe de um amigo meu quando ela tava doente...fiquei uma semana só e falei não se a sua mãe não der conta de voltar, dá um jeito de entregar esse box...eu não aguento ficar presa aqui dentro. Esse foi o

motivo de eu ter largado o normal, ficar dentro de uma sala de aula quebrando o pau com um monte de menino, na época eu tinha o quê...tinha 18 anos, eu tava terminando a minha..o meu primeiro ano normal e no segundo já comecei a estagiar no 4 de Ceilândia. Eu ficava presa numa sala de aula com 40, 50 menino..não é xingando eles de mal educado, mas naquela época Ceilândia era muito recente e os moleque era tudo filho de bandido e se você chamasse ele, “senta, meu filho”, ele dizia, “eu vou chamar meu pai que você puxou minha orelha!” e lá vinha o pai da Ceilândia com um facão ou revólver pra te matar. Então o que o menino falava pra ele, ele acreditava, você como professor tinha que se esconder ou então parar. Aconteceu isso com 3 amigas minhas aqui no 4 de Ceilândia, aí eu falei não, eu vou ficar plantando alface mesmo e cheiro verde que é mió. Tá mais seguro do que lidar com filho de pessoas que...era rústico mesmo no 4 ali da 21 ali era bruto. A Nice foi embora pra o Rio de Janeiro com trauma, pra fazer tratamento psiquiátrico, psicológico que o que ela fez não adiantou, porque a bixinha dizia “ah, vou ensinar esses menino a ter modos”. Ela achou que chamar atenção seria o certo...(MARIA DAS DORES, 2022)²⁴

Neste sentido, uma pergunta relacionada a diferenças de ocupação de espaço gerou massas de memória sobre as experiências de Maria das Dores e sua preferência por trabalhar nas feiras. O que indica que além de analisar os pormenores nas falas dos entrevistados, é necessário compreender as subjetividades que reabrem o passado para múltiplas possibilidades, e deixá-las do lado de fora da pesquisa histórica seria ignorar parte significativa da entrevista. Conforme o pensamento citado de Ivone Cordeiro (1997) o historiador não interpreta as narrativas que são produzidas pelos sujeitos sociais somente com os elementos dados por sua própria percepção, mas é necessário pensar o tempo de sua produção, bem como os tempos que reverberam as ações e estruturas de sentimentos do entrevistado. O tempo na fala de Maria das Dores, refere-se ao contexto de conflitos no início da formação urbana de Ceilândia na década de 70, onde a entrevistada selecionou o lugar onde iria trabalhar, bem como a estrutura de feira livre. É um exercício sensível de escuta e de desvendar as camadas daquilo que deseja ser visto e revelado pelo entrevistado, e o segundo é o ausente, o silêncio e as memórias subterrâneas daqueles que foram marginalizados e excluídos de processos históricos (POLLACK, 1989, p.2), pois aquela memória se relaciona com outras camadas e também se conflita.

²⁴ Pergunta: **Qual diferencial que a feira livre tem, na sua visão, da feira permanente?**
Resposta a partir do minuto 36:58 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

Com relação as subjetividades contidas nos depoimentos e o olhar sensível que deve ter o historiador não somente interpretar, mas também compreender estruturas de emoções que se tornam emergentes naquilo que é narrado, é necessário perceber que sentidos são dados pelo entrevistado. Em uma das entrevistas produzidas pelo Arquivo Público o feirante Armene Nerces Abikian, natural do Líbano, conta sobre sua chegada no Brasil e como se estabeleceu nas feiras de Taguatinga, trazendo a tona também as suas memórias da guerra no Líbano na década de 50

E aí vi esses acontecimentos, que Yassey Arafat na época, entrar no Sul do Líbano começaram perfurações para fazer os abrigos subterrâneos, preparando um tipo de guerra, eu era um garoto com meus 17, 18 anos depois... acompanhando tudo isso de perto, eu cheguei a falar com meus pais: “Vamos embora desse país.” “Prá onde meu filho?” “País cristão, que tem mais cristianismo predominante, porque esse país daqui um pouco vai virar um inferno.” Aí meu pai: “Não meu filho aqui é um paraíso, cê tá por fora, a sua previsão, a sua profecia, profetizar... tá profetizando coisa errada, não funciona, não acontece isso não.” “Vai acontecer, hoje num acontece, mas daqui alguns anos vai acontecer.”

(DS) - E está acontecendo.

(AN) - Isso em 1952, isso comecei com 50...

(DS) - E o senhor já prevendo tudo isso

(AN) - Eu já prevendo. Em 55, eu fui para embaixada do Líbano pedir para viajar para o Brasil, como eu tinha aqui em Goiânia, morava um tio em Goiânia, o meu tio justamente...

(DS) - O parente do pai do senhor, da mãe?

(AN) - Não, irmão da minha mãe.

(DS) - Mas a mãe do senhor também era libanesa?

(AN) - Não, minha mãe nasceu na Armênia, meu pai... minha mãe nasceu na Armênia, nós chegamos no Líbano como imigrante, foi massacre, genocídio que cometeram os turcos com nosso povo e o nosso país ficava na divisa com Turquia, tomaram trinta e seis municípios, os seus ocupantes são os (incomp) e imigraram para o mundo inteiro, fugiram para não morrer, quem ficou lá morreu. Cometeram dois milhões de genocídio, crianças indefesas e nesse acontecimento um dos meus tios, que eu chamava Eduardo (incomp) que ele foi um dos primeiros fotógrafos, que ele fotografou todos os palácios, acontecimentos lá de Goiânia, ele foi primeiro fotógrafo...

O exercício de olhar a subjetividade como âmago da memória e, conseqüentemente, do esquecimento e, principalmente das experiências do indivíduo, indicam horizontes diversos e também coletivos, como por exemplo nas memórias de lugares citados por Divino,

que revelam leituras de uma cidade a partir do que foi a sua infância. Lembranças e esquecimentos se relacionam no sentido de que tratam-se de um processo contínuo de seleção e articulação do que é relevante no ato da rememoração, que é também um processo contínuo. Sobre os elementos articulados numa narrativa, Janaina Amado (1995) aponta que

Toda narrativa articula alguns elementos, como: quem narra, o quê narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra... As formas - quase infinitas -de articulação entre esses elementos resultam do uso de códigos culturais (linguagem, estilo, gênero literário etc.) à disposição dos autores, em determinada época, e, também, da contribuição individual oferecida por cada autor, ao escolher os códigos que utilizará em sua narrativa, e os modos como o fará. O uso desse espaço individual (AMADO, 1995, p.133)

Certamente, as memórias individuais evocam estruturas de sentimentos como referências para a construção de uma narrativa de um indivíduo, e são fruto das demandas do presente a partir de vivências do passado. A memória não traz a tona o processo “puro e pleno”, e nem deve o historiador partir destas considerações por ser a História Oral uma metodologia de perspectiva mais ampla e diversa. “Falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real, emitida pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor.” (MATOS; SENA, 2011, p. 98).

Por todas as características apresentadas, a memória, em especial quando organizada em narrativa, possui uma dimensão simbólica, que a leva rapidamente a desprender-se, a descolar-se do concreto, para alçar vôos próprios. Todos os seres vivos conhecem essa dimensão simbólica da memória, que a literatura sabe tão bem apreender: um simples sabor - como o da Madeleine, de Marcel Proust (1951) - é capaz de despertar as mais longínquas lembranças; uma música recorda o amor perdido, o mais querido; um detalhe remete a uma história, que remete a outra, que remete a mitos, a tempos imemoriais ... e depois retorna até nós, no presente. O simbólico expõe as relações entre as diversas culturas, espaços e grupos sociais pelos quais a narrativa transita; é justamente ele que permite à narrativa, sem perder o fio condutor, libertar-se das amarras do real para aventurar-se, em liberdade, pelos caminhos do imaginário. (AMADO, 1995, p. 35)

Em seu artigo *O grande mentiroso: Tradição, veracidade e imaginação em História Oral*, Janaina Amado tem como base a análise de uma entrevista de um “mentiroso”, que se revelou como um material rico em análise histórica, não por suas reconstituições de um fato como a Revolta do Formoso, mas por fornecer possibilidades para se pensar como as

dimensões simbólicas e os elementos de subjetividade se forjam numa narrativa. A citação acima de Janaína Amado combina com a fala de Divino e Maria das Dores, onde o caráter simbólico da memória marca profundamente suas narrativas, e os tempos que se forjam: a infância, os lugares de referência em Taguatinga e a experiência de Divino em ser adolescente nesta Região Administrativa, a relação que Maria das Dores fez com sua experiência de instalar-se em um box na feira permanente em comparação com sua atuação em sala de aula refletindo ali a situação de vulnerabilidade social característica de Ceilândia na década de 70.

E assim são os múltiplos tempos que se formam durante a entrevista, onde o passado narrado não existe mais, mas a memória do passado ativa o presente, onde o ato interpretativo não está separado da subjetividade que é uma força processual (AMADO, 1995), por isso não segue uma lógica tradicional, mas sim uma lógica simbólica. Conversando com outros feirantes sobre acontecimentos que marcaram suas vidas nas feiras, Antônio Querino e Seu Carlos trouxeram as seguintes lembranças:

Humm... não. Sim! Aqui nessa praça teve uma história interessante, pois essa torre aqui, ó essa torre aqui subiu um cidadão até o topo dela num sábado e ameaçou a se jogar de lá. Então a gente parou e o salvamento do Corpo de Bombeiro e a polícia, né? Para tentar salvar a vida dele. O pessoal do salvamento tentou subir pra salvar ele, e ele ameaçando de se jogar, né? Aí conseguiram pegar ele lá, imobilizaram ele e tiraram ele, mas foi um fato interessante. (ANTÔNIO QUERINO, 2022)²⁵

O que eu vivenciei aqui foi que na época aqui das feiras existia muito redimunho, muita poeira, muita lama, entendeu? Que nós trabalhava com esforço, não era na calçada, não tinha armação igual a essa. Era coisas pequena, entendeu? Era tipo a lona já mesmo, então a gente pegou muita poeira, muita lama, foi sofrimento. Hoje é tudo tranquilo, hoje eu tenho carro pra carregar, hoje você tem umas coisa melhor, entendeu? Hoje tá mais tranquilo, não tá como fosse antigamente. Tudo eu vivenciei. (CARLOS, 2022)²⁶

Há uma estrutura de sentimentos muito intensos quando Seu Carlos diz “tudo eu vivenciei” notei como ele se apropriava de sua história no momento em que falava, o ato de narrar fez com que estes sentimentos transbordassem e conferisse sentido ao que dizia. Aliar o ato interpretativo com a subjetividade de uma entrevista faz perceber os movimentos históricos formados assim como os sentidos emergentes da memória que relacionam a

²⁵ Pergunta: **Tem alguma história, algo marcante na vida do senhor aqui, e que o senhor presenciou? Alguma história que o senhor lembre?** Resposta a partir do minuto 11:03 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

²⁶ Pergunta: **A conversa é a própria matemática da feira, né? É isso o que a feira permite e o mercado não permite, né? A estante não fala com você, não conversa, né? A alguma memória do senhor de um fato assim marcante, muito marcante que o senhor presenciou aqui, vivenciou.** Resposta a partir do minuto 21:24 do áudio registrado no dia 21 de agosto de 2022.

vivência e lembranças desses feirantes com o tempo em que viveram e o tempo em que vivem, onde os personagens selecionam e articulam aquilo o que consideram relevante de ser exposto. Essa dimensão simbólica presente nas entrevistas, direciona o historiador a compreender os múltiplos significados que os grupos sociais atribuem as suas experiências. Para Janaina Amado (1995) é necessário que o historiador considere estas dimensões

Negligenciar essa dimensão é revelar-se ingênuo ou positivista. Ignorá-la, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas; é o mesmo que imobilizar o passado nas cadeias do concreto, do "real", em que, supostamente, residiria sua "verdadeira natureza", que caberia aos historiadores "resgatar" para a posteridade. (AMADO, 1995, p. 135)

Portanto, servir-se das memórias desses indivíduos como mera sequências de falas que sustentam um evento ou fato, seria desconsiderar a riqueza simbólica desses depoimentos, que oferecem muitos elementos que dão riqueza a narrativa. As experiências desses feirantes são dimensões do mundo vivido, compõem sua compreensão de mundo. Neste sentido, Ivone Cordeiro Barbosa coloca que

Pensar no trabalho do historiador, sob esta perspectiva, nos permite discutir sua inserção social, como também a interpretação enquanto postura metodológica adequada na e para a produção do conhecimento histórico, uma vez que, assim, fica resguardada uma das características fundamentais que é a de reconhecer esse conhecimento como imbuído de historicidade. O pressuposto básico dessa concepção é por um lado, estabelecer uma crítica radical da noção de universalidade, que supõe a existência de um ser humano universal e a existência de um sentido único para a vida e para a história e, de outro, resgatar a diferença, a multiplicidade e pluralidade das experiências. (BARBOSA, 1997, p.299)

As colocações de Ivone Cordeiro ampliam e aprofundam ainda mais a importância do historiador em servir-se das dimensões simbólicas dessas fontes orais em *A experiência humana e o ato de narrar: Ricouer e o lugar da interpretação*, onde o testemunho oral não encerra-se somente como uma fonte de informação sobre eventos históricos, mas é principalmente uma possibilidade de analisar as atitudes e ações do narrador relacionadas a sua subjetividade que configuram o mundo vivido e sua interpretação. Nesse ponto faço minhas reflexões não somente com o que é colocado pelos entrevistados, mas também sobre minha postura enquanto pesquisadora deste cotidiano da feira, onde devo extrapolar os parâmetros da objetividade, alcançados esses feirantes sobre suas experiências de vida,

pensando também sobre o lugar de onde falo e as questões teóricas que trago enquanto bagagem acadêmica de referenciais de pesquisa.

Lendo estas entrevistas após o processo de transcrição, a experiência vivida e narrada se apresenta como um mundo a ser explorado, não somente pelo que está posto, mas também sobre como me coloco diante desses depoimentos. Compreendo que minha inserção nesta pesquisa é anterior a realização desta, uma vez que partiu das minhas seleções temáticas e afinidades com o ambiente pesquisado, e por isso coloco estas fontes em constante estado de indagação a todo momento em que revisito-as. E assim, não busco ler somente a realidade ao meu redor para comprovar padrões culturais dominantes, mas entender estas memórias como um processo em trânsito e assim perceber as sutilezas, os horizontes diversos e também coletivos dentro de cada depoimento.

As memórias individuais possuem diversos pontos de referência que a estruturam e também as inserem numa memória coletiva que torna-se parte de um determinado grupo social. De acordo com Ulpiano Meneses (1992)

[...] É um sistema organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados. Melhor que grupos, é preferível falar de redes de interrelações estruturadas, imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: para manter-se, precisa permanentemente ser reavivada. É, por isso, que é da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas. (MENESES, 1992, p.15)

Ainda sobre memória coletiva e memória herdada, diz respeito a elaboração da memória e construção do passado feita de acordo com as demandas do tempo presente, que é quando ocorrem as ações e as afirmações do grupo a ser entrevistado. Para Ulpiano de Meneses “a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar.” (MENESES, 1992, p.3). A narrativa produzida pelos atores sociais envolvidos não nos dá a cronologia, mas sim uma experiência temporal, onde os tempos residuais se forjam no momento das entrevistas, e assim o passado não existe mais, mas essa subjetividade do passado ativa o presente. Segundo Maurice Halbwachs (2003) acerca da memória coletiva, onde as percepções individuais não são as únicas condicionantes a modelar as concepções de mundo, mas são influenciadas pelas vivências com outras pessoas que

compõem o mesmo ambiente. Sendo assim, as percepções individuais são constructos grupais, resultado da relação que se tem com o meio. As entrevistas realizadas com feirantes e frequentadores das feiras, foram importantes materiais que possibilitaram o acesso às narrativas de memórias, sob a perspectiva daqueles que formam aquele meio, desenvolvem seus ofícios, modos de fazer e de se organizarem.

Pollak (1992) afirma que esta é um elemento para compreender as representações elaboradas sobre o passado, quando as visões são compartilhadas, no caso deste trabalho, sobre a práticas cotidianas e dinâmicas das feiras livres:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela, vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada. (POLLAK, 1992, p.14)

De acordo com Benjamin (1994) a memória coloca-se como instrumento por meio do qual grupos e indivíduos marginalizados participam ativamente de modo a transformar o presente. Ao utilizar este procedimento, pretendo aqui não “dar voz” aos feirantes, mas sim dialogar com estas memórias e percebê-las como fecundo campo analítico de estudo de representações e identidades que são formadas no ambiente feirante. Trabalhar com memórias que envolvem atores sociais em suas tramas é compreender que os sujeitos estão constantemente relacionando-se com o lugar e a paisagem da memória. Acontecimentos relacionados a formação da Feira livre do Bicalho, que vão desde a sua origem que acompanhou o crescimento de Taguatinga, as tentativas de serem retirados deste ambiente conforme uma possibilidade de ordenamento daquele espaço urbano, que os colocaria numa feira permanente, os laços de afetividade com o espaço, a preferência pelos produtos oferecidos pelos feirantes, as dinâmicas sociais e culturais estabelecidas neste espaço, são parte do processo histórico vivenciados por estes indivíduos e que manifestam sua necessidade de pertença ao local.

E é neste sentido que Portelli (2010) traz a História Oral como uma prática de encontro e alteridade onde “durante todo tempo enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer e de modelar o seu próprio discurso a partir das percepções” (PORTELLI, 2010, p.20). A História Oral provoca um encontro de realidades, uma imersão na visão de mundo do outro onde pratico o exercício de não ser somente uma acadêmica, mas coloco-me como indivíduo num lugar de escuta e ressignificação daquilo que meu entrevistado me traz como as confissões mais íntimas sobre a realidade vivida. Trabalhar com as memórias produzidas pela História Oral é entender como o historiador tece a sua narrativa a partir do campo do sensível, observando as nuances que se desdobram. E essa atenção ao campo do sensível é uma relação dialógica onde todos são autores de uma narrativa, onde aquilo o que foi provocado pelo pesquisador também torna-o parte deste mesmo processo historicamente construído.

CAPÍTULO 3

SOCIABILIDADE, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES

Através dos relatos dos feirantes da Praça do Bicalho e das entrequadradas da QND é possível estabelecer uma conexão entre suas memórias e a formação urbana da Região Administrativa de Taguatinga. E isso se estende para além da estrutura de funcionamento da cidade, alcançando principalmente a cidade vivida, lembrada e contada por aqueles indivíduos que a compõem. É neste cenário onde a feira livre também confere sentido a esta cidade por meio de sua dinâmica que não se limita somente a um espaço de compras e vendas, mas é também um espaço de encontros onde intensas relações sociais acontecem engendradas numa rede de sociabilidade composta pelos feirantes e por seus frequentadores. Por se tratar de duas feiras, a sociabilidade nesses espaços se diferenciam, ainda que geograficamente sejam próximas uma da outra, seus vendedores são quase os mesmos e até mesmo seus frequentadores e moradores que circundam as duas feiras.

Pude notar as diferentes manifestações de sociabilidades nestes dois ambientes por meio das entrevistas, das observações da própria configuração dos ambientes, as dimensões que ocupam as duas feiras e até mesmo os dias de funcionamento. A estrutura de comércio em torno da Feira Praça do Bicalho, que ocorre aos domingos, como mercados, restaurantes, distribuidoras, salões, a igreja, posto de gasolina, entre outros, torna este espaço mais diversificado naquilo o que oferece e também no público que a frequenta. Por ter uma estrutura maior, uma rua mais larga para a ocupação das barracas e que também facilita a circulação de pessoas, a Feira Bicalho assemelha-se a um “mercadão”, onde pessoas compram suas frutas, verduras e carne para o almoço do domingo, fiéis saem das missas para comer o pastel, conversar e comprar a “mistura” para levar, os que se delongaram pelos bares na noite de sábado emendam o caldo de mocotó como café da manhã e encontram-se nas bancas que vendem esta comida em grandes panelas que na fervura borbulhante nos pequenos fogões intenso cheiro se espalha pelo ambiente. Atraídos pelos cheiros de comidas tradicionais, como mocotó, o sarapatel e a buchada, os clientes chegam para ocupar mesas e cadeiras espalhadas pelos feirantes para matar a fome, curar a ressaca e continuar ou iniciar um dedo de prosa.

Já a feira das entrequadradas da QND que funciona nas quintas feiras, segundo informações dos feirantes das 7:00 da manhã até por volta das 13:00, possui uma estrutura menor do que a do Bicalho, em número de bancas, extensão e largura do corredor. Esta diferença de dimensões se dá pela própria condição de feira de entrequadradas, o que de certo

modo lhe confere uma característica mais intimista. Em minhas observações antes mesmo de realizar as entrevistas percebi que a interação, conversas e brincadeiras ocorriam com maior intensidade nesta feira, devido o tamanho e o tipo de público que a frequenta, geralmente pessoas idosas. O fluxo de pessoas e a pressa em atravessar o corredor é bem menor, o que acarreta em um maior tempo dispensado para escolher e pechinchar os produtos que são vendidos. Notei também que as conversas entre os frequentadores e feirantes são mais demoradas e animadas e que a frequência do mesmo freguês em algumas bancas, como a de café moído na hora, massa de tapioca, temperos e verduras, são ainda maiores.

FIGURA 8 - CORREDOR DA FEIRA DA QND



Fonte: pesquisa de campo. Taguatinga – DF, outubro 2022

Neste capítulo, continuo a mesma premissa de partir das entrevistas com feirantes como mote de discussão de algumas categorias de análise como identidade e representação, dialogando com entrevistados anteriormente mencionados como o Divino, Maria das Dores, Seu Antônio, entre outros. E agora outro grupo também será parte dessa relação dialógica propiciada pela História Oral, os filhos de feirantes e os frequentadores das feiras. Desse modo, a análise e as possibilidades são ampliadas no sentido de também ser necessário perceber a feira sob a ótica de outros indivíduos que compõem este espaço de intensas práticas sociais e como as realizam em suas ações cotidianas.

Pensar as feiras sob as narrativas dos indivíduos que a compõem é também pensar os modos de transformação destes lugares, as memórias do que foi vivido, suas experiências

urbanas e os tempos que são desdobrados em suas narrativas. É na sobreposição de camadas dos tempos que se desdobram diversas representações sobre as feiras, onde os fragmentos de memórias são recompostos através de lembranças de um tempo vivido, ou mesmo daquilo que foi contado e lembrado entre gerações de feirantes e frequentadores. Vedana aponta a sociabilidade e as dimensões da afetividade nas feiras como

No decorrer dos afazeres cotidianos que conformam a vida urbana, a adesão a estas formas de trocas sociais mediadas pelo alimento e seus simbolismos cíclicos que podemos ver nos mercados de rua configurar pertencas - a certos territórios da cidade, a estilos de vida, a formas de fazer, etc.- que são densamente construídas ao longo de uma trajetória e referidas a uma dimensão afetiva - simbólica- desta experiência urbana. O tempo compartilhado no mercado não está apoiado numa tradição de feiras-livres na cidade, mas na regularidade de reafirmação destes laços sociais que são ali estabelecidos. (VEDANA, 2008, p.178)

As feiras livres ultrapassam a simples representação de comércios, sendo intensos espaços de sociabilidade, que envolvem não somente trocas em âmbito econômico varejista, mas também trocas sociais e de saberes. O tempo a que Vedana (2008) se refere diz respeito ao “dia de feira” que representa para muitos um lugar de encontro e compartilhamento de experiências.

3.1 “Aqui é a minha terapia”: Sobre os laços de sociabilidade nas feiras

Para os frequentadores, o ato de “ir a feira” é algo de valor simbólico e afetivo, pois são formas de interação social, práticas de costumes, possuindo muitas vezes um caráter ritualístico de vivenciar o uso coletivo de um espaço público. São lugares abertos, convidativos, as formas de organizar as bancas e os arranjos de cores formados pelos produtos expostos torna esse lugar um atrativo para várias pessoas de diferentes classes sociais. As pessoas também frequentam as feiras no intuito de conversar com seus pares, em busca de lazer e entretenimento, o que acaba por estreitar as relações de proximidade. Enquanto caminham pela feira o encontro e o toque físico são quase inevitáveis, pois o corredor apertado e o fluxo intenso de pessoas propiciam esse tipo de interação dando lugar a emersão de espaços de forte representação e diversidade urbana. A rua da feira se constitui como um lugar de trocas e encontros. A feirante Francineide, 42 anos, mora em Taguatinga, é

dona da “banca da preta”, onde comercializa carnes, linguiça e frango e conta sobre a sua relação com os clientes

A minha relação com meus clientes pra mim eles é sempre vip, né? Porque eu dependo deles, meus clientes são sempre bons mesmo e assim...cada dia conquistando mais conquistando mais clientes..e tenho muito aproximação deles, tem festa e que eles fazem e me convidam...eles vão na minha casa, vira uma família, cliente da gente antigo é uma família. (FRANCINEIDE, 2023)²⁷

A possibilidade de poder conversar diretamente com quem vende o produto, de pechinchar, estabelecer um laço de confiança entre feirante e freguês, é algo que a feira viabiliza e fortalece ainda mais os laços de sociabilidade. Na fala de Francineide é perceptível essa relação de confiança estabelecida com seus clientes, uma vez que chamar alguém pra frequentar a sua casa e as festas promovidas pela família, seja a maior prova dessa intensa relação. É uma relação que começa na feira, mas que se estende para além dela, pois saem juntos para festas, conhecem suas famílias e frequentam as casas uns dos outros. Por estes motivos, Francineide afirma possuir uma boa clientela e que está sempre atenta aquilo o que gostam e como manter qualidade das carnes que procuram, mas que ainda assim se esforça para chamar novos clientes “aí de vez em quando a gente já fisga alguns que é novato que vê, pára pra olhar e acaba comprando, eu acho que quem conquista o cliente somos nós vendedores. eu tenho muito cliente sim e cada dia conquistando mais, Graças a Deus.” (FRANCINEIDE, 2023)²⁸

Breitner (2005) em sua pesquisa sobre a “Feira do Rolo: na Pedagogia da Malandragem” entende os laços de sociabilidade nas feiras do Distrito Federal da seguinte maneira

A feira, como representação de uma festa popular, é um centro irradiador da comunidade, que busca promover determinados negócios seja, na compra e venda de mercadorias. Além disso, esse espaço de representação informal é lugar onde os

²⁷ Pergunta: **Como é a sua relação com seus clientes? Tem vínculos de amizade, de proximidade?** Resposta a partir do minuto 47:45 do áudio registrado dia 12 de Janeiro de 2023

²⁸ Pergunta: **Quais são as suas táticas de vendas? Tem algum bordão, modo de chamar atenção do cliente?** Resposta a partir do minuto 49:25 do áudio registrado dia 12 de Janeiro de 2023

pioneiros e suas famílias encontram um lugar de sociabilidade que os remete à memória de um passado ainda vivo. (BREITNER, 2005, p.119)

Ainda que as Feiras do Bicalho e QND estejam em Taguatinga e a Feira do Rolo analisada por Breitner localizada na Região Administrativa de Ceilândia, pareçam geograficamente distantes, há de se considerar a estrutura de feiras livres enquanto locais de encontro, lazer e sociabilidade, onde as memórias afetivas conectam-se aos locais de origem de muitos dos frequentadores. De acordo com os autores Godoy e Anjos (2007) existe um sentimento de unidade dentro das feiras livres, onde as relações entre feirantes e frequentadores são permeadas por laços de confiança. Conforme observei a rotina de alguns feirantes, tanto na feira do Bicalho quanto na QND, era comum ver um feirante indicar uma banca vizinha quando não possuía o produto procurado, ou até mesmo de atender os consumidores da banca vizinha enquanto o colega saía para resolver algo dentro da própria feira.

Neste ponto, percebo que essa pessoalidade, a proximidade deles com o cliente são fatores apontados pelos feirantes como fundamentais em fazer o cliente retornar sempre a feira e escolher a sua banca. O espaço interfere diretamente no fator sociabilidade, pois nos espaços das feiras concentram-se conversas, brincadeiras, piadas entre feirantes e frequentadores. Walkiria do Nascimento (2018) em seu trabalho “*Meio de Feira*” realiza uma etnografia sobre estratégias de venda entre feirantes na feira livre de Itapipoca na Paraíba, e por isso, pensa a sociabilidade do seguinte modo

Por fim, a sociabilidade aqui é percebida através da interação estabelecida entre os frequentadores da feira, seja aquela envolvendo apenas as trocas de mercadorias ou simplesmente a relação de amizade e reciprocidade estabelecida naquele espaço. Afinal, as feiras livres “parecem manter o aspecto de local ‘informal’, cuja pessoalidade entre os sujeitos que a frequentam proporciona maior interação e fixação das relações sociais, sejam elas focadas ou não na compra de mercadorias”. Na verdade, parece existir uma mistura desses dois modos de se relacionar e que não é possível distinguir até que ponto um predomine sobre o outro, pois o espaço da feira não “é composto somente por interesse, cálculo e valor, mas igualmente, um universo simbólico pelo qual circulam bens, pessoas e informações”. E dentro desse universo simbólico, as pessoas compartilham suas histórias de vida, seus costumes, suas práticas aprendidas e transmitidas de geração a geração, suas experiências cotidianas e isso contribui para a construção e fortalecimento dos laços sociais entre elas. (SANTOS, 2018, p.56)

E são essas relações de proximidade construídas diretamente entre feirante e frequentador onde a confiança fortalece os laços de sociabilidade, permitindo que o feirante conheça ainda mais a preferência de seus clientes. Mascarenhas (2008) aponta que as feiras livres são espaços de sociabilidade específicos “impressa pela dinâmica da vida e estimulada pelo uso coletivo dos espaços públicos” (MASCARENHAS, 2008, p. 77). Não é somente um lugar de passagem para efetuar compras, mas representa algo mais tanto para quem frequenta quanto para quem trabalha. Neste sentido, quando Maria das Dores descreve a importância que o trabalho feirante tem em sua vida, percebe-se a dimensão simbólica que tem a feira em sua vida, conferindo sentido a tudo aquilo que exerce dentro deste ambiente

Eu já falei essa...é meu ganha pão. Ora aqui é meu...como é que fala? Eu não preciso de tratamento psicológico aqui eu desabafo, aqui eu sorrio, aqui eu choro, aqui eu brinco, aqui eu faço amigos, já fiz muitos amigos aqui, já perdi alguns, mas a gente sorri aqui, você pode vir pra cá com o problema que for, chega aqui, chega um freguês “eai, Maria Preta como é que você está?” E acaba conversando e daqui a pouco você esquece todos os problema que você tem e começa a trabalhar. Além de ser um consultório psiquiátrico ou psicológico isso aqui pra mim é um ganha pão...pra mim é. Eu acho que o dia que parar de fazer isso aqui pode preparar o caixão porque eu não vou ter mais vontade de viver porque minha distração é essa feira. Já fiquei viúva eu acho que herdei dele a sede e vontade trabalhar nisso aqui porque ele gostava e eu continuo, eu não sei fazer outra coisa e não tenho vontade de fazer outra coisa na minha vida. (MARIA DAS DORES, 2022)²⁹

A resposta à pergunta que fiz a Maria das Dores ficou também confirmada em seus gestos e sua postura enquanto era entrevistada, pois, a todo momento, passava um conhecido seu em sua banca, ainda que não comprasse nada sempre a cumprimentava afetuosamente. Esse sempre foi um cuidado e sensibilidade que busquei ter em meu procedimento com as entrevistas, deixando os feirantes sempre a vontade para atender os seus clientes até mesmo no meio de alguma resposta. Para famílias que vivem da renda gerada pela feira, a satisfação em poder expandir seus negócios quando comprem outras bancas é algo notório nas entrevistas. O trabalho é valorizado e atravessa gerações, Dona Maria das Dores insere seus

²⁹ Pergunta: **O que essa feira representa na vida da senhora?** Resposta a partir do minuto 15:21 do áudio registrado dia 21 de Agosto de 2023

filhos no trabalho das feiras, não como algo obrigatório, mas como o ensinamento de uma atividade de sobrevivência caso precisem.

Através dos gestos corporais de Maria das Dores faço uma leitura de sua realidade naquele lugar, e percebo o quão é bem articulada com seus clientes e também com os colegas das bancas ao lado. A escuta envolve não somente a compreensão das respostas dadas, mas é um processo mais amplo que envolve a relação de proximidade que também desenvolvo com meu entrevistado, a sua linguagem corporal e a postura durante a entrevista. O narrador transmite a sua vivência no momento da fala, não somente no campo social, mas também no individual, pois no momento de suas recordações molda-se conforme a narrativa que deseja construir de si mesmo. Em *História Oral, Memória e Cidadania*, Maria Helenice Barroso e Maria Veralice Barroso (2016) entendem a percepção da linguagem corporal como

O corpo, muitas vezes como expressão de vontade, sonhos e angústias, diz mais mais que a própria voz: nuances, a entonação, o gestual, a expressão, o olhar, enfim, toda uma performance do narrador e também da reação do ouvinte que acaba influenciando o tecer da narrativa. Essa energia corporal que acompanha a voz desempenha papel significativo na transmissão oral, pois implica em sentidos que não podem ser postos de lado no momento da análise das entrevistas ou histórias de vida, já que a físcalidade expressa na “voz viva” constitui-se em parte substancial para uma compreensão ampla da história narrada. (BARROSO; BARROSO, 2016, p.162)

O momento da entrevista é tido como único, pois a comunicação presencial permite uma maior compreensão dos sentidos, constituindo-se numa intensa troca de experiências. Enquanto entrevistadora não tenho somente uma postura passiva diante do que é colocado por meus entrevistados, mas atendo-me também nas experiências da feira sobre aquilo que faz sentido no momento em que é evocado e quais sensações emergem daquele ambiente. Enquanto transcrevia a entrevista com Maria das Dores, lamentei o fato de perder gestos, olhares, expressões faciais e o calor humano que é transmitido no próprio ambiente feirante. As palavras da entrevistada eram acompanhadas de detalhes e afetividade, assim como interação com outros indivíduos que passavam pelos corredores. Enquanto gravamos a entrevista, comemos um “bolo de pote” vendido por uma das colegas de banca da entrevistada. Nesse momento senti que aterrei-me naquela experiência do lugar de forma que o “olho no olho” conectava-me também ao timbre da voz da entrevistada. Esse é o momento descrito por Barroso e Barroso (2016) como “encantamento”, onde a empatia e comunhão entre as partes gera um instante onde o entrevistador esquece de si tomado pela voz do outro.

Em seu imaginário a feira tem uma função “terapêutica” por ser esse espaço de encontros, trocas e lazer, as pessoas “param para conversar”, compartilhar problemas e soluções. Ainda sobre os laços de proximidade, Maria das Dores diz:

Quando você vê e você precisa de um advogado, de um juiz você vai no fórum e encontra aquela pessoa que conhece do dia a dia e ela pergunta assim “tá fazendo o quê aqui, tá precisando do quê” você mesmo tem um amigo ali dentro que acaba sendo bom, entendeu? Isso aí na..na você tá no consultório médico e tá consulta de emergência chega lá tem o conhecido. Aqui você não pergunta a profissão dele, você aprende a lidar com todo mundo da mesma forma e se dá bem com todos eles, graças a Deus. Eu mesma já descobri, já tive vários problemas de saúde que eu não sabia nem o que fazia na vida, que seja na área médica, que seja na área jurídica..na, na..em qualquer área a gente sempre descobre alguém..ah, você compra de mim há tantos anos e eu não sabia que você mexia com isso...e o que você tá precisando resolve o seu problema, entendeu? (MARIA DAS DORES, 2022)³⁰

Neste trecho é possível perceber a representação democrática que a feira tem, onde todas as profissões e classes sociais frequentam estes espaços com intenções semelhantes para comprar, pechinchar, conversar e encontrar amigos. Quando a entrevistada utiliza “você”, refere-se a forma como as relações são vistas por ela como horizontalizadas, segundo ela na feira “você não pergunta a profissão, aprende a lidar com ela”. E essa é a forma como Maria das Dores elabora socialmente o seu código de linguagem com seus clientes, partindo de uma ética de trabalho que direciona a forma de tratamento e de relacionamento com seu público de forma igualitária. Na mesma linha narrativa, Seu Carlos também expressa a representação da sociabilidade nas feiras

A feira hoje é pra mim o seguinte, é uma terapia porque a gente acostumamo a trabalhar, tem aquela coisa da amizade, entendeu e a reunião desses colegas...tudo isso, é uma terapia. Você quer uma distração melhor? Você conversa com o cliente e ele escuta a sua dor. Você conta um pouco dos problema o cliente também conta pra você, as vezes ele vem nervoso e chega aqui e já começa a ficar melhor, entendeu? Tem tudo isso. (CARLOS, 2022)³¹

³⁰ Pergunta: **E os filhos da senhora, quantos tem e eles também tiveram essa cultura de vir pra feira e trabalhar com a senhora?** Resposta a partir do minuto 25:18 do áudio registrado dia 21 de Agosto de 2022

³¹ Pergunta: **Senhor Carlos, poderia me dizer o que a feira representa na vida do senhor?** Resposta a partir do minuto 21:35 do áudio registrado dia 21 de Agosto de 2022

O que se percebe na fala de Maria das Dores e Seu Carlos quando se referem à atividade feirante como terapêutica são as estruturas de sentimentos que emergem em suas falas, sentem-se acolhidos, ouvidos, assistidos por seus colegas de barraca e clientes. A reciprocidade nas relações é o fator que intensifica os laços de proximidade no ambiente feirante. A reciprocidade é uma das formas de também pensar a sociabilidade presente no contexto das feiras gerando assim o que Mauss (1974) define como “trocas sociais” pautando a relação entre feirantes e frequentadores das feiras.

Esses grupos de pessoas que frequentam a Feira da Praça do Bicalho e das entrequadradas da QND para conversar entre seus pares buscam estreitar relações e fortalecer os laços que mantêm uns com os outros nesse fluxo contínuo de pessoas. Observando a movimentação nos corredores das feiras compreendi que grande parte das pessoas frequentam as feiras não somente pela compra dos produtos, mas também pelo divertimento e agitação que é constante nesses ambientes.

É nesse sentido que Sheila, frequentadora da feira do Bicalho e das entrequadradas da QND, retrata esses espaços conforme as impressões que construiu ao longo de sua vida enquanto moradora de Taguatinga. Sheila vai a feira a cada 15 dias para fazer suas compras de frutas e verduras e interagir neste ambiente coletivo, alternando sua frequência entre quinta e domingo, conforme a necessidade de sua casa e também a sua vontade de ir até a feira. Existe uma procura por um acolhimento nesses ambientes, gerado pelo tratamento dado e convencimento daquilo que pode ser “mais barato” e de “melhor qualidade”. Sheila tem 35 anos e nasceu em Brasília, seus pais residem em Taguatinga e foi com eles e sua avó que adquiriu o hábito de frequentar as feiras

Eu frequento desde criança, inclusive aquela praça lá tem até um pouco de histórico comigo, né. Eu fui batizada naquela paróquia São José tinha só 15 dias de vida e quando era bem pequena tipo uns 5 anos já tenho lembrança de lá com a minha vó, né...ela frequentava essa feirinha. (SHEILA, 2023)³²

Ao contar sobre a experiência enquanto frequentadora das feiras livres das ruas de Taguatinga, Sheila não nota uma diferença significativa entre a estrutura de feira livre e a feira permanente que fica na região da QNL. Isso se deve ao fato de não ter essa vivência de

³² Pergunta: **Inicialmente, gostaria que fizesse uma breve apresentação, qual é o seu nome completo, idade e naturalidade?** Resposta a partir do minuto 00:20 do áudio registrado dia 25 de Janeiro de 2023.

frequentar esse outro tipo de espaço, assim diz: “E sobre a feira ter um diferencial sobre as demais feiras permanentes eu não sei te responder... não sei se é melhor ou pior.”³³. Durante as entrevistas, sigo um roteiro semi estruturado que me permite a possibilidade de reelaborar e rearranjar perguntas conforme as memórias que são geradas, uma pergunta recorrente não somente aos feirantes, mas que também é feita aos frequentadores diz respeito ao que a feira representa na vida desta pessoa além do intuito de compras. Desse modo é construída uma narrativa com diferentes nuances e representações sobre o mesmo lugar, no caso dessa pergunta feita a Sheila, deparei-me com uma representação um tanto rica, expressiva e também inusitada, se assim posso falar.

Eu acho que ir na feira é um processo espiritual, sabia? É um local onde você até carrega as energias, né? (risos) A gente que tem o quê (risos) conhecimento um contato com matrizes africanas...feira é Exu, né? Então o contato com o povo, contato com o fluxo de energia eu gosto bastante assim, sabe porque é aquela coisa do domingo mesmo, né? Domingo é como se fosse a renovação da semana (SHEILA)³⁴

Assim como Maria das Dores e Seu Carlos, Sheila também menciona frequentar a feira como um processo terapêutico, evidenciando a afetividade e acolhimento que sente ao estar nestes lugares de intensas trocas. Sheila compara a feira a representação de Exu, pois parte de sua própria vivência espiritual para simbolizar estes espaços de circulação, movimento e troca. Segundo Vitor Queiroz (2022) Exu é assim descrito como

Exu é velho e menino, singular e plural, além de saber de tudo, falar todas as línguas e ignorar quaisquer restrições espaço-temporais. Como era de se esperar, sua moralidade é ambígua. Ele é capaz de contemplar os múltiplos lados de cada situação e de estar simultaneamente em todos eles. Exu, que deve ser procurado, sobretudo, nos espaços públicos, é chamado de “o dono da rua” e vive, especialmente, nas encruzilhadas. Esse orixá rege também o destino de tudo. Ele é o responsável pelas dinâmicas de encontro, confronto e dispersão de coisas e pessoas,

³³ Pergunta: **Você nota um diferencial entre a feira livre e a permanente?** Resposta a partir do minuto 11:14 do áudio registrado dia 25 de Janeiro de 2023.

³⁴ Pergunta: **De acordo com sua vivência neste espaço, vir a feira é um passeio, um lugar de compras ou ambos?** Resposta a partir do minuto 47:10 do áudio registrado dia 25 de Janeiro de 2023.

pela abertura e fechamento das possibilidades, dos caminhos. (QUEIROZ, 2022, p. 131)

Segundo a cosmologia Yorubá Exú é o Orixá da comunicação, dos caminhos, do movimento, das trocas simbólicas e materiais e tudo aquilo que possa surgir entre estas. Seu significado é plural e intenso e por isso referi-me ao estudo de Vitor Queiroz “*Na rua, no meio do redemoinho: das mediações de Exu no espaço público à ação político-ritual em dois contextos afro-religiosos.*” que foi desenvolvido sobre o ritual de Bembé (um culto em reverência a Exu) realizado no Mercado Público de Santo Amaro e considerado por seus habitantes como um ritual repleto de especificidades locais.

Utilizar esta referência de estudo cabe no intuito de apontar o que seria a representação de Exu num contexto pouco parecido com o que seriam esses espaços dinâmicos, cotidianos e de proximidades entre indivíduos, que produzem não somente um fluxo de compras, mas também de energias e trocas. Vitor Queiroz (2022) ainda aponta que “todos os seres e objetos ocupam sucessiva e necessariamente determinados lugares e instantes, ainda que sejam resultantes de múltiplos vetores, intensidades ou movimentos de troca, circulação e distribuição” (QUEIROZ, 2022, p. 132). Não tenho aqui a intenção de aprofundar a discussão e nem promover alguma comparação do trabalho desenvolvido aqui com a pesquisa do referido autor, porém a entrevistada trouxe esta referência de Exu como algo pertinente a sua cultura e leitura de mundo, portanto coube a minha sensibilidade de compreender o âmago das subjetividades enquanto pesquisadora elencar esse trecho como forma de representação do espaço feirante.

E por isso, pensar o conceito de representação aponta caminhos para compreensão aos usos do espaço urbano público pelos feirantes e também seus frequentadores, assim é necessário apresentar o pensamento de Chartier (1986) onde as representações são “instrumentos de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e o de figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1986, p.20). Ainda discutindo Chartier, as identidades sociais são construídas conforme as relações entre o que é imposto, enquanto representação, e o significado da representação que cada grupo tem de si (CHARTIER, 1991, p. 183)

FIGURA 9 - Feira da Praça do Bicalho em matéria do Correio Braziliense





Fonte: CEDOC - Correio Braziliense

A imagem acima refere-se a um recorte do jornal Correio Braziliense do ano de 1995 que retrata a Feira da Praça do Bicalho sob uma ótica do entretenimento em dia de domingo. A matéria é construída em torno da fala dos feirantes que expressam suas estruturas de sentimentos acerca do trabalho da feira, neste caso não há nenhum tipo de crítica ou denúncia acerca da ocupação deste espaço. A matéria foi publicada pela jornalista Fernanda Lambach que assim expressa a sua leitura social sobre um domingo de feira. Os jornais se dirigem a um Universo amplo de leitores, e que para historiadores não há somente o intuito de circular a informação, e sobre isso José D'Assunção Barros (2021) aponta que

Isto ocorre porque os jornais não transmitem apenas informações. Eles também comunicam ideias e valores, e através destas ideias e valores buscam agir sobre a sociedade, além de representarem certos interesses – não necessariamente um único setor de interesses, mas sim um campo de interesses no interior do qual diversos fatores interagem. O fato de ser um ‘meio de comunicação’ interfere na função jornalística de se propor a ser um ‘meio de informação’, e este aspecto precisa ter uma centralidade na análise dos historiadores. A informação transmitida pelos jornais mescla-se com a elaboração de um discurso, com a comunicação de valores e ideias, com os projetos de agir sobre a sociedade, com a necessidade de interagir com fatores políticos e econômicos. (BARROS, 2021, p.426)

Neste caso, os valores, ideias e símbolos foram expressos pelos feirantes e elencados numa narrativa produzida pela própria jornalista. Este tipo de representação ocorre devido às intenções do próprio corpo editorial do jornal, uma vez que esta matéria pertence ao Caderno “Cidades”, que neste caso referia-se a Taguatinga e seus locais de intenso fluxo de circulação de pessoas, bem como seus locais de lazer e entretenimento. Os jornais não foram aqui utilizados como forma de complementar as fontes orais, mas apenas com o intuito de estabelecer uma pequena intertextualidade no que diz respeito ao diálogo entre as categorias de identidade e representações.

Vale ressaltar que quando indivíduos se apropriam das estruturas urbanas, criam suas próprias práticas cotidianas de interação e inscrição cultural, em conformidade com seus

anseios e necessidades comuns, gerando narrativas representativas atreladas a sua realidade social. Essas representações são também construídas em espaços não dominantes, produzindo seus próprios signos inerentes aos grupos que os forjam. Daher (2012) alarga um pouco mais esta discussão onde compreende que as práticas de representação produzem rastros que não são iguais e convenções que são diversas no momento em que são executadas. Estas mesmas representações subvertem os espaços dominantes criando suas próprias práticas de comércio e usufruto do espaço urbano.

Ainda discutindo acerca das representações, Sandra Pesavento (2004) coloca que este debate aponta para “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2004, p. 39). Compreender as representações, identidades estabelecidas e construídas no tempo presente nas Feiras do Bicalho e da QND, conferem uma forma diversa de se compreender o passado, uma vez que se trabalha com as vozes dos atores sociais como fonte de memória. Situando esta discussão nas ideias de Pesavento (2004)

Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito. (PESAVENTO, 2004, p.23)

Pode-se elencar a esta discussão a forma como Backzo (1985) pensa as representações construídas por meio da linguagem, onde “O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem” (BACKZO, 1985, p.311). A forma de comunicação e a performance do feirante ativam no frequentador um sentimento de proximidade e também pertencimento aquele local. Quando perguntei a Seu Carlos sobre aquilo o que era vendido em sua banca, sua resposta trouxe a forma como se comunica com o cliente gerando em seu imaginário uma sensação de ser querido e necessário naquele local

É porque é o seguinte, o que eu vendo aqui hoje mais é guero e mais fruta. Mas assim o que é diferenciado do mercado é que o mercado você não tem aquela comunicação. Você não comunica, você compra e diz...opa, já vou sair. Aqui não, você comunica, você relata algumas coisas, ah...como você tá. Fala o preço da mercadoria pra pessoa, entendeu? Já não tem aquele preço marcado, por exemplo,

se tiver 5,99 você não vai falar aquele preço..oh faz 5 reais, você sempre diminui o preço pro cliente. (CARLOS, 2022)³⁵

Segundo Seu Carlos o mercado não possibilita essa interação através da comunicação, pois é um ambiente impessoal e indiferente a qualquer tipo de relação entre quem vende e quem compra. A articulação da linguagem do feirante com o seu cliente, atendendo a uma necessidade de pechincha, ato particular das feiras, é uma tática cotidiana própria da identidade do feirante refletindo seu modo de agir empreendido naquele lugar. E por isso é construída uma relação dialética entre os sujeitos envolvidos que orientam estratégias usadas pelos feirantes que compõem a construção de suas identidades dando significados ao seu trabalho.

3.2 A identidades e os tensionamentos

São identidades destes atores sociais das feiras que conferem sentido as representações que eles mesmos criam sobre o ambiente que interagem e suas relações com os outros indivíduos. Para Pollak identidade “é a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.5). Assim, é o elemento que confere coerência de pessoas e grupos bem como se relacionam com as memórias individuais e coletivas que tem do ambiente das feiras.

Conforme Silva (2014) as identidades são “constructos socioculturais”, que relacionam não só os elementos individuais evocados pela memória, mas também a forma como pensam o coletivo e se inscrevem nestes lugares. É com esta reflexão que se abre uma perspectiva de pensar a identidade feirante como parte da dinâmica urbana ainda apegada à tradição das feiras, formadas sobre características próprias não só deste ambiente, mas da sua relação com o espaço urbano de Taguatinga. Ao refletir sobre estas identidades feirantes, é necessário compreender que estas se formam por meio de representações tradicionais ao mesmo tempo que também são modeladas através de mudanças nas percepções do tempo e os sentidos que a própria feira adquire ao longo deste.

³⁵ Pergunta: **Seu Carlos o que é vendido na sua banca e o que a feira tem de diferencial dos mercados?** Resposta a partir do minuto 11:58 do áudio registrado dia 21 de Agosto de 2022.

As feiras do Bicalho e QND possuem diferentes representações e identidades, que apontam os diferentes objetivos que seus frequentadores têm ao acessar cada um destes espaços. De acordo com Stuart Hall (2016) são os lugares que orientam e interferem nas construções de identidades, práticas e perspectivas sociais que permeiam as práticas cotidianas. Portanto esta formação do imaginário coletivo e identitária está em conformidade com as colocações de Backzo (1995) quando esta identidade coletiva é formada, formam-se também seus modos de funcionamento e seus guardiões e gestores (BACKZO,1995, p. 72). Estas representações são compartilhadas e legitimadas pelos próprios indivíduos das feiras e os sentidos do que seria próprio daquele lugar mobilizam os símbolos e constroem o mundo social.

Para pensar as identidades no espaço dessas duas feiras, é necessário além de considerar as particularidades desses dois locais, partir das observações do cotidiano, pois é neste cenário dinâmico urbano onde as identidades coletivas e individuais se forjam. Tanto a Feira do Bicalho como a das entrequadradas da QND são constituídas por pequenos comércios, alguns formados por agricultores e outros que revendem produtos que compram no CEASA ou de outros fornecedores. Durante a entrevista com alguns feirantes, tomei a liberdade de perguntar sobre os seus produtos e também fornecedores, principalmente os de carne, e assim Francineide, da barraca da Preta, respondeu:

As pessoas gostam da feira por ter coisas novas, né? Coisas fresquinha, verdura sem produto, fruta sem produto é fabricação própria. Carne a gente compra do próprio frigorífico, tem refrigeração, tem nota, CNPJ, tudo bem certinho. E eles vão mais na feira porque, por causa dos preços, né? Geralmente tá mais em conta, sempre tá mais em conta do que no mercado. (FRANCINEIDE, 2023)³⁶

Francineide preocupa-se em informar que seu produto é “fresquinho” e “certinho” que segue as normas da legalidade em suas práticas comerciais, e que por isso sua banca na Feira das entrequadradas da QND é sempre procurada e o cliente sente-se seguro em consumir as carnes que são vendidas. O que percebo nesses depoimentos é a afirmação do feirante em dizer que seu produto é mais barato e possui uma qualidade superior ao que é oferecido em mercados. Neste sentido, João da Silva, filho da feirante Maria das Dores, traz em suas

³⁶ Pergunta: **Porque as pessoas preferem comprar na feira do que nos mercados? A senhora compra carne em algum frigorífico local?** Resposta a partir do minuto 26:48 do áudio registrado dia 25 de Janeiro de 2023

memórias a importância do trabalho feirante numa lembrança que teve ao entrar em um grande mercado e comparar uma hortaliça ao que era vendida na banca de sua mãe

Eu tenho essa memória muito viva da primeira vez que eu entrei num verdurão de mercado...acho que foi em Taguatinga eu esqueci o nome dele agora, mas era um mercado do bairro bem conhecido na época. E a gente entrou, fomos comprar algo e passamos na área de verdurão e aí a minha mãe pegou uma rúcula e olhou assim e me mostrou...eu era criança ainda e a minha reação foi cair na gargalhada porque pra mim era uma piada, porque assim o preço que se pagava naquilo não fazia o mínimo sentido...pra mim é um absurdo aquilo. Porque o que eu conheci na visão daquele produto, era de um produto muito melhor e muito mais barato. Então quando a gente fala qual é a importância da feira...cara de produtos que a gente trouxe pro D.F que não existiam...qualidade de vida para as pessoas, qualidade de alimentação que a gente trazia...é uma gama muito grande. Eu acho que lá eu não consigo eximir em poucas palavras, porque hoje olhando pra esse eu falo...cara, o que você encontra no mercado, encontra no verdurão mais caro nunca vai chegar próximo da qualidade que você encontra na feira e não é puxando nada da feira. Esse é o diferencial que você tem que oferecer, eu tô colhendo hoje pra vender amanhã e a diferença que eu tenho pra concorrer com o mercado que tá comprando do mesmo lugar que eu, do mesmo chacreiro que eu, e as vezes eu tenho que pedir pro chacreiro tirar pra mim porque às vezes o mercado comprou a plantação inteira...é que eu vou escolher pé a pé pra trazer uma qualidade maior, eu vou colher alface...vou escolher esse...esse e esse. Aí vou encaixotar diferente, ah...uma caixa de alface é 18 pés tem que dividir em duas caixas pra não apertar, pra não quebrar, pra conservar melhor, pra no dia seguinte levar o melhor. Sempre tinha essa visão de tipo, estou levando um produto melhor e não era uma questão só de...de vaidade, de qualidade do feirante...mas é como eu vou ganhar dinheiro. Era assim! Chegava na Ceasa e falava, o que tá barato, o que tá caro, mas tá muito bom, o que tá barato mas não tá valendo nada. Então você tinha essa visão de mercado bem customizada. O que eu vou colocar trazer pra hoje? O que eu vou colocar na barraca hoje? Então nesse ponto a feira influencia muito na qualidade de vida de alimentação em toda a população em volta dela. Eu falo até hoje eu não consigo achar, não consigo chegar no mercado, fazer compra de verdura e hortaliça, aquilo não vale meu dinheiro na minha visão. Porque eu tô acostumado a um produto muito melhor, com uma qualidade muito superior e num preço muito mais barato. (JOÃO DA SILVA, 2023)³⁷

³⁷ Pergunta: **João, pra você qual é a importância do trabalho do feirante?** Resposta Resposta a partir do minuto 41:49 do áudio registrado dia 27 de Maio de 2023

Além de sua memória sobre uma situação, que para João pareceu cômica ao comparar os pés de rúcula vendidos no verdurão do mercado com ao que era comercializado na banca de sua mãe aos domingos na Feira do Bicalho, é possível pensar também os tempos e ações que se desdobram em sua fala. João sentia-se seguro em responder as perguntas que eram feitas e por isso delongou-se confortavelmente sobre aquilo o que era suscitado, e assim articulava vários conectivos que conferiam historicidade ao processo de entrevista. Sarlo (2007) aponta que todo relato se constitui a partir de uma realidade e contextualização. E assim, percebe-se a posição de João em meio a esta trama e a historicidade que seu relato possui, perpassando o tempo da criança que sorria diante do pé de rúcula inferior ao da banca de sua mãe alcançando as suas percepções de adulto sobre a complexidade do trabalho feirante em encaixotar, escolher o melhor e levar para o cliente. Deste modo, seu lugar neste círculo em que está inserido é demarcado por ele próprio onde, entendendo a importância e a valorização em torno do produto vendido pelo feirante, não entende o sentido em comprar aquele tipo de hortaliça em um mercado.

Compreender um relato em suas diversas nuances que se abrem, é também uma forma de pensar como esses entrevistados dialogam com a sociedade que os integram considerando suas dimensões pessoais e sociais. Ainda no sentido de compreender essa identidade feirante e os elementos que a compõem nestes espaços, Francineide comenta sobre o que a feira representa em sua vida

A feira representa pra gente um trabalho que a gente se apega, gosta...ser feirante é gostar, ser feirante é ser fiel a feira. Desde quando eu comecei a feira eu nunca saí, eu nunca arrumei outro emprego. Já fiz enfermagem, mas nunca quis cursar na área. A feira pra mim é meu tudo, meu ganha pão, é minha vida. Trabalho do jeito que eu quero, trabalho do jeito que posso, tiro as férias quando quero. E feira é vida, feira é pra quem quer, se não gostar de feira, não é feirante. (FRANCINEIDE, 2023)³⁸

Assim como João, Francineide foi levada muito cedo para trabalhar com os pais nas feiras de Taguatinga, tinha apenas 7 anos de idade e os ajudava com montagem de bancas e vendas. Com a transmissão do conhecimento do trabalho feirante, Francineide montou sua própria banca, “já tenho 32 anos de feira...e é isso. Feira é acordar cedo, dormir cedo, não ter final de semana e a vida é essa” (FRANCINEIDE, 2023), e assim identifica-se como feirante, onde pra ser “tem que gostar”. Segundo Laplanche e Pontalis (1990) o ato de identificar-se

³⁸ Pergunta: **O que esta feira representa em sua vida e na de sua família?** Resposta a partir do minuto 35:10 do áudio registrado dia 25 de Janeiro de 2023

seria reconhecer-se como idêntico e tornar-se idêntico a outro, e a partir da identificação os indivíduos constroem a sua personalidade. A imagem que os indivíduos constroem de si mesmos durante uma narrativa é associada a elementos do passado com aquilo que também vivenciam no momento da evocação. Segundo Candau (2021) a relação entre memória e identidade seria como

Um tecido memorial coletivo que vai alimentar o sentimento de identidade. Quando esse ato de memória, que é a totalização existencial, dispõe de balizas sólidas, aparecem as memórias organizadoras, poderosas, fortes, por vezes monolíticas, que vão reforçar a crença de uma origem ou uma história comum ao grupo. (CANDAU, 2021,p. 77)

Quando João aponta “eu tô colhendo hoje pra vender amanhã e a diferença que eu tenho pra concorrer com o mercado que tá comprando do mesmo lugar que eu, do mesmo chacreiro que eu” e Francineide diz “Trabalho do jeito que eu quero, trabalho do jeito que posso, tiro as férias quando quero” esses indivíduos reconhecem a si mesmo e também enquanto grupo social o que permite a internalização de valores coletivos, sentidos e validação social “E feira é vida, feira é pra quem quer, se não gostar de feira, não é feirante” (FRANCINEIDE, 2023)

O fator sobrevivência que motiva as pessoas a trabalharem nessas feiras, também é percebida como uma das questões chave para compreender a formação das identidades desses feirantes. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais se baseia fornecem possíveis respostas as questões: Quem sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2014, p.19)

E por estas questões assim colocadas no que concerne à sobrevivência o feirante é aquele que desenvolve laços de pertença ao lugar não somente com os seus clientes, mas também como os seus colegas de bancas vizinhas com quem estabelecem seus laços de sociabilidade. E nessas redes de pertença o feirante é segundo Conrado e Alencar (2005) “um sujeito que expõe, segundo seus princípios sociais, uma forma de lidar com a arte de

vender que o caracteriza como um ator, onde a arte de encenar é um dos princípios da luta por um poder simbólico manifesto na concorrência. (CONRADO; ALENCAR. 2005. p.9). Alguns aspectos observados durante a caminhada que fiz nos corredores das duas feiras bem como algumas nuances que observei em alguns depoimentos apontaram para um conflito de espaço social como vivenciado diariamente por alguns feirantes que se estabeleceram recentemente nas feiras, Roseli traz essa situação da seguinte maneira

“Cheguei nessa feira tem mais ou menos 1 ano, né. Mas já fizemos feira em Padre Bernardo, como lá estava bem difícil então mudamos pra tentar. Hoje em dia fazemos 6, 7 feiras. [...] Primeiramente viemos pra ver se tinha algum lugar que pudéssemos ficar, né? Tinha bastante tempo que a pessoa que ficava aqui não ficava mais e depois fomos a Administração pra não ter problema, né? Tenho a autorização escrita, né? Mas não é certa ainda porque devido a pandemia não tava passando a liberação, mas nós temos essa autorização escrita e mesmo assim tive problema com alguns feirantes, que eram pra ser unidos, mas não são infelizmente, é cada um por si, mesmo não sendo o mesmo produto que você venda eles não querem, né? Eu creio que o sol nasceu pra todos, mas nem todos veem dessa forma”. (ROSELI, 2022)³⁹

Ao responder esta pergunta percebia em Roseli uma angústia diante da situação que enfrentava na feira das entrequadradas da QND, por isso mesmo sua banca ficava ao final do corredor destacada das demais, juntamente com outras bancas que também vendiam plantas. Identificava-se tão pertencente aquele lugar como os outros, mas de forma autoconsciente também reconhecia sua diferença por questões de valorização da antiguidade de ocupação daquele espaço. Sobre essa mesma questão de conflitos entre feirantes novos e recém chegados, João traz a seguinte colocação

Tem a questão de não deixar pessoas entrarem na feira, feirantes novos, mas não é uma questão de idade...é mais uma pessoa pra trabalhar ali dentro, porque exatamente você vai ter uma diluição do público da feira que já é limitado...é ele não cresce, não tem pessoas novas vindo comprar na feira, saca... É aquele público local, então assim se você colocar mais feirantes, você vai diluir os clientes. Então essa resistência tem, tanto é que no últimos anos parece que tem uma regra, os pontos no miolo ali na feira eles são dos antigões..novatos ficam ali na beirada. Se você andar na feira consegue ver isso, onde é que está o movimento dos cliente? É

³⁹ Pergunta: **Existe algum conflito entre feirantes mais antigos e os recém chegados?**
Resposta a partir do minuto 14:15 do áudio registrado dia 25 de Janeiro de 2023

no miolo! As pessoas chegam na feira, passam das bancas ali no início e praticamente ignoram elas e vão pro meio da feira. Aí ali no meio é que realmente o comércio tá mais forte. A beiradas é tipo assim que tá na marginalidade da feira mesmo. E aí essa tensão existe, saca...ah vou começar a vender tal coisa. Não! Você vai lá pro início da feira, vende lá! (JOÃO, 2023)⁴⁰

Os espaços urbanos onde as feiras livres se instalam, possuem dinâmicas próprias de organização e formação sociais e culturais. Estes locais traduzem a densidade urbana promovendo a multiplicidade de relações que envolvem também as disputas territoriais, sendo assim um espaço de conflito informal e pessoal, onde o posicionamento é setorizado e hierarquizado (BOURDIEU, 1989, p. 42) cada feirante possui seu espaço delimitado conforme estruturas estabelecidas em comum acordo. Pensar o espaço das feiras é considerar, sob esta perspectiva de Bourdieu, que existem disputas de poder entre os próprios feirantes.

O espaço público das ruas segue uma lógica dominante ocupacional, no entanto estes comerciantes criam novas representações sobre estas ocupações ressignificando-as e transformando-as em espaços de trabalho. Stuart Hall (2016) afirma que pessoas de uma mesma cultura compartilham um “mapa conceitual” relativamente parecido para ler e interpretar os signos, e desta maneira os sentidos são intercambiados entre os sujeitos. Francineide já traz uma outra representação da relação entre feirantes mais antigos e os recentes

Não..a gente costuma se respeitar, todos amigos de feira. Tem banca de carne do meu lado, se eu não tenho indico o meu amigo do lado e se ele não tem me indica...a gente não tem atrito, não tem briga...ah você pegou meu cliente..não, na feira não a gente costuma ser amigo, sempre amigo. um sempre ajudando o outro e se o carro de um quebrou o outro ajuda e assim vai...se um tá precisando de dinheiro o outro ajuda, se um tá doente a gente faz uma vaquinha e ajuda. Então na feira a gente se considera amigo, né? A gente não tamo aqui pra tá brigando com ninguém a gente tá aqui pra tá conquistando cada dia mais e a gente fica feliz com tudo o que a gente tem, o que conquista o que as pessoas conquista. Se eu tô feliz meus amigos tem que tá feliz também. Então feirante é assim, é uma família, tem aqueles que gostam de brigar, mas eles são a minoria aqui. Pra mim feira é amigos, é família, amigos. (FRANCINEIDE, 2023)⁴¹

Francineide trabalha na mesma feira em que Roseli, nas entrequadradas da QND às quintas feiras, porém possui uma outra representação sobre as disputas de espaços. Não há

⁴⁰ Pergunta: **Existe algum conflito entre feirantes mais antigos e os recém chegados?**

Resposta a partir do minuto 21:07 do áudio registrado dia 27 de Maio de 2023

⁴¹ A mesma pergunta também é feita a Francineide. Resposta a partir do minuto 15:14 do áudio registrado dia 25 de Janeiro de 2023

aqui o intuito de contrapor o que Roseli ou Francineide dizem, mas essas representações diversas são importantes para não constituir uma visão romantizada e harmônica da relação entre feirantes, o que limitaria as possibilidades de perceber os tensionamentos produzidos nestes espaços. Sarlo (2007) aponta que é preciso ver o lugar da experiência, da narração e do processo, e da intriga por entre o lugar da investigação. Roseli expressa uma estrutura de sentimentos onde luta por um lugar de pertença, enquanto Francineide já estabelecida em seu lugar fala a partir dele numa situação harmônica e confortável.

Vejo que estes relatos, denotam memórias que transitam com força perante uma construção e reconstrução de suas identidades, onde na interação durante a entrevista reforçam algumas imagens e tentam desconstruir outras. Conforme indicado por Bourdieu e partindo dos relatos de Francineide, Roseli e João a feira produz identidade e promove também demarcação de território simbólico individualizado para os feirantes que desenvolvem suas práticas e estratégias de vendas a todo momento. É neste sentido que a História Oral abre-se como um campo de possibilidades para analisar do que se constituem as identidades a partir do ofício dos feirantes, pois ao contar as suas histórias fornecem elementos que conferem sentido as impressões que se tem das Feiras pra Praça do Bicalho e da QND.

O feirante Armenes Nerces Abikian, natural do Líbano, chegou em Brasília em 1957 onde inicialmente trabalhou na fábrica do Guaraná Pioneiro, em 1960 partindo do dinheiro de suas economias fundou a empresa Suco Rico.

Até 60 eu trabalhei no Pioneira, em 60 fui trabalhar sociedade, de 60 até 62 eu trabalhei sociedade, mas não deu certo, fechamos as portas, vendemos, para um outro cidadão chamado Expedito Oliveira Saraiva. Trabalhei mais 2 anos encarregado, em 64 eu comecei trabalhando nas feiras aqui em Taguatinga, casei mudei prá cá, a minha chegada aqui em Taguatinga foi em 62...(ABIKIAN, 2001,p. 11)⁴²

Devido a algumas dificuldades financeiras, acabou fechando as portas de sua empresa e ingressando no trabalho feirante, em 1964, vendendo queijos no Mercado Norte situado no

⁴² Pergunta: **Quando foi que chegou em Taguatinga?** Entrevista realizada com o senhor Armene Nerces Abrahan Abikian, realizada por Deuzíria de Carvalho Soares, aos 25 dias do mês de junho de 2001 na residência do entrevistado, com início às 14 horas e 25 minutos. Produzida pelo Arquivo Público do Distrito Federal. Programa de História Oral. Linha Formação das Feiras Livres.

Taguacenter e na feira do Cine Lara. Nessa época atuava como feirante itinerante nas feiras do Bicalho, Vila Dimas, DI e Vila Matias

Durante semana nós fazíamos a feira aqui da praça do DI, onde era uma praça, eles cediam para nós e praça do Bicalho, praça do Bicalho até hoje tem ainda. Aquela praça era maior, depois começaram as casas construir, foi reduzindo, ficando naquele asfalto, então, entre as quadras nós trabalhávamos de terça, quarta, quinta, sexta, sábado domingo, só segunda-feira não tinha feira. Os outros dias da semana nós trabalhávamos, de terça a domingo nós tínhamos feira, nós trabalhávamos, cada dia da semana era um lugar, Vila Dimas, Vila Matias. (ABIKIAN, 2001,p. 22)⁴³

Assim como Abikian, a maioria dos feirantes antigos que se estabeleceram pela década de 60 e 70 nas feiras livres de Taguatinga, também fizeram o mesmo percurso semanal com as demais feiras. Quando perguntado a ele sobre não ter um ponto fixo, Abikian relata

O povo começava gritando e correndo e escondendo, era único pendurado na barraca, também minha barraca nunca voou, porque eu era daqueles teimosos, segurava na barraca e não vai voar e não voava mesmo. Os outros carregavam tudo, e longe então eu enfrentei chuva, vento. Quantas vezes chegava na feira assim, chegava 6:30, 7:00 horas sujeito já estava no meu lugar, e eu não podia brigar, eu armava lá fora da feira, porque? E porque eu estava no meu lugar, se chegou de madrugada, acampou lá, chegou um dia antes. Depois nós chegamos um dia pagar os vigias lá para poder guardar nosso lugar, botar minha banca, pagava o vigia para ficar vigiando nossa banca porque chegava outro dia de manhã não tinha onde armar a barraca.

(DS) – Não tinha ponto fixo?

(AN) – Não tinha ponto fixo. Tinha ponto fixo, cada um tinha uma plaqueta de enfiar no chão mas o povo não respeitava

(DS) – Mas mesmo assim não havia esse respeito

(AN) – Ele não respeitava, então quando surgiu feira permanente eu pus as mãos para os céus e dei graças a Deus ter minha loja, vou chegar abrir tudo, aquela higiene, mas nenhum dos meus colegas não valorizou isso, todos meus colegas do

⁴³ Pergunta: **Em qual época vocês venderam melhor?** Entrevista realizada com o senhor Armene Nerces Abraham Abikian, realizada por Deuzíria de Carvalho Soares, aos 25 dias do mês de junho de 2001 na residência do entrevistado, com início às 14 horas e 25 minutos. Produzida pelo Arquivo Público do Distrito Federal. Programa de História Oral. Linha Formação das Feiras Livres.

meu ramo voltaram para feira de novo, eu único fiquei lá, único até hoje eu sou bandeirante, iniciei primeiro. (ABIKIAN, 2001, p.38)⁴⁴

Tanto Elmiro (mencionado no capítulo anterior) quanto Abikian nos contam a sobre as dificuldades não só das estruturas precárias das feiras, mas também dos fatores naturais que influenciaram diretamente na decisão de sair das feiras livres e estabelecerem seu ponto na Feira Permanente. Percebe-se também a mesma relação de poder produzida nos espaços, onde as bancas representavam simbolicamente o direito de demarcação dos lugares. Outro ponto interessante na fala de Abikian diz respeito a auto representação de “bandeirante” da Feira Permanente, considerando-se ousado em tentar uma nova forma de fazer a feira, segundo ele seria mais organizada, onde cada feirante teria seu próprio box. Sobre a forma como o narrador ordena os fatos e constrói sua identidade no momento da narrativa, Candau (2021) coloca que

O narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, sublimações, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, “vida sonhada” ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa (CANDAU, 2021, p.71)

A produção de imagem de si feita por Abikian ocorre por meio do ato da memória colocando em evidência a habilidade que os narradores tem em pensar, classificar e ordenar o mundo ao redor. Segundo Stuart Hall (2004) as identidades não são permanentes, nem estáveis, são processos em produção, muitas vezes inacabadas e contraditórias. E assim, por meio da fala desses feirantes pode-se debater e questionar essas identidades, uma vez que são narrativas e discursos ainda em transformação. O autor conecta identidades aos discursos produzidos pelos sujeitos, e por isso possibilita “compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias de poder” (HALL, 2004, p.109).

⁴⁴ Pergunta: **Não havia um ponto fixo?** Entrevista realizada com o senhor Armene Nerces Abraham Abikian, realizada por Deuzíria de Carvalho Soares, aos 25 dias do mês de junho de 2001 na residência do entrevistado, com início às 14 horas e 25 minutos. Produzida pelo Arquivo Público do Distrito Federal. Programa de História Oral. Linha Formação das Feiras Livres.

FIGURA 10 - Notícia do Correio Braziliense sobre tentativa de ordenamento da feira livre

FEIRA DE TAGUATINGA VIROU MERCADO PERSA

A questão das feiras-livres continua na ordem do dia. Parece, entretanto, estar havendo uma grande mudança em termos do assunto. Enquanto os comerciantes legalmente estabelecidos lutam por seus direitos, os feirantes - segundo a legislação - também lutam por um direito que não lhes é negado, mas que está sendo completamente deturpado. Em princípio, ninguém é contra as feiras-livres, porque elas atendem aos interesses da população. Mas a feira foi instituída para vender gêneros de primeira necessidade, além de frutas e legumes, pelos produtores, pelo menos em tese, e a baixo custo, pois que evita o intermediário ou atravessador.

O feirante luta contra impostos, embora reduzi-los. Não paga, porém, o aluguel de uma loja, geralmente cara, nem precisa de grande quantidade de empregados.

Uma simples barraca de madeira, com uma cobertura de lona, resolve o problema. E o pouco aquece, tudo, as mercadorias essenciais à sua alimentação, geralmente nos dias de semana. Foi a feira, como se diz popularmente.

Mas esse espírito foi deturpado, trazendo sérios prejuízos ao comércio estabelecido. Em sua maioria, os feirantes não são produtores de coisa alguma. Compram suas mercadorias nos fornecedores do comércio, vendendo-as a preço que se constituem numa concorrência desleal.

Mas, ainda assim, ninguém reclama. A grã começou quando as feirantes, partido para o exterior, resolveram transformar suas barracas em verdadeiros empórios, vendendo mercadorias das mais variadas espécies.

Hoje, nas feiras-livres, principalmente nas de Taguatinga, que são as maiores e mais conhecidas de Brasília, pode ser comprado de tudo. Aparelhos eletrodomésticos, louçaria, ferragens, e até, pasmem, dormitórios completos. A continuar assim, os feirantes qualquer dia estarão vendendo automóveis, terrenos e até residências...

Diante da situação, o GDF resolveu regulamentar as feiras-livres, baixando decreto. Dando cumprimento à Lei, a Coordenação de Indústria e Comércio, da Secretaria de Agricultura e Produção, elaborou os seguintes percentuais: legumes, verduras e cereais verdes, 70%; frutas diversas, 6%; pescados, 2%; ovos 3%; aves e pequenos animais vivos, 3%; flores e plantas, 2%; e produtos caseiros, 2%.

Como se vê, a tabela marca uma nova fase saneadora, fazendo com que as feiras atendam plenamente às finalidades para que foram criadas. Colocando, enfim, o feirante, em seu justo lugar, que é o de facilitar à população a aquisição de gêneros de primeira necessidade a baixo custo.

Parece, entretanto, que o Decreto de Regulamentação não pôde, ainda, entrar em vigor. Há marchas e contramarchas, com os feirantes, ao que parece, insistindo em vender mercadorias industrializadas.

Mas o Governo não deve ceder. No caso, sua atuação deverá ser a mesma aplicada no caso dos Mercadinhos da Avenida W-4, cuja finalidade, por muito tempo, permaneceu deturpada. Os Mercadinhos foram retomados e entregues a quem legitimamente deveria explorá-los, os produtores, que agora atendem plenamente suas finalidades, vendendo ao povo seus produtos.

E o mesmo deverá acontecer, sem tardança, com as feiras-livres. Ninguém, repetimos aqui, é contra elas. O que se deve é discipliná-las, evitando que elas façam uma concorrência desleal aos comerciantes estabelecidos, que pagam altos impostos e empregados, além de caríssimos aluguéis.

Que fiquem, portanto, as feiras-livres, mas com os verdadeiros produtores, vendendo gêneros alimentícios de primeira necessidade, abastecendo a população. Nunca, porém, oferecendo ao público produtos industrializados.

Cumpra-se o decreto saneador e tudo ficará nos seus devidos lugares.



Os produtores legítimos estão perdidos na imensa babel. Suas barracas ficam vazias, devido à concorrência dos produtos manufaturados e industrializados, vendidos através de vendedores alho-falantes. Este é o famoso "bastiã" de toda a história das feiras-livres.



Este é o produtor. Perdido no meio de uma multidão de negociantes rotulados de feirantes. Vende suas mercadorias a baixo custo. E a finalidade da feira-livre sendo cumprida. Em pé na banca, ele procura chamar a atenção do público, na tentativa de superar a gritaria dos que em vez de legumes, anunciam roupas feitas através de modernos alto-falantes.



Uma frota de Kombis, todas novinhas. Nelas vem a mercadoria industrializada vendida nas feiras. A feira perde sua finalidade, tornando-se árida e desleal concorrência do comércio estabelecido.



Este é diferente. Revistas pelo chão, com fotos de assuntos médicos, e uma enorme pilon. Transistorizado, ele anuncia as excelências de seu remédio, uma verdadeira "panaceia lapsozum". Cura queda dos cabelos, extirpa calos e serve para espinheira-cábia.



Colchões a preço de pechinha. Se quiser, também pode comprar a cama, e guarda-roupa, a meshiba de cabeceira, e até uma sala completa. E o comércio legalizado, com suas lojas, como é que fica?



Esta é a banca de mercadorias industrializadas, a maioria procedente de São Paulo. Coisas, camisas, blusas, sãta, conjuntos femininos de blanda. Tem de tudo, para todos os gostos.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO
INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ
Divisão de Material e Transportes
Tomada de Preços 11/71
EDITAL

Encontra-se à disposição dos interessados, na Divisão de Material e Transportes do Departamento do Patrimônio, à Rua Cordeiro da Graça, 156, CB, Edital de Tomada de Preços nº 11/71, para fornecimento de Malathion.

O Edital completo, com as demais especificações, encontra-se à disposição dos interessados no endereço acima, no horário de 14 às 17 horas, nos dias úteis, onde serão prestadas maiores informações, exceto aos sábados.

Rio de Janeiro, 9 de julho de 1971

ALFREDO CIMA FONTE
 Chefe da Divisão de Material e Transportes

"CONVOCAÇÃO"
"ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA"

Ficam os Senhores acionistas da SARIO S/A - TÉCNICO COMERCIAL RIO, convocados para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar-se no dia 05 de agosto de 1971, às 14 horas, em sua sede social no Edifício Goiás, Sala 401 SC/Sul - Brasília - Distrito Federal, com a seguinte Ordem do Dia:

- a) Relatório da Diretoria, Parecer do Conselho Fiscal, Balanço Geral e Contas de Lucros e Prejuízos, referente ao exercício encerrado em 31 de dezembro de 1970.
- b) Eleição dos Membros e Suplentes do Conselho Fiscal e Fixação dos seus honorários.
- c) Assuntos gerais de interesse social.

Brasília, 14 de julho de 1971
 Seasilina Vieira Napolí
 Diretora-Presidente.

O recorte do jornal acima foi retirado do Jornal Correio Braziliense na edição do dia 22 de julho de 1971 onde o próprio título da notícia já evidencia o intuito de denunciar o incômodo gerado por esta feira nas instâncias do GDF. A matéria busca deslegitimar a importância das feiras, relegando a estas a um lugar de “concorrência desleal”, onde o feirante não é “produtor de coisa alguma”. O objetivo de uma matéria desta natureza não seria outro senão concordar com as tentativas de ordenamento do espaço urbano que visam disciplinar as feiras e embasando a decisão de criar uma Feira Permanente. Esse recorte não é posto neste trabalho de forma deslocada do tempo em que foi criado, mas relaciona-se ao que Abikian menciona sobre a sua ida para a Feira Permanente, local onde valeu-se da alcunha de “Bandeirante”.

Retomando os debates acerca do cotidiano das feiras para situá-lo como local das formações de representação e identidade, é neste lugar onde essas práticas acontecem por meio de táticas e estratégias elaboradas pelos feirantes. Conforme já posto no capítulo anterior Certeau (2012) nos aponta estratégia como um movimento calculado e pre determinado, enquanto tática seria o movimento realizado dentro de um campo de visão que é alheio. O cotidiano é aqui mencionado como o lugar onde os aspectos identitários conectam-se às estratégias como fatores decisivos para sua constituição. Cabana e Ichikawa (2017) pensam a relação entre cotidiano e identidade nas feiras da seguinte forma

Assim, o cotidiano vai sendo reinventado constantemente pelos seus praticantes, por sua vez, as identidades também se transformam no cotidiano. Destarte, as várias identidades dentro de uma organização também são transformadas constantemente, mesmo que haja a imposição de uma única identidade organizacional, dependendo das circunstâncias. Em suma, cotidiano e identidade são temas que se encontram entrelaçados, as identidades se constroem e reconstroem no cotidiano e o cotidiano se reinventa, em parte, segundo as identidades. (Cabana e Ichikawa, 2017, p. 291)

Por serem locais dotados de vivacidade, estado constante de transformações, conflitos e disputas tornam-se espaços praticados (CERTEAU, 2012) que incorporam-se na vida dos feirantes pautando as relações sociais, o sentimento de pertença ao lugar e como significam seus modos de fazer a feira. Esses modos de fazer vão desde a montagem das barracas, o improvisado das estruturas, forma de exposição dos produtos onde os caixotes ganham diversas funcionalidades.

É..eu tinha uma tendência minha a um tipo de atividade, mas querendo ou não você tinha que fazer tudo, então eu descarregava com ela, eu ia com ela para as chácaras, colhia verdura com ela, encaixotava, lavava, limpava, preparava. E quando a gente voltava pra casa tinha uma questão da gente pegar o que a gente comprou e separar em porções menores pra render aquilo dali, aí preparava a Kombi na noite, na manhã seguinte a gente saía passava na Ceasa complementava ali as compras...ia pra feira, descarregava, montava, arrumava tudo, fazia a venda, né? Ali durante o dia tinha o atendimento, chamar cliente, arrumar de volta o que mexeram, dar uma limpada no que deu uma estragada e no final da feira, se desmonta, coloca tudo no carro..aí se for..eu até tinha na minha cabeça, assim, né? As feiras finais você tinha um dia de folga antes da próxima, já arrumava tudo meio que separando o que iria doar e o que iria manter, e se não era a feira final arrumava tudo preparando pra sair dali e ir pras compras de novo...pra poder iniciar o ciclo de novo. Então eu basicamente fazia de tudo...eu tinha preferência para as atividades mais braçais mesmo eu gostava de carregar e descarregar. (JOAO DA SILVA, 2023)⁴⁵

Para João o trabalho nas feiras era algo cíclico, uma rotina bem demarcada que terminava e recomeçava já aproveitando a estrutura de organização dos produtos feita ainda na feira anterior. Nessa perspectiva de Certeau (2012) e pensando a partir do que foi relatado por João, as feiras são lugares moldados a partir de sujeitos que praticam e ressignificam-na dentro de seu cotidiano. Sobre a questão da identidade associada a ideia de grupo, Cabana e Ichikawa colocam que

Dessa forma, compreendemos que as identidades que não coincidem ou que não se encaixam com as características exigidas nas normas da feira são fortemente abafadas, pois se essas se revoltam podem ser até expulsas, e a feira, para muitos dos seus participantes, não é uma opção que o produtor escolhe, para a maioria é uma necessidade, é o meio de sustento da sua vida. Assim, ficam sem saída, tendo que submeter a sua identidade “diferente” àquela “normalizada” pelo estatuto. Por outro lado, após a associação se constituir, se dá mais ênfase ao discurso do associativismo para enaltecer a ideia de grupo. (CABANA E ICHIKAWA, 2017, p.296)

Cabana e Ichikawa estudam as identidades organizacionais formadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá e apontam a pressão exercida pelo cumprimento do Estatuto interno das feiras, o que relaciona o pertencimento do feirante ao lugar. O que ocorre nas feiras da Praça do Bicalho e da QND ainda vai além da importância do estatuto, pois sufocam as identidades que não cumprem com a escritura ou os feirantes que se estabelecem depois

⁴⁵ Pergunta: **João, quais atividades você desempenhava na feira para ajudar a sua mãe?**
Resposta a partir do minuto 27:53 do áudio registrado dia 27 de Maio de 2023

mesmo dentro da legalidade. Apesar dos depoimentos evidenciarem laços de amizade entre feirantes e frequentadores das feiras, “um lugar de família”, “união” e ajuda mútua, comecei a perceber que as identidades nas feiras não são homogêneas, mas sim constantemente tensionadas em torno dos espaços de poder, entre os que estão no “miolo da feira” e os que chegam posteriormente se estabelecendo na parte final. São essas diferenças estabelecidas nos espaços de poder que marcam e classificam as identidades, assim coloca Woodward

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. (WOODWARD, 2017, p.40)

O cotidiano das feiras do Bicalho e da QND não são calmos e estáticos, são também palcos de lutas pela conquista dos espaço de posição identitária, que muitas vezes não são notados pelos frequentadores que fazem suas compras acreditando serem espaços estáveis e harmônicos. Portanto, para compreender as noções de identidade é necessário partir das relações de poder tecidas no cotidiano das feiras, através das trajetórias desses sujeitos e como são construídos os sentimentos de pertença a estes lugares, assim entende-se as identidades como processos dinâmicos e plurais.

As práticas e modo de agir pertinentes às identidades constituídas no ambiente das feiras são dotadas de expressividades também no grupo familiar dos feirantes, que ensinaram seus filhos seus códigos, táticas e conduta de vendas. Sobre o trabalho transmitido ao filho Seu Manoel nos conta sobre como o inseriu

Foi. Ele estudou um pouco, mais ele trabaiou aí de empregado, mas ou menos 1 ano por aí ou dois anos...mas aí eu chamei pra feira e ele tá aí até agora. E agora ele é quem manda na feira, faz compra e eu fico só aqui pra resolver um servicinho aqui, e eu tô por aqui hoje porque faltou um funcionário e eu vim dar uma ajuda, mas eu tô fora da feira já. Fico ajudando mas em casa, né? Essas coisas de marcadoria...ele dá conta de trabaiaí do serviço, dá conta do recado, né? (MANOEL, 2022)⁴⁶

⁴⁶ Pergunta: **O seu filho foi criado com o senhor na feira aprendeu o seu trabalho? o senhor transmitiu a ele esse saber?** Resposta a partir do minuto 46:20 do áudio registrado dia 21 de Agosto de 2022.

Enquanto conversávamos no interior de sua banca o filho de Seu Manoel cuidava do atendimento aos clientes que passavam por sua banca, o que permitiu uma entrevista sem muitas interrupções. Segundo seu Manoel, o filho estava encarregado de cuidar das compras e dos fornecedores, cabendo apenas a ele o dar alguns conselhos e ir a feira aos domingos pra verificar o fluxo de vendas e encontrar com os amigos para socializar. No momento da entrevista estive atenta ao modo como seu Manoel se referia ao que a feira representa em sua vida, o trabalho exercido por seu filho e percebi o orgulho que expressava sobre a valorização de um ofício que foi passado entre gerações

Ah...pra mim representa tudo, né? Que em primeiro lugar eu acabei de ganhar os filhos aqui nela. Eu trouxe os filhos, o mais velho eu trouxe com 15 anos. Foram 7 filhos e a mais nova eu trouxe com 15 anos. E criei tudo aqui trabalhando nessa feira, pra mim representa tudo aqui essa feira, porque Graças a Deus a gente também segurou...nunca ficar devendo ninguém, ficar apertado..consegui controlar. Mas também eu nunca fui de luxar essas coisas assim a gente vive é do trabaio mermo. Graças a Deus tô encarando e ainda tô vivo aqui (MANOEL, 2022)⁴⁷

Seu Manoel diz que a feira faz parte da história de sua família, inclusive foi este trabalho que a fez crescer socialmente e que também faz o seu comércio na feira durar. Sobre essa continuidade do comércio entre as gerações Vedana (2008) coloca que a “recuperação dos gestos dos seus antecessores, reinventando-os no cotidiano da cidade transforma-os numa ritmicidade cíclica” (VEDANA, 2008, p.185). Sobre a inserção dos filhos no ambiente feirante, Francineide conta que

Eu tenho uma filha...é chamada Emily Mayara e com 10 dias de idade ela já veio pra feira! Só que assim, a gente que é feirante, a gente não quer isso pros filhos, né? Que a gente não tem vida. E a minha filha eu não quero ela em feira, então assim...mas ela vem comigo desde os 10 dias de vida ela já veio pra feira. Se eu deixar ela tenho que mandar alguém em casa, pegar o carro pra levar ela pra feira senão passa o dia chorando..aí meio de semana ela vai pra escola e quando não tem aula ela vai pra feira. Sábado e domingo ela me acompanha nas feiras. (FRANCINEIDE, 2023)⁴⁸

Além das densas relações que os feirantes possuem com seus clientes, os laços de sociabilidade com seus colegas de banca, há ainda essa estrutura de transmissibilidade dos

⁴⁷ Pergunta: **Seu Manoel, o que esta feira representa na vida do senhor?** Resposta a partir do minuto 47:15 do áudio registrado dia 21 de Agosto de 2022.

⁴⁸ Pergunta: **A senhora tem filhos? Eles participam ou já participaram do trabalho juntamente com você?** Resposta a partir do minuto 15:18 do áudio registrado dia 23 de Janeiro de 2023.

saberes. Essas famílias procuram não somente uma geração de renda, mas também uma forma de ensinar uma atividade de sobrevivência aos seus filhos

Bom, como feirante eu tenho aqui 13 anos que trabalho como feirante...é a feira representa pra mim uma qualidade de vida melhor e um ensinamento melhor para os meus filhos, onde eu possa ensinar para os meus filhos que de qualquer forma você pode sobreviver e eles também me ajudam demais na feira. Eu tenho 4 filhos, um já trabalha comigo, os outros 3 são pequenos, mas eu já pretendo levar eles pro trabalho comigo...que é pra eles aprender a trabalhar, que aí eles vai aprender a trabalhar pra eles mesmo e saber administrar tod dinheiro que foi investido e foi aplicado, né? Então ele vai aprender, né? (VANESSA, 2023)⁴⁹

O modo como aprenderam a desenvolver os seus trabalhos tem como base a experiência de vida como local de aprendizado, conhecimentos dos quais acessam para a execução de seus trabalhos e ensinamento para os seus filhos. De acordo com Francineide coube a alguns filhos dos feirantes dar continuidade aos trabalhos de seus pais para que aquele ofício sobrevivesse entre gerações ainda que houvessem mudanças nos modos de condução dos trabalhos

Ah, mudança na feira sempre foi do mesmo jeito. A única coisa que mudou foi são as pessoas mais antigas que ficaram mais velhas e não deram conta de trabalhar e os filhos tomaram de conta da banca. E cada dia vai evoluindo mais, a gente fica mais velho e os filhos tomam de conta. E os filhos da gente ficam velhos depois deixam a feira não quer vir mais. Mas mudança em feira totalmente nela assim não teve não. A única mudança assim só teve de pai pra filho e de filho pra avô, e aí vai, né? Quem gosta fica, quem não gosta não segue. (FRANCINEIDE, 2023)⁵⁰

O ato de socializar os filhos, conforme Francineide e Vanessa descrevem, ao trabalho desenvolvido nas feiras é fator de compreensão e análise no que diz respeito a formação identitária que também imprimem na criação de seus filhos. Essa socialização implica numa transmissão de saberes que se tornam legítimos de uma geração a outra, é o que se percebe na fala de Vanessa um “dever” de repassar aos seus filhos os saberes do trabalho feirante. Desse modo, a socialização seria fator primordial na formação da identidade de geração posterior,

⁴⁹ Pergunta: **A senhora tem filhos? Eles participam ou já participaram do trabalho juntamente com você?** Resposta a partir do minuto 47:52 do áudio registrado dia 23 de Janeiro de 2023.

⁵⁰ Pergunta: **Houve mudanças na feira desde o período em que se estabeleceu? Poderia contar quais foram estas?** Resposta a partir do minuto 15:17 do áudio registrado dia 23 de Janeiro de 2023.

modelando também formas de leitura de mundo bem como a maneira de inserir-se no ambiente que ocupam.

O João era o que trabalhava nas chácaras comigo, ele ia colher verdura comigo, ele vinha montar barraca comigo mais o pai, ele entrava na horta e arrancava os matinho, fazia aquela limpeza, apesar da gente ter funcionário ele gostava, mas depois eu vi que...eu não, ele que viu...não era o que ele queria pra vida dele. Ele queria constituir a família dele, ter um emprego fixo, ter férias, poder conviver mais com a família. Porque esse trabalho aqui, o convívio da gente com os filhos...na época como eu trabalhava 5 dias na semana era muito pouco, então eu convivia mais a noite. Eles começaram a empurrar caixa pra mim os dois de fraldinha, de calcinha e de cueca, chegava na feira e empurrava as caixinha pra mim, mais é...cresceram aqui...aí pra vida deles, eles não levaram isso. Minha filha gosta de trabalhar on-line com marketing multimídia, ela gosta desse trabalho, e ele como ele já trabalha...já gosta de informática quer fazer engenharia elétrica..ele tá fazendo, né? Espero que uma hora ele termine, mas essa área de feira foi bom pra eles pra se comunicarem...eles se comunicam com qualquer pessoa, podem se comunicar e dialogar com qualquer pessoa. Foi a feira que ajudou a desenvolver isso nele. (MARIA DAS DORES, 2022)⁵¹

Por meio dos relatos e das conversas que tive com os feirantes, a maioria deste indivíduos aprendem e são inseridos em seus ofícios por meio de um membro da família. Enquanto alguns filhos de feirantes fazem da sua trajetória nas feiras o seu modo viável de sobrevivência, outros tem neste trabalho um momento temporário até conseguirem outros trabalhos longe das feiras. É o caso de João da Silva, filho da feirante Maria das Dores, que foi socializado ao trabalho da feira, mas por escolha seguiu seu próprio caminho profissional. Quando Maria das Dores aponta que João preferiu trabalhar com informática e engenharia elétrica, não há o propósito de desmerecer o trabalho feirante, mas sim demonstrar com orgulho a perspectiva de vida que seu filho tem em formar família e estudar, e neste caso a feira introjetou em sua formação valores, habilidades de interação social e comunicativa que compõem o seu modo de viver no mundo. Segundo João, a feira é também um lugar de ensinamentos, geração de valores e também um lugar de retorno.

São as pessoas que me viram crescer, são as pessoas que eu não tenho...realmente não tenho mais contato com nenhum deles fisicamente, minha vida econômica não é

⁵¹ Pergunta: **E os filhos da senhora, quantos tem e eles também tiveram essa cultura de vir pra feira e trabalhar com a senhora?** Resposta a partir do minuto 47:15 do áudio registrado dia 21 de Agosto de 2022.

mais a feira é a da minha mãe e ali sim, é o círculo social dela, a vida social dela, são os amigos do dia a dia dela, mas é quase como se fosse tipo assim meus tios da minha infância, e é quase todo mundo. É surreal isso! Eu encontro com...quando eu vou na feira hoje, levo minha filha, minha esposa, vou lá ajudar a minha mãe de vez em quando ou vou comprar alguma coisa até...é muito engraçado porque aí eu sento...e aí, como é que tá a vida, o que mudou? Teve uma situação onde eu estava desempregado um tempo atrás e eu voltei a fazer feira e a filha de uma feirante da minha geração..ela parou ali pra me ver...tanto é que ela chegou, me olhou e disse “poxa, João a gente tá aqui de novo?” Sabe...o bom pra ela é que era assim eu saí, mas se precisar a gente tá aqui de novo ! Mas aí depois quando você a pessoa me viu na infância, me viu crescer, me viu sair de lá, me viu voltar pra lá...é as primeiras pessoas com as quais foram assim a minha mãe com quem eu me importava com a opinião sobre mim, os primeiros que eu procurava que me validassem eram eles, entendeu! (JOÃO, 2023)

Através destes depoimentos que relatam a inserção dos filhos no trabalho feirante percebe-se os aspectos geracionais que tornam-se significativos e que devem ser considerados ao analisar estas experiências. As experiências passadas entre gerações são parte constituinte das identidades dos filhos destes feirantes, bem como a forma como estes representam estes espaços, gerando assim uma massa de conhecimentos acumulados. No momento da entrevista com João percebi como o passado nas feiras gerou uma estrutura de aprendizado não somente em aspectos da vida prática, mas também sobre a relevância e o impacto que a convivência com aquelas pessoas trouxeram pra sua vida no que diz respeito a validação da sua postura e ações diante do trabalho nas feiras.

Segundo Wivian Weller (2010) com os estudos de Mannheim que “caracterizam as gerações como processos dinâmicos e interativos” onde o surgimento de percepções de outros indivíduos de gerações variadas é visto como um “fenômeno da vida social responsável pela dinamicidade das sociedades” (MANNHEIN apud WELLER, 2010, p.211-212). João compreende que algumas práticas adquiridas através de sua mãe foram elementos que constituíram a sua formação enquanto adulto, embora algumas dessas práticas e vínculos de amizade estejam mais distantes no presente, o que representa uma forma dinâmica de entender aquilo que não lhe cabe mais, neste caso o trabalho como feirante e a manutenção do círculo de amizade com estas pessoas. Essa forma dinâmica de se perceber as representações criadas por diferentes gerações, enquanto processos dotados de movimento, permite que vivências passadas modelem comportamentos dos indivíduos ainda que de forma inconsciente, gerando um certo elemento de ligação das memórias coletivas:

“como modelos conscientes”, orientadores das ações e condutas dos indivíduos em sociedade; por outro, de forma “inconscientemente comprimida”, “intensiva” e “virtual”, ou seja: como uma espécie de ferramenta condensadora de todas essas experiências, perceptíveis nas reações trazidas à tona através da recordação dessas experiências (por exemplo: a sentimentalidade). Essa segunda modalidade de memória das vivências passadas remete a um aspecto importante da concepção sobre gerações de Mannheim, no qual o autor ressalta o conhecimento implícito acumulado, elaborando assim uma definição não biológica da velhice e das diferenças entre as velhas e novas gerações. (MANNHEIM apud WELLER, 2010, p.211-212)

Essa dimensão dinâmica de percepção da feira entre as gerações torna-se evidente conforme as observações cotidianas, onde indivíduos de diferentes gerações apresentam comportamentos e assimilações diferentes. Sobre essa marcação da diferença intergeracional, alguns fatores devem ser levados em consideração, como as características moldam determinadas gerações

Segundo as análises de Mannheim (2010), no que diz respeito ao conhecimento implícito acumulado relaciona-se com o aspecto da sentimentalidade e laços de afetividade presente nos feirantes e frequentadores das feiras. Muitos dos indivíduos de gerações mais recentes eram levados ainda quando criança a estes lugares, alguns para trabalhar nas bancas dando continuidade aos ofícios da família, outros acompanhavam seus pais nas compras de produtos e alimentos, entendidos como “mais frescos”, “mais baratos do que no mercado”. E deste modo, construíram suas representações do ambiente feirante a partir de experiências cotidianas que atravessam gerações. Essas colocações sobre transmissibilidade de saberes vistas no depoimento das três feirantes, combinam com as colocações de Candau (2021) no sentido de

Para viver e não apenas sobreviver, para ser transmitida e, sobretudo, recebida pelas consciências individuais “em inter-relação, em conexão de papéis, em complemento de funções”, essa combinação deve estar de acordo com o presente de onde obtém sua significação. Ela será autêntica, quer dizer que terá sua força - a de conferir aos membros do grupo o sentimento de compartilhamento de sua própria perpetuação enquanto tal - de sua autoridade, aquela de uma transmissão efetiva e aceita. (CANDAU, 2021, p.121)

Não se pode pensar o feirante como um grupo homogêneo e completamente harmônico, pois os grupos diferenciam-se entre si de forma plural, conforme seus laços de sociabilidade e tensionamentos próprios do espaço que ocupam e imprimem nele as suas

identidades. É a partir do aspecto geracional, das vivências e experiências dos feirantes que foram entrevistados que se pode entender a forma como estes indivíduos preservaram e transmitiram os seus modos de fazer a feira e os laços de sociabilidade para as gerações posteriores. E assim, as feiras são espaços múltiplos de práticas e interações sociais de modo que o cotidiano e as identidades se entrelaçam, uma vez que as identidades se formam a partir do cotidiano e o cotidiano é ressignificado a partir das identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar este trabalho com essas duas feiras da Praça do Bicalho e das entrequedras da QND, apesar de serem geograficamente próximas uma da outra, foi em muitos momentos algo desafiador. Aponto como um trabalho difícil no sentido de que foi necessário sensibilidade em todos os processos que esta pesquisa demandou. As duas feiras possuem processos distintos de formação e estrutura de funcionamento, ainda que seus feirantes sejam praticamente os mesmos. Por se tratarem de ambientes de funcionamento dinâmicos e de intensas trocas sociais, por muitas vezes tive receios com relação ao início do processo de entrevistas, já que era necessário apresentar-me para o feirante, explicar o procedimento da pesquisa e mostrar a ele a documentação necessária para realizá-la.

Delimitar a quantidade de entrevistas que iriam compor o meu trabalho, o formato de roteiro de entrevistas e como fazê-las também foi resultado de muitas reflexões enquanto pesquisadora. Foi neste sentido que as aulas de Tópicos Especiais em História Oral, ministradas pelo professor Robson Laverdi na Universidade Estadual de Ponta Grossa tiveram uma contribuição cara a esta pesquisa. As leituras e indicações feitas nesta aula, fizeram-me pensar a História Oral não somente como uma metodologia e um manual a ser seguido, mas sim como um campo fecundo de possibilidades, onde se produziria uma narrativa a partir da história de vida de outras pessoas, onde o entrevistado seria co autor da pesquisa.

Numa narrativa oral, a linguagem é um processo ativo onde os sujeitos vivem uma estrutura de sentimentos e uma luta de pertença a determinados processos. Portanto, coube a mim enquanto pesquisadora entender a entrevista não somente como o momento de fala de um sujeito, mas visualizá-la como um processo político dotado de massas de memórias que se desdobravam de acordo com o sentido que o entrevistado lhe conferia. Sendo assim, a narrativa tornava-se uma experiência sendo construída no momento da fala, onde se fazia necessário analisar e compreender como as experiências dos feirantes dentro de seus espaços produzem sentido sobre seus modos de fazer, conviver, socializar e trabalhar nas feiras.

Ao entrevistar a primeira feirante, Maria das Dores, pude perceber a dimensão daquele momento, onde eu finalmente estava ouvindo o relato de uma mulher que construiu sua vida naquele lugar, suas memórias e experiências eram parte da visão de mundo que tinha. Ao fazer essa entrevista num caixote de madeira frente a frente a minha entrevistada,

senti também o ânimo em continuar aquele procedimento, realizar a transcrição e perceber os sentidos que eram despertados e os tempos que reverberam naquela fala.

E esses depoimentos foram também problematizados no sentido de que eu não os romantizasse e perdesse ali as camadas de conflitos que também se desvelam e as identidades que se forjava no momento da fala. Ao longo deste trabalho, e a partir do que os relatos traziam, senti a necessidade de apropriar-me de conhecimentos históricos em múltiplas possibilidades do saber. E assim trouxe as discussões em diálogo com áreas como a Geografia, no que diz respeito à feira enquanto circuito inferior da economia, espaços de resistência. Outra área do conhecimento constantemente acessada e colocada neste trabalho com o intuito de situar o debate histórico sobre as feiras, foram as descrições etnográficas embasadas na Sociologia. Foi através desse campo do conhecimento que pude ampliar o meu olhar enquanto pesquisadora sobre aspectos mais significativos sobre o lugar que seria a pesquisa, neste caso fiz descrições mais densas sobre cada uma das duas feiras.

E assim, estes feirantes nas duas feiras constroem e se reconstroem dentro do dinamismo das práticas cotidianas, os seus saberes ao longo das suas trajetórias de trabalho e suas histórias de vida, que devem ser devidamente valorizadas dentro do campo de possibilidade de estudos de memória, identidades e representações sobre o espaço urbano. Diante do exposto nos relatos aqui produzidos, um dos apontamentos mais significativos para este trabalho e que me gerou também um grande aprendizado, consiste em olhar a feira além de um espaço de trocas comerciais, mas um lugar de sociabilidade e potente rede de apoio. Este foi um aspecto observado como ponto comum na maioria das entrevistas que em diversos momentos consideravam o “fazer a feira” como terapêutico.

Este trabalho permitiu-me uma imersão nas práticas conhecidas por Certeau (1994) como “saber fazer” e “saber dizer”, através dos gestos, das vozes e dos atos de negociação próprios do ambiente feirante. Foi na observação das interações entre feirantes e fregueses, as motivações de realizar as compras na feira, as preferências pelos produtos oferecidos, a performance e a linguagem corporal, onde percebi as relações de identidade e pertencimento construídas neste cotidiano urbano. A criatividade é algo que se fazia presente nas formas de organizar as bancas, expor os produtos e montar uma composição de cores, cheiros e sabores o que acabava por acessar minhas memórias afetivas onde muitas vezes me reconheci naquele ambiente, e também dentro da minha própria pesquisa, uma vez que a escolha desta temática partiu da minha própria vivência como frequentadora de feiras do Distrito Federal.

As particularidades destas relações estabelecidas nas feiras evocam também elementos que constituem as cidades, neste caso a Região Administrativa de Taguatinga, onde estes mercados de rua são importantes para a formação urbana. Neste trabalho, as práticas mobilizadas em torno de “fazer a feira” estão associadas às trajetórias que compõem a memória da cidade, onde as transformações do espaço urbano são também moldadas nestas práticas cotidianas.

Para os próprios entrevistados as feiras do Bicalho e QND representam mais do que um lugar de geração de renda, mas são lugares compostos por indivíduos que também são parte de suas vidas. Existem ali histórias e memórias compartilhadas, lutas de apropriação e manutenção do espaço, amigos e conhecidos que intercedem uns pelos outros na resolução de problemas práticos. Os risos, as conversas e as pechinchas feitos pelos corredores denotam sociabilidades, articulação de saberes, encontros e compartilhamento de experiências.

Ao longo da pesquisa, através das observações em campo, pude perceber os elementos que conectam as duas feiras, mas também os aspectos que a diferenciavam. A Feira do Bicalho assemelha-se a um mercadão no dia de domingo, predominando a venda de verduras e folhagens seguida das bancas de doces, queijos, temperos e os açougues. O corredor é mais extenso e largo, onde o fluxo de pessoas é ainda maior e também diverso. Já a feira da QND, que apesar de ter quase os mesmos feirantes do Bicalho, é uma feira menor em extensão e em largura de corredor. Por situar-se entre quadras, seu público é menor, porém mais específico e direcionado, e que contém os clientes que são frequentes nos dias de quinta feira. Por esta condição, as entrevistas feitas nesta feira foram mais delongadas, uma vez que possuía um fluxo menor de passantes.

A documentação escrita não traz estes pormenores que a História Oral nos oferece, perceber as estruturas de emoções, as subjetividades das falas tão caras a esta pesquisa, a forma como estes feirantes representam, se auto representam e inserem-se nas dinâmicas do cotidiano. Poder trabalhar com relatos orais que trazem os olhares dos feirantes é uma forma de criar um modo dialógico que possibilite uma pluralidade de vozes de como interpretam a historicidade dessas feiras.

Considerando as questões acima, espero que academicamente as experiências aqui narradas contribuam para que outras pesquisa sejam feitas no campo da historiografia, pois os relatos produzidos aqui por meio da História Oral são campos fecundos de possibilidades dos estudos dos “saber fazer”, no que diz respeito ao trabalho feirante. Há aqui o entendimento de

que estas feiras são também espaços de sociabilidade que marcam a vida dos moradores da cidade. Poder escrever esta pesquisa partindo das relações de memória, identidades e representações por meio das vozes dos atores sociais envolvidos no processo histórico, permite aprofundar as análises e registros de fontes sobre as Feiras do Bicalho e da QND, que podem servir como subsídios para futuras reflexões de outros trabalhos sobre Feiras Livres no Distrito Federal.

FONTES:

COSTA, Mayara Freire. Entrevista com **Maria das Dores**. Brasília, 21/08/2022, áudio MP3, 54 min.

COSTA, Mayara Freire. Entrevista com **Divino**. Brasília, 21/08/2022, áudio MP3, 97 min.

COSTA, Mayara Freire. Entrevista com **Antônio Querino**. Brasília, 21/08/2022, áudio MP3, 48 min.

COSTA, Mayara Freire. Entrevista com **Carlos**. Brasília, 21/08/2022, áudio MP3, 35 min.

COSTA, Mayara Freire. Entrevista com **Francineide**. Brasília, 23/01/2023, áudio MP3, 58 min.

COSTA, Mayara Freire. Entrevista com **Manoel**. Brasília, 21/08/2022, áudio MP3, 41 min.

COSTA, Mayara Freire. Entrevista com **Vanessa**. Brasília, 23/01/2023, áudio MP3, 97 min.

COSTA, Mayara Freire. Entrevista com **João**. Brasília, 27/05/2023, áudio MP3, 102 min.

COSTA, Mayara Freire. Entrevista com **Sheila**. Brasília. 23/01/2023, áudio MP3, 39 min.

FONTES DO ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

ABIKIAN, Armene Nerces Abrahan. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2001. 52p.

PAULA, José Cosmo de. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2001. 36p.

PINTO, Elmiro da Cunha. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2003. 23 p

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro. Fazendo a Feira: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates - MG. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 8, n. 1, 2017.

AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **Revista História**. São Paulo, Ed. UNESP, V 14, 1995.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: LEACH, Edmund et all. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. **Revista Brasileira de História**, v. 17, n. 33, p. 293-305, 1997.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas - uma síntese metodológica. In: **Revista Portuguesa de História**, v. 2, n. 10, p. 421-443, 2021.

BARROSO, Eloísa Pereira. Brasília sob o olhar de Clarice Lispector nas crônicas “Brasília: esplendor doze anos depois” e “Acompanhada pelo som de uma valsa sob sugestivo título sangue vienense”. In: **História Oral e Metodologia de Pesquisa em História: Objetos, abordagens, Temáticas**/Cléria Botelho da Costa; Clerismar Longo; Eloísa Pereira Barroso. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

BARROSO, Maria Helenice; BARROSO, Maria Veralice. História Oral, Memória e Cidadania. In: **História Oral e Metodologia de Pesquisa em História: Objetos, abordagens, Temáticas**/Cléria Botelho da Costa; Clerismar Longo; Eloísa Pereira Barroso. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas**; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDINO, Virgílio Manuel Pereira. Os espaços do capital vistos pelos lugares de resistência: as feiras dos produtores de Maringá (PR) e Leiria (Portugal). In: *Estudos Urbanos: Conceitos, Definições e Debates*. Marcos Clair Bovo; Fábio Rodrigues da Costa (orgs.) Unespar: Fecilcam. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1989.

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v. 2.

BRITO, Jusselma Duarte de. **De Plano Piloto a metrópole: a mancha urbana de Brasília**. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.

BUSSO, Mariana. Las férias comerciales: también un espacio de trabajo y socialización. Aportes para su estudio. **Núcleo Básico de Revistas Científicas Argentinas del Conicet**, Verano, Santiago del Estero, Argentina, n. 16, v. XV, 2011.

CABANA, Rocío del Pilar López; ICHIKAWA. As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá. **O&S**. Salvador, v. 24, n. 81, abril-jun, 2017. p. 285-304

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, 219 p.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, vol. 5, nº 11, São Paulo. Jan/Abr, 1992.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL – CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios: Taguatinga**– PDAD 2018. Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Taguatinga.pdf> Acesso em: 23 set. 2021

CONRADO, Mônica; ALENCAR, Breno. Família de feirante, feirante também é: mães, pais, filhos e netos da feira da Prainha do Belém do Pará. In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADES**, 2005, São Luiz. Rio de Janeiro: ED. Biblioteca Nacional, 2005.

CRESCENCIO, Isabel Escobar. **Chás da Memória no Arquivo Público do Distrito Federal: experiências de rememoração da história e a construção de uma História Pública**. Disponível em:

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364673928_ARQUIVO_Crescencio.Anpuh.pdf.

DAHER, Andrea, “**La historia cultural como historia de las prácticas letradas en Brasil**”, in: **La historia cultural**. Un giro historiográfico mundial, org. Philippe Poirrier (Valência: Publicaciones de la Universitat de València, (2012), 201-215

DA COSTA, Everaldo Batista; PELUSO, Marília Luiza. Territórios da memória candanga na construção da capital do Brasil (1956-1971). In: **XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, Rio de Janeiro, 18 – 22 de novembro de 2013

DERNTL, Maria Fernanda. Dos espaços modernistas aos lugares da comunidade: memórias da construção das cidades-satélites de Brasília. **RESGATE – Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 1, p. 11-34, 2019.

DISTRITO FEDERAL. Lei Nº 4.748, DE 2 DE FEVEREIRO DE 2012

DOLZANI, Miriam; MASCARENHAS, Gilmar. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na Metrópole Contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 72-87, ago. 2008.

DUARTE, L. F. D. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: CNPq, 1986.

GODOY, W.I.; ANJOS, F.S. dos. O perfil dos feirantes ecológicos de Pelotas-RS. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007b.

GUIMARÃES, Camila Aude. A feira livre na celebração da cultura popular. 2010. USP. São Paulo. Disponível em Acesso em: 21 mai. 2022.

GUPTA, A; FERGUSON, J. **Culture, power, place: explorations in critical anthropology**. London: Duke University Press, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOLSTON, James. **Cidade Modernista: Uma Crítica de Brasília e sua Utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
_____. **Da diáspora: Identidades e meditações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

_____. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: Apicuri, 2016

LAPLANCHE J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

MADEIRA, Angélica; VELOSO, Mariza. **Um Estudo sobre as Feiras Permanentes de Brasília**. Brasília: IPHAN/ 15º Superintendência Regional, 2007

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). **Na metrópole – textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MASCARENHAS, Gilmar. Modernidade Urbana e Flexibilidade Tropical: as feiras livres na Cidade do Rio de Janeiro. In **Revista GeoUerj**, 1997, nº 2, pp. 29-41

MATOS, Benedito Eivaldo de Souza. **O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal. Distrito Federal**. (IH/GEA/UnB, Licenciatura. Geografia, 2012). Monografia, Trabalho Final em Geografia II. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências. Departamento de Geografia. 2012, 42 p.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. “História oral como fonte: problemas e métodos”. **Historiae, Periódicos FURG**: Rio Grande/RS, 2011.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Volumes 1 e 2. São Paulo:E.P.U./EDUSP, 1974.

MENESES, Ulpiano. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In Iphan: **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistemas Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**. Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: Iphan, 2012. p 25-39.

_____. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-23, 1992.

MIRANDA, Gustavo. **A cidade e a feira no tempo: perdas e ganhos no processo de remoção da feira de Caruaru.** Disponível em: http://www.labcom.fau.usp.br/wpcontent/uploads/2015/05/2_cincci/4012%20Miranda.pdf. Acesso em: 11 de Mar. 2021.

NASCIMENTO, Walkiria do. Etnografia em uma feira livre; o cenário, o dia de feira, os personagens e a sociabilidade. In: **Etnografias urbanas: espaço, imagem e diferença na cidade.** João Pessoa: GUETU, 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In. Projeto História: **Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP.** São Paulo, 1981: p. 7-28.

PAVIANI, Aldo. **Brasília, ideologia e realidade: o espaço urbano em questão.** São Paulo: Projeto, 1985.

_____; DE CAMPOS GOUVÊA, Luiz Alberto (Ed.). **Brasília, controvérsias ambientais.** Brasília: Editora UnB, 2003

_____. **A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília.** Brasília: Editora UnB, 1991

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989

PORTAL IPHAN/PE. Feira de Caruaru. Pernambuco, 2014. Disponível em:

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo. **Revista do Departamento de História da UFF.** Rio de Janeiro: UFF, v.1, n.2, 1996.

_____. O que faz a história oral diferente. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 14, 1997.

_____. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História: Revista de Estudos do Programa de Pós-graduados em história do departamento da PUC-SP.** SP, Brasil, 1981, dez, 93.

QUEIROZ, Vitor. Na rua, no meio do redemoinho: das mediações de Exu no espaço público à ação político-ritual em dois contextos afro-religiosos. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 42(1): 127-151, 2022.

SANTANA, Valéria Barreiro Postali. A cidade contemporânea e os circuitos da economia urbana. In: **Estudos Urbanos: Conceitos, Definições e Debates.** Marcos Clair Bovo; Fábio Rodrigues da Costa (orgs.) Unespar: Fecilcam. 2017.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Coleção Ciências Sociais)

SARLO, Beatriz. **Tempo passado. Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, p. 95-102, 2007. Edição Especial.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA FILHO, Antônio Rodrigues da. **O projeto de sinalização do Distrito Federal: arqueologia histórica: programação visual aplicada à arquitetura e urbanismo**. 303 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e Memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. In **Revista Méti: História & Cultura**, v. 6, n. 12, p. 35-44.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Entre o asfalto e a terra: a fecundidade educativa do cotidiano poético da cidade. In – **DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Et al. (Orgs.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte, Autêntica, 2010,

SOUZA, Carolina Rezende de. As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho educação. **Trabalho Necessário**, ano 13, n. 22, 2015.

TAVARES, Breitner Luiz. “**Feira do rolo na Pedagogia da Malandragem**”: **Memória e representações sociais no espaço urbano de Ceilândia – DF**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília (UnB). Brasília, p. 137. 2005.

THOMPSON, E. P. Thomson. Introdução: Costume e cultura. **In: Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

VASCONCELOS, Adirson. **As cidades satélites de Brasília**. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1988.

VEDANA, Viviane. “**Fazer a feira**”: estudo etnográfico das “**artes de fazer**” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

_____. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, vol. 29 n° 39, Porto Alegre, 2013

_____. **No mercado tem tudo o que a boca come: Estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no urbano contemporâneo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

WEBER, Max. Conceitos e categorias da Cidade. In: **O Fenômeno Urbano, Otávio Velho (organizador)**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é algo comum**. Recursos da esperança. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. *Marxismo y literatura*, Barcelona. *Península*, v. 198, 1980. Trechos/Conceitos: **Cultura, Linguagem, Tradições, Instituições formações, Dominante, residual e emergente, Estruturas de sentimentos, Sociologia da Cultura**. p. 21 a 58.

WOODWARD, Kathryn. Identidade de diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

